

**MARIA SUELY DE OLIVEIRA LOPES
SHARMILLA O'HANA RODRIGUES DA SILVA
FRANCISCO WILTON RIBEIRO DE CARVALHO
(ORGANIZADORES)**

LIVRO DE RESUMOS

**II Simpósio Nacional do Grupo de Estudos
Metaficcionais em Narrativas Literárias: América
Latina e os esquecidos da História**

&

**III Simpósio Nacional do Grupo de Estudos
Interdisciplinares de Literatura: Gênero, Memória
e Resistência na literatura contemporânea**



**UESPI
Teresina
2025**

MARIA SUELY DE OLIVEIRA LOPES
SHARMILLA O'HANA RODRIGUES DA SILVA
FRANCISCO WILTON RIBEIRO DE CARVALHO
(ORGANIZADORES)

LIVRO DE RESUMOS

**II Simpósio Nacional do Grupo de Estudos Metaficcionais em
Narrativas Literárias: América Latina e os esquecidos da
História
&
III Simpósio Nacional do Grupo de Estudos Interdisciplinares de
Literatura: Gênero, Memória e Resistência na literatura
contemporânea**

TERESINA-PI
NOVEMBRO/ 2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu
Vice-Reitor

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Josiane Silva Araújo
Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Raurys Alencar de Oliveira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábria de Kássia Mendes Viana Buenos Aires
Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo
Pró-Reitora Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Ivoneide Pereira de Alencar
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



Rafael Tajra Fonteles Governador do Estado

Themístocles de Sampaio Pereira Filho Vice-Governador do Estado

Evandro Alberto de Sousa Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu Vice-Reitor

Administração Superior

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Josiane Silva Araújo Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Rauirys Alencar de Oliveira Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo Pró-Reitora Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

**Ivoneide Pereira de Alencar Pró-Reitora de Extensão, Assuntos
Estudantis e Comunitários**

Marcelo de Sousa Neto Editor

Organizadores Projeto Gráfico / Diagramação

Organizadores Revisão

EdUESPI E-book

Endereço eletrônico da publicação: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/289>

S5881 Simpósio Nacional do Grupo de Estudos Metaficcionais em Narrativas Literárias (2. : 2025 : Teresina, PI) .
Livro de Resumos do II Simpósio Nacional do Grupo de Estudos Metaficcionais em Narrativas Literárias e do III Simpósio Nacional do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Literatura / Organizado por Maria Suely de Oliveira Lopes, Sharmilla O'Hana Rodrigues da Silva e Francisco Wilton Ribeiro de Carvalho. - Teresina: FUESPI, 2025.
Obra digital.
Temática: América Latina e os esquecidos da história e Gênero, memória e resistência na literatura contemporânea.
ISBN: 978-85-8320-287-5
1. Narrativas Metaficcionais. 2. América Latina. 3. Gênero. 4. Esquecidos da História. 5. Memória e Resistência - Literatura Contemporânea. I. Lopes, Maria Suely de Oliveira (Org.) . II. Silva. Sharmilla O'Hana Rodrigues da (Org.) . III. Carvalho, Francisco Wilton Ribeiro de (Org.) . IV. Título.
CDD 469.07

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
ANA ANGELICA PEREIRA TEIXEIRA (Bibliotecário) CRB-3ª/1217

Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI

Rua João Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI

Todos os Direitos Reservados

COMISSÃO ORGANIZADORA

Maria Suely de Oliveira Lopes-UESPI/PPGLETRAS/CNPQ

Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva-UESPI

Francisco Wilton Ribeiro de Carvalho - UESPI

Karla Viviane Oliveira Santos - IDF

Crislayde Maria de Sousa - UESPI

Elane Santiago Ribeiro - UESPI/CNPQ

Lennon Marques dos Santos - UESPI

Sebastião Alves Teixeira Lopes - UFPI

Franklin Oliveira e Silva - UESPI

Algemira de Macêdo Mendes - UESPI

Diógenes Buenos Aires de Carvalho - UESPI

Feliciano José Bezerra Filho - UESPI

Raimundo Silvino do Carmo Filho-UESPI

Raimunda Celestina Mendes da Silva - UESPI

José Wanderson Lima Torres - UESPI

Silvana Maria Pantoja dos Santos - UESPI/UEMA

Margareth Torres de Alencar Costa - UESPI/UFPI

Ruan Nunes Silva - UESPI

Vanessa Feitosa Oliveira - UESPI

Marcela Croce - UBA

Susana Cella - UBA

Karine Rocha - UFPE

Luciana da Costa Dias - UNB

Leidiana Lima Freitas - IFPI

Cindy Costa - UFPI

José Oliveira Costa Filho - UEMA

Maria Cleciane Sousa Silva -UESPI

Elisângela da Cruz Penha Torres-UESPI

Tharcylla Beatriz Fontenele Oliveira-UESPI

COMITÊ CIENTÍFICO

Maria Suely de Oliveira Lopes - PPGLETRAS/UESPI

Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva-UESPI

Francisco Wilton Ribeiro de Carvalho - UESPI

Karla Viviane Olivira Santos - IDF

Lennon Marques dos Santos - UESPI

Sebastião Alves Teixeira Lopes - UFPI

Margareth Torres de Alencar Costa - UESPI/UFPI

Ruan Nunes Silva - UESPI

Marcela Croce - UBA

Susana Cella - UBA

Diógenes Buenos Aires de Carvalho - UESPI

Algemira de Macêdo Mendes - UESPI

Feliciano José Bezerra Filho - UESPI

Raimunda Celestina Mendes da Silva - UESPI

José Wanderson Lima Torres - UESPI

Silvana Maria Pantoja dos Santos - UESPI/UEMA

Vanessa Feitosa Oliveira - UESPI

Marcela Croce - UBA

Susana Cella - UBA

Karine Rocha - UFPE

Luciana da Costa Dias - UNB

APRESENTAÇÃO

É com alegria que apresentamos o Livro de Resumos do **II Simpósio Nacional do Grupo de Estudos Metaficcionais em Narrativas Literárias** e **III Simpósio Nacional do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Literatura**, evento realizado em Outubro de 2025 e promovido pelo Grupo de Estudos Metaficcionais e Narrativas Literárias (GEMETAFIC) e Grupo de Estudos Interdisciplinares de Literatura (INTERLIT), ambos da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e que teve como temas “América Latina e os esquecidos da História” e “gênero, memória e resistência na Literatura Contemporânea”.

A reflexão sobre a América Latina requer a consideração simultânea do passado e do presente, uma vez que a região se constitui como um espaço marcado por contradições históricas, vozes silenciadas e memórias soterradas. Durante longos períodos, a história do continente foi narrada majoritariamente por um “olhar de fora”, o que contribuiu para o apagamento de povos, culturas e experiências internas. No entanto, aqueles que foram relegados à condição de “esquecidos” emergem como sujeitos políticos capazes de se manifestar por meio de outras formas de expressão e de resistência.

As vozes marginalizadas, ao serem recuperadas, mostram-se capazes de reinventar a linguagem, reconfigurar as noções de história e memória, e questionar as pretensas verdades estabelecidas. Assim, o passado é constantemente revisitado e reinterpretado a partir de múltiplas perspectivas, abrindo espaço para leituras mais complexas e plurais do processo histórico. Nesse sentido, a metaficção historiográfica oferece um caminho profícuo para compreender as intersecções entre literatura e história, permitindo o resgate da memória, a restituição do protagonismo aos sujeitos esquecidos e o reconhecimento de outras formas de humanidade e de saber.

A linguagem escrita, nesse contexto, torna-se um instrumento de emancipação, capaz de fomentar um presente mais consciente e apto a acolher a pluralidade de vozes que compõem a identidade continental. O desafio que se coloca aos pesquisadores latino-americanos consiste em aprofundar o processo de descolonização do pensamento, questionar o cânone, ampliar o espaço para novas epistemologias, promover o diálogo entre diferentes saberes e valorizar as narrativas que emergem das margens. A América Latina é, portanto, um continente de memória viva, no qual os outrora esquecidos continuam a interpelar o presente e a colaborar na construção de uma nova história — mais justa, plural e profundamente humana.

Neste sentido, este Livro de Resumos contempla as propostas de comunicação apresentadas em Grupos Temáticos, coordenados por docentes pesquisadores de diferentes instituições brasileiras, e que abordam a subjetividade humana diante de questões de gênero, violência, censura, trauma, silenciamento, resistência, da reescrita de textos canônicos, do insólito, do gótico, da metaficção em sua interpretação da linguagem e da própria história. Todos esses temas nos levam a refletir sobre a produção de nossa literatura, a representação de nossa identidade, e a construção de nosso futuro, demonstrando que as pesquisas apresentadas têm como objetivo dar voz a esses esquecidos e recuperar a memória dos grupos marginalizados.

Os organizadores e coordenadores

Maria Suely de Oliveira Lopes
Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva
Francisco Wilton Ribeiro de Carvalho

SUMÁRIO

A BUSCA PELO “GRANDE TALVEZ” EM QUEM É VOCÊ, ALASCA? DE JOHN GREEN A LUZ DAS REFLEXÕES DE SANTO AGOSTINHO SOBRE O SENTIDO DE VIDA EM CONFISSÕES	18
A CONSTRUÇÃO DA METÁFORA NO CONTO AS TÂMARAS MADURAS, DE JOVINA BENIGNO	19
A DEVASTAÇÃO NAS RELAÇÕES MÃE E FILHA NA OBRA “UM AMOR INCÔMODO” DE ELENA FERRANTE	19
A DISJUNÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERPRETATIVA DO ESPAÇO NA OBRA MAD MARIA DE MÁRCIO SOUZA	20
A DITADURA MILITAR EM SOBRE O QUE NÃO FALAMOS (2023), DE ANA CRISTINA BRAGA MARTES	21
A EVOLUÇÃO DOS ELEMENTOS GOTICIZANTES NO CONTO “RAMBLA TRISTE”, DE MARIANA ENRIQUEZ	22
A FICCIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA EM “VOLTO SEMANA QUE VEM” DE MARIA PILLA	23
A HIPÉRBOLE DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA LATINO-AMERICANA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE MEXICANO TEMPORADA DE FURACÕES	24
A IMAGEM DA MORTE: PERSONIFICAÇÃO E SIMBOLISMO NA LITERATURA	25
A INTERSECCIONALIDADE EM QUARTO DE DESPEJO E CARTAS A UMA NEGRA	26
A LEGIÃO ESTRANGEIRA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA CLARICEANA	26
A LÍNGUA DE EULÁLIA: UMA ANÁLISE DA LITERARIEDADE E DO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NO ROMANCE DIDÁTICO, DE MARCOS BAGNO	27
A LITERATURA INFANTIL COMO RESISTÊNCIA À CENSURA: UMA LEITURA DE "QUANDO A ESCOLA É DE VIDRO", DE RUTH ROCHA	28
“AMÉRICAS, VOU LHES CONTAR A MINHA HISTÓRIA”: O NOVO ÉPICO AMEFRICANO NA POESIA DE ELIO FERREIRA	29

A METAFICÇÃO E INTERSECCIONALIDADE EM “MARIA” E “ANADAVENGA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO	30
A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM ORAÇÃO PARA DESAPARECER DE SOCORRO ACIOLI	30
A MORTE E O MISTICISMO EM POEMAS DO LIVRO PRESSÁGIO DE HILDA HILST	31
“ANA DAVENGA” E OS SILÊNCIOS DA VIOLÊNCIA: ESCRITA, SUBJETIVIDADE E RESISTÊNCIA NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	32
ÂNGELA PRALINI E O PERSONAGEM AUTOR: ESCRITORES EM ABISMO <i>EM UM SOPRO DE VIDA</i>	33
ÂNGELES MASTRETA E SUAS MULHERES DE OLHOS GRANDES	34
A PERSPECTIVA FEMINISTA DAS MULHERES QUE ESCRIVEM HORROR: ANÁLISE DOS CONTOS DE KAREN ALVARES E MARIA FERNANDA AMPUERO	34
A POÉTICA DE MULHERES NA REVISTA A MENSAGEIRA	35
A REPRESENTAÇÃO DA AMANTE EM NOTAS SOBRE A IMPERMANÊNCIA, DE PAULA GICOVATE, E A PEDIATRA, DE ANDRÉA DEL FUEGO	36
ARQUIVOS DA AUSÊNCIA E INSURGÊNCIAS DA MEMÓRIA: SUBJETIVIDADE NEGRA EM DAS ÁGUAS, DE CRISTIANE SOBRAL	37
ARTICULAÇÃO ENTRE A OBRA MULHERES, RAÇA E CLASSE, DE ANGELA DAVIS E O CONTO ANA DAVENGA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO	38
ARTIMANHAS DA METAFICÇÃO EM MACHADO (2016) E EM LIBERDADE (1981), DE SILVIANO SANTIAGO	39
AS PERSONAGENS FEMININAS NO ROMANCE A CASA, DE NATÉRCIA CAMPOS	40
AS REPRESENTAÇÕES DA ANCESTRALIDADE DE MÃES NEGRAS NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE KOTA GANDALECI	41
ATRÁS DOS VERSOS DAS MENINAS SÉRIAS: INTERTEXTUALIDADE E FIGURAÇÕES DA MULHER EM ANA CRISTINA CESAR	42
A SEREIA SEM IDEIAS CANTA: O CORPO LIVRE NA POESIA DE LISIANE ANDRIOLLI DANIELI	42
AUSÊNCIAS E PRESENÇAS EM MEU TIO CHEGA AMANHÃ E LA LÍNEA	43

AUTORES EM ABISMO NA FICÇÃO DE GRACILIANO RAMOS E SEUS LIVROS “EMPERRADOS”	44
A VIOLÊNCIA CONTRA MINORIAS E O SUJEITO OPRESSOR COLETIVO EM CAMILA SOSA VILLADA	45
A VIOLÊNCIA DA DITADURA MILITAR TEMATIZADA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE MULHERES	46
A VIOLÊNCIA NO PROCESSO DE AMADURECIMENTO FEMININO EM O INVENCÍVEL VERÃO DE LILIANA (2022)	46
A VIVÊNCIA AFETIVA DA AFRO-MULHER NO CONTO ABAJUR, DE MIRIAM ALVES	47
A VOZ DO CÁRCERE E O GRITO DA MODA: ALEX POLARI E ZUZU ANGEL NA ESCRITA ESTEMUNHAL	48
BLOG LITERÁRIO NORDESTINADOS A LER: UMA CONTRIBUIÇÃO NA DISSEMINAÇÃO DAS VOZES LITERÁRIAS DA REGIÃO NORDESTE	49
CALIBÃ COMO CONCEITO-METÁFORA	50
CARTA À RAINHA LOUCA, DE MARIA VALÉRIA REZENDE, SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS HISTÓRICOS E DE GÊNERO	51
CORPO, MEDO E RESISTÊNCIA: O HORROR FEMINISTA EM SANGUE DE CABRA, DE MYLENA QUEIROZ E REDEMOINHO EM DIA QUENTE, DE JARID ARRAES	51
CORPOS, CULTURAS E IDENTIDADES EM FINISTERRE (2005), DE MARÍA ROSA LOJO	52
CRIANÇAS QUE MATAM, INFÂNCIAS QUE DESAPARECEM: O INSÓLITO E O MAL EM BIG BROTHER ISN’T WATCHING YOU, DE TEOLINDA GERSÃO	53
DEPOIMENTOS DA EXPERIÊNCIA LÉSBICA: O PAPEL DA LITERATURA	54
DESESTABILIZANDO O CÂNONE: REESCRITAS FEMINISTAS E PÓS-COLONIAIS EM MORRISON, NUNEZ E ATWOOD	55
DESVENDANDO A IDENTIDADE LATINA-AMERICANA EM O MANTO DA NOITE DE CAROLLA SAAVEDRA: UM DESPERTAR PÓS COLONIAL PELA CORDILHEIRA DOS ANDES	56
DIREITO, LITERATURA E MEMÓRIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA HERDEIRAS DO MAR, DE MARY LYNN BRACHT	57

DO SILÊNCIO À PRESENÇA: A MEDIAÇÃO INTELECTUAL DE DELCI MARIA TITO NA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS (APL)	58
DO TESTIMONIO AO ROMANCE-TESTEMUNHO: VERTENTES DIFUSAS NASCIDAS DE CÁRCERES	59
DR. BRUXELAS: MALANDRAGENS E CONSPIRAÇÕES AMOROSAS NA OBRA DE FULGÊNCIO PINTO	59
EM NOME DE UMA LEGIÃO: VOZES FEMININAS E MEMÓRIAS NAS NARRATIVAS LITERÁRIAS	60
ENTRE A SUBMISSÃO IMPOSTA E A SUBVERSÃO VELADA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM MARIA DALUZ EM ATRAVÉS DA VIDA, DE AMÉLIA BEVILÁQUA	62
ENTRE HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS: MEMÓRIA E IDENTIDADE EM JUAZEIRO DO NORTE PELA VOZ DE DONA TOINHA	63
ENTRE MANUELA E SUHURA, ENTRE RESISTÊNCIA E ALTERIDADE: UMA LEITURA MATERIALISTA DE “NINGUÉM MATOU SUHURA”, DE LÍLIA MOMPLÉ	64
ENTRE O FARDO E AFETO: A INFLUÊNCIA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO AMOR MATERNO NAS AÇÕES DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM QUARTO DE DESPEJO	65
ENTRE O HISTÓRICO E O INSÓLITO: A RESSIGNIFICAÇÃO DE JOANA CAMELO E O RESGATE CULTURAL NO REALISMO FANTÁSTICO DE SOCORRO ACIOLI	66
ENTRE O REAL E O MÁGICO: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS ENTRE GIOCONDA BELLI E LAURA ESQUIVEL	67
ENTRE OS FRAGMENTOS DO CORPO: TRAUMA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CORPO DESFEITO DE JARID ARRAES	67
ENTRE TITÃS E HUMANOS: MONSTRUOSIDADE E HORROR CORPORAL EM ATTACK ON TITAN	68
ESCREVIVÊNCIAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA EM QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA	69
ESCRITA AUTORAL FEMININA À MEIA-LUZ: CARTOGRAFIAS DO MEDO E DA VIOLÊNCIA	70
ESCRITA DE SI E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM CARTAS PARA MINHA MÃE DA AUTORIA DE TERESA CÁRDENAS	71
ESCRITAS DE SI E VIOLÊNCIA EM MELHOR NÃO CONTAR, DE TATIANA SALEM LEVY	72

E SE TODAS AS PERSONAGENS VIVESSEM NUM MUNDO SÓ? — OU COMO A LIGA EXTRAORDINÁRIA PÕE EM JOGO TODO O SISTEMA LITERÁRIO	72
“ESTA BOCA MUDA, CUSPINDO METÁFORAS”: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA EM PALAFITAS (2016), DE LUIZA CANTANHÊDE	73
EXPLORANDO A LITERATURA ESCRITA POR MULHERES E O GÓTICO FEMININO POR MEIO DO CONTO “GILDA”, DE MARCELA DANTÊS	74
FANTASMAGORIA FEMININA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O GÓTICO NO CONTO “MULHERES DESESPERADAS”, DE SAMANTHA SCHWEBLIN	75
FANTASMAGORIAS DE UM PASSADO INSEPULTO: EM CENA PROVA CONTRÁRIA, DE FERNANDO BONASSI	76
FICÇÃO E HISTÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES DA REPRESSÃO À HOMOAFETIVIDADE DE CUBA POR MEIO DO ROMANCE FABIÁN E O CAOS, DE PEDRO JUAN GUTIÉRREZ	77
FRAGMENTOS EM TRÂNSITO: EXPERIMENTAÇÕES VERBO-VISUAIS E OS ESQUECIDOS DA HISTÓRIA	77
GÊNERO E VIOLÊNCIA INFANTIL NA CONTÍSTICA DE AUGUSTINA BAZTERRICA	78
GUARDIANAS DEL PASADO: BEIRA, ARONI, CÁRDENAS E A PÓS-MEMÓRIA AFRO-CUBANA	79
HERANÇAS DE MEDO: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA ASSOMBRADA EM COMO NASCEM OS FANTASMAS	80
HISTÓRIA E FICÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTUDO DE MUNDOS DE EUFRÁSIA, DE CLAUDIA LAGE (2009)	81
HORROR E AUTORIA FEMININA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E O CÂNONE LITERÁRIO	82
HUMOR, IRONIA E AUTOPOÉTICA LÉSBICA: O RISO CRÍTICO EM “DEUS ME LIVRE”, DE NATÁLIA BORGES POLESSO	83
IMAGENS DISSONANTES: ASPECTOS DO NOVO ROMANCE HISTÓRICO	85
JOVITA: UMA MISSÃO TRÁGICA NO PARAGUAI (1994), DE ASSIS BRASIL À LUZ DOS ESTUDOS DE GÊNERO	86
LEI 10.639/ 2003: O NEGRO NA EDUCAÇÃO DE TIMON, NO ESTADO DO MARANHÃO	87

LEITURAS E LITERATURAS NO CAOS: (DES)ENCONTRO DE ROBERTO BOLAÑO E MARIO VARGAS LLOSA	88
LEMBRANÇAS DO TRAUMA: AS FIGURAS DA ÓRFÃ E DA MÃE EM DOIS CONTOS DE SÔNIA PEÇANHA	89
LEXIAS LITÚRGICAS IORUBÁS NA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE UM DEFEITO DE COR, DE ANA MARIA GONÇALVES	89
LUÍZA AMÉLIA DE QUEIROZ NA LITERATURA PIAUIENSE	90
MADONA DOS PÁRAMOS E A COSMOVISÃO NO ROMANCE LATINO-AMERICANO	91
MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NOS ROMANCES QUARUP DE ANTÔNIO CALLADO E INSENSATEZ DE HORACIO CASTELLANOS MOYA	92
MEMÓRIA, HISTÓRIA E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA COM INDIVISÍVEL (2020), DE MARÍLIA MARZ, E O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA (2019), DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	93
METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA: O OLHAR E GRAFIA DE KEHINDE	94
“MEU SECRETO DESEJO DE AINDA SER VALERIA”: ESCRITA ÍNTIMA E SUBVERSÃO FEMININA EM CADERNO PROIBIDO	96
MONSTRAS-CRIADORAS: LEITURA E COMPARTILHAMENTO DE “MADRES”, DE ISABOR QUINTIERE	96
NÃO SEJA TÃO MULHERZINHA: OBJETIFICAÇÃO, VIOLÊNCIA E SILENCIAMENTO FEMININO EM “LEILÃO”, DE MARÍA FERNANDA AMPUERO	97
NÃO TINHA NADA A PERDER: AS MÚLTIPLAS VOZES QUE ECOAM A ESCRIVIVÊNCIA NA CANÇÃO ROSAS, DO GRUPO ATTITUDE FEMININA	98
“NUM SEI, SÓ SEI QUE FOI ASSIM!” - ENTRE O AUTO E O CINEMA: UMA ANÁLISE DO AUTO DA COMPADECIDA, DE ARIANO SUASSUNA	99
O CORPO, EM TODAS AS SUAS LACERAÇÕES E VÍSCERAS, COMO REPRESENTAÇÃO DO DESEJO E DA IDENTIDADE LÉSBICA EM LE CORPS LESBIEN, DE MONIQUE WITTIG	100
O AUTOR EM ABISMO EM NÉVOA, DE MIGUEL DE UNAMUNO	101
O CORDEL MARIA FIRMINA DOS REIS, NA OBRA DE JARID ARRAES E AS CONCEPÇÕES DE ESCRIVIVÊNCIA	101

O CORPO POSSUÍDO: A VIOLÊNCIA DE GÊNERO COMO METÁFORA DO DEMONÍACO	102
O DESAPARECIMENTO COMO FERRAMENTA DE ASSOMBRO: UMA ANÁLISE DA MOSNTRUOSIDADE NOS CONTOS “BIOGRAFIA” (2022) E “ASSOBIO” (2022), DE MARÍA FERNANDA AMPUERO	103
O DIÁRIO COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA EM OS FIOS DA MEMÓRIA DE ADRIANA LISBOA	104
O ECO QUE EMERGE E ALARMA A SOCIEDADE: A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTO INSÓLITO ‘LORENA’, DE MARÍA FERNANDA AMPUERO	105
O EROTISMO NA POESIA LÉSBICA CONTEMPORÂNEA	106
O FANTÁSTICO E A REPRESENTAÇÃO DO DIABO EM O VILAREJO (2015), DE RAPHAEL MONTES	107
O FANTÁSTICO RELÓGIO DA RUTE: AFETOS, MEMÓRIA E SUBJETIVIDADES NA LITERATURA INFANTIL SUL-MATO-GROSSENSE	108
O HUMOR QUE DERRETE O CHUMBO: RIR RIMA COM RESISTIR	109
O INTERIOR DA CABEÇA: REVISITAR O ABUSO SEXUAL EM TRISTE TIGRE, DE NEIGE SINNO	109
O LIVRO DE JULIA ENONE EM A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA DE OSMAN LINS	110
O MEDO ESTÉTICO E O MONSTRO HUMANO: UMA PERSPECTIVA GÓTICA DO CONTO VENHA VER O PÔR DO SOL, DE LYGIA FAGUNDES TELLES	111
O METAFICCIONAL E O PÓS-COLONIAL EM QUARTO DE DESPEJO (2014) DE CAROLINA MARIA DE JESUS	112
O MITO DE MAÍRA NA CULTURA TUPINAMBÁ E A PROBLEMÁTICA DAS METAMORFOSES	113
O MONÓLOGO COMO ESPAÇO DIALÓGICO: AUTOR EN ABYME E HETERODISCURSO EM A LISTA DA MERCEARIA, DE JUDITE CANHA FERNANDES	114
O REAL E O INSÓLITO: MEDO, MANIPULAÇÃO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM VENHA VER O PÔR DO SOL, DE LYGIA FAGUNDES TELLES	115
O ROMANCE DENTRO DO ROMANCE: ESTRATÉGIAS METAFICCIONAIS EM A BONECA DE KOKOSCHKA	116

O SAGRADO E O PROFANO NO EROTISMO DE MANDÍBULA (2018), DE MONICA OJEDA	117
OS EFEITOS DE HORROR E OS ELEMENTOS FANTÁSTICOS NO CONTO “AS FORMIGAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES: UMA ANÁLISE COMPARATIVA COM “THE FALL OF THE HOUSE OF USHER”, DE EDGAR ALLAN POE	117
O SER LITERÁRIO NOS ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA EM “O VOO DA GUARÁ VERMELHA” DE MARIA VALÉRIA REZENDE	118
OS RIOS TURVOS, DE LUZILÁ GONÇALVES: ENTRE O DESEJO E A VIOLÊNCIA, VERDADES ROMANESCAS E VOZES SILENCIADAS	119
O ROMANCE DE FORMAÇÃO CONTEMPORÂNEO: MEMÓRIA E MELANCOLIA EM A NOITE DA ESPERA, DE MILTON HATOUM	120
O SEIO DE MIRANDA	121
O SUJEITO FEMININO ENQUANTO SER POLÍTICO E SOCIAL NO POEMA “UMA MULHER PERGUNTA”, DE JARID ARRAES	122
O TESTIMONIO NA AMÉRICA LATINA COMO DENÚNCIA DA VIOLÊNCIA DA ESCRAVIDÃO E DE REGIMES DITATORIAIS	122
PERCURSOS PARA A AUTOANIQUELAÇÃO FEMININA: ANÁLISE DO ROMANCE MATAR! DE CHRYSANTHÈME	124
POLÍTICAS DE ESQUECIMENTO E TESTEMUNHO NOS VERSOS DE AREÔTORARE DE LOBIVAR MATOS	124
POR ENTRE AS FRESTAS DA HISTÓRIA: A RESSIGNIFICAÇÃO DE NARRATIVAS FEMININAS NOS TRABALHOS DE MARYSE CONDÉ E NANCY HUSTON	125
QUANDO MEUS PEDAÇOS SE JUNTARAM AOS SEUS: RELAÇÕES HOMOAFETIVAS LÉSBICAS EM “JUNTAR PEDAÇOS” DE MIRIAM ALVES	126
QUANDO O DESEJO VIRA DOMINAÇÃO: LEITURAS DE INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES	127
RASURAS DA ESCRITA, NOTAS DE EMANCIPAÇÃO: A CRÍTICA SOCIAL EM CAROLINA MARIA DE JESUS A PARTIR DE SEUS DIÁRIOS	128
REALISMO, FICÇÃO E HISTORIOGRAFIA EM DUAS VEZES JUNHO, DE MARTÍN KOHAN	129
RECONTANDO A HISTÓRIA: METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA E DISCURSO COLONIAL EM TERRA PAPAGALLI	130

REESCRITURA DO TRAUMA E RESISTÊNCIA FEMININA EM TAMBÉM GUARDAMOS PEDRAS AQUI, DE LUIZA ROMÃO	131
REIVINDICANDO O DIREITO AO PASSADO: MEMÓRIA E CENSURA DO ROMANCE AMADA (1987), DE TONI MORRISON	131
RELOCAÇÕES DO CÂNONE NA CORPORIFICAÇÃO DO DUPLO ENTRE O MÉDICO E O MONSTRO (1992[1886]) E A SUBSTÂNCIA (2024)	132
REMEMORAÇÕES DE UMA INFÂNCIA – A NARRATIVA TESTEMUNHAL EM PORQUE HOJE É SÁBADO, DE MARIA JOSÉ SILVEIRA	133
REMINISCÊNCIAS DO GÓTICO E A ABJEÇÃO QUE CORRE NAS VEIAS: SEXUALIDADE, PODER E HORROR FEMININO EM ‘SANGUE COAGULADO’ DE MÓNICA OJEDA	134
REPRESENTAÇÕES DA MATERNIDADE MONSTRUOSA NA LITERATURA BRASILEIRA DE HORROR DE AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEA	135
REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS: ENTRE O INSÓLITO E O TERROR NOS TEXTOS DE ENRIQUEZ E SCHWEBLIN	136
SER TÃO PATATIVA DO ASSARÉ: A VOZ QUE CANTA O SERTÃO	137
SÃO LUÍS, “EU ESCOLHI CANTAR-TE”: A CIDADE QUE EMERGE DAS LEMBRANÇAS NA OBRA MEMORIAL POESIA DE VILMA MUNIZ VERAS	138
SOLO PARA VIALEJO: A RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE UM SERTÃO A PARTIR DA MEMÓRIA MUSICAL	139
SUBJETIVIDADES MASCULINAS NEGRAS NAS MEMÓRIAS DA OBRA O AVESSO DA PELE	140
TEMPOS DE REPRESSÃO: HISTÓRIA E FICÇÃO EM VOLTO DE VOLTO SEMANA QUE VEM (2015), DE MARIA PILLA	141
TENÓRIO JR. AINDA VIVE: MÚSICA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA	142
TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA NA SOMÁLIA : VIRTUDES COTIDIANAS EM CONTEXTO DE CONFLITOS EM A MOONLESS, STARLESS SKY DE ALEXIS OKEOWO	143
“THE WEREWOLF” E “THE COMPANY OF WOLVES”: O USO DA MISE EN ABYME EM CONTOS DE ANGELA CARTER	143
TRAUMA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA OBRA MULHERES EMPILHADAS (2019), DE PATRÍCIA MELO	144

UMA CRÍTICA AO FEMINICÍDIO POR MEIO DA FIGURA DO DUPLO NO CONTO “SÃO PAULO É COMO UM MUNDO TODO’, DE SOCORRO ACIOLI	145
UMA INVESTIGAÇÃO METAFICCIONAL A PARTIR DE META - DEPTO. DE CRIMES METALINGUÍSTICOS	146
UMA MULHER NO ARCADISMO: RESGATE DA POESIA DE ILDEFONSA LAURA CÉSAR	147
VAQUEIRO E CAVALEIRO, MITO E REALIDADE DO SERTÃO	148
VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CONTOS DE HORROR CONTEMPORÂNEOS BRASILEIRO E ARGENTINO	148
VOZ E RESISTÊNCIA EM MEMÓRIAS DE MARTA (1889) DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA	149

A BUSCA PELO “GRANDE TALVEZ” EM QUEM É VOCÊ, ALASCA? DE JOHN GREEN A LUZ DAS REFLEXÕES DE SANTO AGOSTINHO SOBRE O SENTIDO DE VIDA EM CONFISSÕES

Mayara Francisca Oliveira da Silva (UESPI)

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UESPI)

Resumo: Este trabalho propõe uma análise comparativa entre *Quem é você, Alasca?* (2005), de John Green, e as *Confissões* (397-400 d.C.), de Santo Agostinho, tomando como eixo a busca pelo sentido da vida. A noção de “grande talvez”, elaborada pelo protagonista Miles Halter, é interpretada como metáfora da inquietação existencial, aproximando-se da concepção agostiniana de um coração humano que só encontra repouso em Deus. A pesquisa, de caráter bibliográfico e qualitativo, parte da contextualização da obra de John Green na literatura juvenil contemporânea, ressaltando sua fragmentação narrativa e os dilemas da juventude em torno da identidade, do luto e da transcendência. Em seguida, examina-se a filosofia de Santo Agostinho em *Confissões*, especialmente os conceitos de interioridade, tempo, memória e sentido último da existência. A análise comparativa evidencia que, embora separados por séculos e contextos distintos, ambos os discursos literário e filosófico convergem na expressão das inquietações humanas diante do efêmero, da dor e da necessidade de significado. Nesse sentido, o estudo ilumina como narrativas fragmentárias e interdisciplinares podem contribuir para a (re)invenção do passado e para a compreensão dos dilemas contemporâneos. Conclui-se que o diálogo entre literatura e filosofia não apenas amplia as leituras possíveis da obra de John Green, mas também reafirma a atualidade das reflexões agostinianas sobre a condição humana.

Palavras-Chave: John Green. Santo Agostinho. Sentido da vida. Metaficção historiográfica. Literatura contemporânea.

**A CONSTRUÇÃO DA METÁFORA NO CONTO AS TÂMARAS MADURAS,
DE JOVINA BENIGNO**

Cícero Êmerson do Nascimento Cardoso (SEDUC-CE/ UFPB)

Resumo: O conto *As tâmaras maduras*, de Jovina Benigno (2022), é construído com apuro estético, seja do ponto de vista conteudístico, seja do ponto de vista formal. Nesse sentido, a autora aborda temas como: família, pobreza, vingança, violência etc. Quanto ao aspecto formal, merece atenção a maneira como as metáforas são criadas nesse conto. Nosso objetivo, portanto, consiste em observar de que modo a autora cearense constrói metáforas nesse conto vencedor do *Prêmio Off Flip-2023*. Nessa perspectiva, devemos considerar que essa figura de linguagem, conforme Sardinha (2007, p. 22) aponta, é proveniente do grego e traz, em sua etimologia, a junção de duas palavras: *meta* (que significa “mudança”) e *pherein* (que significa “carregar”). O termo aponta para uma palavra que *carrega mudança* conceitual, isto é, uma mudança que consiste em retirar um vocábulo de seu contexto convencional e levá-lo para um novo campo de significação (figurativo, conotativo e simbólico). Isso remete-nos, dessa forma, ao que é proposto por Aristóteles (1993, p. 107), para quem a metáfora “consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outro, ou por analogia”. Com base nisso, nossa leitura, especificamente de cunho bibliográfico, propõe reflexões acerca do conto de Jovina Benigno, que tem se firmado como uma voz relevante de nossa literatura brasileira contemporânea.

Palavras-Chave: Literatura Cearense. Poesia. Metáfora.

**A DEVASTAÇÃO NAS RELAÇÕES MÃE E FILHA NA OBRA “UM AMOR
INCÔMODO” DE ELENA FERRANTE**

Anna Caroline Garcia Resende (UNESP-Bauru)

Christiane Carrijo Eckhardt Mouammar (UNESP-Bauru)

Resumo: A literatura constitui-se como um espaço de disputa e problematização de representações sociais historicamente instituídas (Candido, 2011). Ao articular-se com a psicanálise, torna-se possível questionar os papéis sociais atribuídos às mulheres, sobretudo na maternidade, revelando as contradições que atravessam as noções de feminilidade (Iaconelli, 2023). Nesse sentido, este estudo objetiva analisar a complexidade do laço mãe-filha a partir do conceito lacaniano de devastação e da obra “Um amor incômodo”, de Elena Ferrante. Por meio da personagem Delia, a narrativa desconstrói o mito do amor materno e a noção de uma feminilidade idílica, evidenciando rupturas e identificações que tensionam esses ideais. A metodologia adotada é qualitativa (Sampieri; Collado; Lucio, 2006), fundamentada no Estado da arte (Soares, 1989). Inicialmente, realizou-se uma revisão integrativa de literatura com os descritores “Devastação”, “Relação mãe e filha”, “Psicanálise”, “Elena Ferrante” e “Literatura”. Os critérios de inclusão foram: (a) publicações em português entre 2014 e 2024; (b) estudos sobre a relação mãe-filha a partir do conceito de devastação. Por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), procedeu-se à leitura sistemática de textos freudianos e lacanianos e à leitura flutuante da obra de Ferrante. Os resultados destacaram quatro eixos: (1) a devastação feminina nas relações mãe e filha; (2) o mito do amor materno; (3) o questionamento dos papéis sociais atribuídos às mulheres; (4) a escrita como construção de subjetividades femininas. A exploração dessas categorias visa a expansão da teoria psicanalítica sobre o feminino, oferecendo uma perspectiva crítica à idealização da maternidade na cultura patriarcal.

Palavras-Chave: Devastação. Relação mãe e filha. Psicanálise. Elena Ferrante. Literatura.

**A DISJUNÇÃO COMO PERSPECTIVA INTERPRETATIVA DO ESPAÇO NA
OBRA MAD MARIA DE MÁRCIO SOUZA**

Weslley Dias Cerdeira (UFPR)

Resumo: Obstina-se analisar o espaço ficcional da selva na obra *Mad Maria* de Márcio Souza a partir do conceito de disjunção proposto por Bueno (2019), em que a sociedade brasileira não possui relações orgânicas e homogêneas, mas se está profundamente dividida em meio a desigualdades profundamente enraizadas. Márcio Souza mergulhou na pesquisa sobre a estrada de ferro Madeira-Mamoré, um dos projetos civilizatórios megalomaniacos na promessa de se trazer desenvolvimento e modernidade para a Amazônia. Para além disso, estes projetos desenvolvimentistas buscavam integrar a Amazônia ao Estado Nacional na invenção de uma homogeneidade de nação, mas o que se tinha era a desigualdade, a exploração nociva da natureza e o genocídio aos povos originários. De forma ácida e crítica, Márcio Souza se debruça, faz sátira à dinâmica interna da sociedade regional e da Amazônia e o centro de poder, a metrópole, o Rio de Janeiro, e o imperialismo norte-americano. Nas relações entre literatura e história o escritor revisita os eventos históricos e questiona a narrativa histórica oficial evidenciando os horrores, a violência os povos indígenas e à floresta. Márcio Souza retrata a selva como cenário hostil e ao mesmo tempo fortemente agredida pelo processo civilizatório. Do mesmo modo, aborda os povos indígenas e a violência dos civilizados que invadem suas aldeias, os matam por capricho e roubam suas mulheres. Esta hostilidade encarnada na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, recria um cenário ora infernal como *A selva* de Ferreira de Castro, ora pré-histórica como a Amazônia de Júlio Verne em *A jangada*.

Palavras-Chave: Espaço Ficcional. Selva. Amazônia. Disjunção.

**A DITADURA MILITAR EM SOBRE O QUE NÃO FALAMOS (2023), DE ANA
CRISTINA BRAGA MARTES**

Maria Cleciane Sousa Silva (UESPI)
Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Resumo: Narrar as experiências vivenciadas durante o período da Ditadura militar tem sido uma temática recorrente em narrativas ficcionais pertencentes à literatura brasileira contemporânea. Em *Sobre o que não falamos* (2023), de Ana Cristina Braga Martes, objeto desse trabalho, a voz narrativa retrata a trajetória de uma pré-adolescente que cresceu com o silêncio sobre o desaparecimento de seus pais e consequentemente sobre a própria história. Dessa forma, pretende-se analisar de que modo a narrativa constrói-se como uma denúncia sócio-histórica sobre o silenciamento e ocultação dos desaparecimentos de opositores durante a Ditadura militar brasileira (1964-1985), bem como as implicações dessas práticas repressivas no presente. Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico e analítico, o referencial teórico que ampara esta investigação baseia-se nos estudos de Figueiredo (2017; 2020), Dalcastagnè (1996, 2020), Teles (2005; 2012) e Cury (2020) e demais autores que discutem sobre o tema da escrita sobre períodos de catástrofes, como as ditaduras do Cone sul. A partir da análise, pode-se destacar que o romance aborda os desaparecimentos ocorridos durante o período ditatorial, bem como também reflete sobre os silêncios a respeito desse período. Ademais, esse silenciamento que ainda perdura entre nós, não apenas perpetua o trauma individual, mas também evoca a dificuldade da construção da memória coletiva a respeito da Ditadura militar brasileira.

Palavras-Chave: Ditadura militar. Desaparecimentos. *Sobre o que não falamos*. Ana Cristina Braga Martes.

A EVOLUÇÃO DOS ELEMENTOS GOTICIZANTES NO CONTO “RAMBLA TRISTE”, DE MARIANA ENRIQUEZ

Ana Julia de Bairros (UCS)

Resumo: O presente trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa Literatura e Gênero, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), ancorado no projeto de pesquisa intitulado “A representação do medo na literatura insólita de autoria feminina latino-americana contemporânea”, coordenado pela

professora Dra. Cristina Loff Knapp. Assim, a presente pesquisa busca observar a evolução dos elementos goticizantes na literatura insólita de autoria feminina latino-americana contemporânea. Para isso, será realizada a análise do conto “Rambla Triste”, que integra a obra *Os perigos de fumar na cama*, de Mariana Enriquez, publicada pela primeira vez na Argentina em 2009 e traduzida para o Brasil em 2023. A narrativa inicia com Sofia que em sua viagem a Barcelona para encontrar seus amigos começa a sentir um mau cheiro nas ruas (ramblas) da cidade. Ao longo do conto, Sofia descobre que a cidade está passando por um processo de gentrificação. Ao passear em bares da região com seus amigos, a personagem conhece a sombria história das Ramblas e de seus fantasmas. A metodologia de pesquisa é bibliográfica, fundamentada em autores como Oscar Nestarez para abordar o gótico e Cláudia Cristina Ferreira para discutir o insólito. Os resultados esperados apontam para uma renovação dos elementos góticos necessários para a caracterização do gênero, diferentes daqueles estabelecidos previamente pelas narrativas góticas fundadoras no século XVIII. À vista disso, percebe-se que a sociedade se modifica através do tempo fazendo com que as representações literárias também se transformem.

Palavras-Chave: Insólito. Gótico. Literatura Latino-Americana. Mariana Enriquez.

A FICCIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA EM “VOLTO SEMANA QUE VEM” DE MARIA PILLA

Joseane da Silva Magalhães (UESPI)

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Resumo: O presente trabalho resulta de uma pesquisa em desenvolvimento no âmbito do PIBIC (2025-2026) e tem como objetivo analisar a obra *Volto Semana que Vem* (2019), de Maria Pilla, investigando as relações entre ficção e história e demonstrando como esses elementos podem gerar novas possibilidades de interpretação histórica por meio da literatura. O corpus é a

própria obra de Pilla, e a investigação será iniciada com um levantamento bibliográfico de caráter exploratório, visando à construção da fundamentação teórica. O referencial teórico insere-se no campo da metaficção historiográfica, com base em Hutcheon (1991), Iser (1996), Benjamin (1987), Lepecki (1984) e White (2001), entre outros. Para a discussão sobre o conceito de história, serão mobilizados Burke (1992), Esteves (2010), Pesavento (2000) e Freitas (1986). Em relação à ficção, recorreremos a Cândido (2000), Costa Lima (1989), Weinhardt (1998) e Farias (2005). Por fim, para o estudo das personagens femininas históricas na ficção contemporânea, utilizaremos Telles (2004), Perrot (2005) e demais autoras. A relevância da pesquisa está em promover uma reflexão crítica sobre as relações entre literatura e história a partir da escrita de Maria Pilla, possibilitando novas formas de questionamento das imagens do passado e exigindo do leitor uma postura ativa diante da narrativa. Espera-se, como resultado, a produção de artigos acadêmicos que contribuam para os estudos sobre literatura e história.

Palavras-Chave: Ficção. História. Metaficção Historiográfica. Literatura Contemporânea. Personagens Femininas.

**A HIPÉRBOLE DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA LATINO-AMERICANA:
UMA ANÁLISE DO ROMANCE MEXICANO TEMPORADA DE FURACÕES**

Cíntia Tavares Saviam (UFSM)

Resumo: O presente trabalho apresenta uma breve análise do romance mexicano *Temporada de Furacões*, da autora Fernanda Melchor, publicado no Brasil no ano de 2020. Tal análise é baseada principalmente nos estudos sobre a violência presente nas literaturas latino-americanas, difundidos por autores como Gustavo Ribeiro e Gabriela Ravetti. Desse modo, foi notado que a literatura latino-americana é marcada pela hipérbole da violência, o que reflete, sobretudo, as consequências históricas de um passado marcado pela colonização. Ora, desde o genocídio indígena até a escravidão e as ditaduras,

essas experiências moldaram a cultura e a literatura da região, o que nos ajuda a compreender que a violência tornou-se um elemento central na identidade dos textos produzidos na América Latina, sendo principalmente utilizada como forma de denúncia e memória histórica. Além disso, o trabalho procura relacionar com as personagens da narrativa (Bruixa, Norma e Luismi) os conceitos de performance difundidos por Diana Taylor e Judith Butler, principalmente no que diz respeito à teoria de gênero.

Palavras-Chave: Violência. Literatura latino-americana. Performance. Teoria de Gênero.

A IMAGEM DA MORTE: PERSONIFICAÇÃO E SIMBOLISMO NA LITERATURA

Diana Milena Heck (UFMS)

Resumo: A morte, tema que perpassa a literatura, seja como mote principal ou secundário, permeia o imaginário cultural e social ocidental de medo adquirindo, conseqüentemente, um caráter de horror, sombrio e mistério. Conforme aponta Ariès (2003), a morte se tornou tão temida que passou a ser um assunto interdito socialmente. Neste sentido, objetiva-se, com este trabalho, apresentar como a imagem da morte apresenta-se em duas obras contemporâneas: *A passagem tensa dos corpos*, do brasileiro Carlos de Brito e Mello (2009), e *El don de la vida*, do colombiano Fernando Vallejo (2010). A partir de aportes teóricos sobre a morte no ocidente e seus desdobramentos históricos, culturais e sociais, como os de Ariès (2003; 2014), Chiavenato (1998), Foucault (2000) e Becker (1995), analisar-se-á como se configura a imagem da morte nos romances e as ressonâncias do pensamento ocidental sobre o tema. Ressalta-se que as obras analisadas, mesmo que produzidas em diferentes países, compartilham um imaginário sobre a morte ligado ao horror, medo e mistério.

Palavras-Chave: Literatura Contemporânea. Morte. Horror.

**A INTERSECCIONALIDADE EM QUARTO DE DESPEJO E CARTAS A UMA
NEGRA**

Graciele Neves Braga (UVA)
Islanara Camelo de Pinho (UVA)

Resumo: Este trabalho, de caráter bibliográfico, objetiva analisar as relações interseccionais a partir da trajetória de Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega, em suas respectivas obras: Quarto de Despejo (1960) e Cartas a Uma Negra (1968). A investigação evidencia que a invisibilização das escritoras negras está vinculada, de forma simultânea, ao gênero, à raça e à classe. Nesse sentido, discutimos a influência desses fatores na perpetuação da desvalorização das autoras negras na literatura e na sociedade, com base no conceito de interseccionalidade, conforme bell hooks (1981). Dialogamos também com Michel Foucault (1970) e suas reflexões sobre as escritas de si. Além das autoras centrais, dialogamos com outras escritoras negras como Conceição Evaristo (2005) e Djamila Ribeiro (2017/2019), cujas produções ampliam o debate sobre autoria de mulheres negras. Concluímos que tais experiências revelam opressões que não atuam isoladamente, mas de forma articulada e simultânea, gerando silenciamento literário e social.

Palavras-Chave: Escritoras negras. Carolina Maria de Jesus. Françoise Ega. Interseccionalidade.

A LEGIÃO ESTRANGEIRA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA CLARICEANA

Maria Letícia de Sousa Menezes (UESPI)
Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UESPI)

Resumo: Esta pesquisa, fruto dos estudos empreendidos a partir do Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa - GELLP, procura investigar a leitura, a partir das interações do livro-texto e o leitor particular, com suas especificidades de ser humano e indivíduo participante de uma sociedade. Através de variados modos de sentir o ato de ler, e seguindo seu percurso

nos sentidos, emoções e razão do leitor. Tão complexa relação mereceu estudos que se desenvolveram a partir da teoria do leitor implícito de Wolfgang Iser (1979), da “Estética da Recepção”, de Robert Jaus (1979) e da teoria do leitor real de Michel Picard (1986 apud Jouve, 2002), entre outros teóricos que se ocuparam a analisar a relação de leitura como experiência. O encontro do leitor com o texto tem sua personificação na experiência literária do livro *A legião estrangeira*, de Clarice Lispector, que através de sua vivência e fazer literário, em tom intimista e confidencial, enreda o leitor para a discussão de temas densos e profundos, voltados para a reflexão existencial do ser humano. A partir dessa relação e em busca de fundamentos que lhe deem suporte, procuraremos seguir a trajetória que o ato de ler percorre nos sentidos, emoções e razão do leitor, a fim de desvendar como se estabelece a relação de leitura e com que intensidade evoluem as interações entre os participantes de tal relação, analisando as transformações e efeitos que se operam no (ser) leitor, a partir da experiência literária.

Palavras-Chave: Estética da recepção. Leitura. *A legião estrangeira*. Clarice Lispector.

**A LÍNGUA DE EULÁLIA: UMA ANÁLISE DA LITERARIEDADE E DO
PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO ROMANCE DIDÁTICO, DE MARCOS
BAGNO**

Camila Andrade de Sousa (UESPI)

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar a literariedade e o preconceito linguístico no romance didático *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno. Para tanto, a obra narra a história de três estudantes universitárias, Vera, Silvia e Emília em férias na casa de Dona Irene, professora aposentada e tia de Vera. Nesse contexto, as jovens conhecem Eulália, funcionária da casa, cuja fala é caracterizada pelo uso da variedade linguística não padrão, distinta da norma culta. Inicialmente, as jovens demonstram preconceito em relação à maneira de falar de Eulália. Contudo, ao longo da narrativa as

diferenças entre o Português não padrão (PNP) e o Português padrão (PP) são esclarecidas por Dona Irene, promovendo uma reflexão crítica sobre o preconceito linguístico. Diante disso, Roman Jakobson defende a possibilidade de analisar a literatura por meio de aspectos linguísticos (Araújo. 2015). Jakobson formulou a base teórica da Poética, que busca entender o que faz um texto ser literário (Araújo. 2015). Nesse sentido, a pesquisa é relevante por contribuir com a compreensão das variedades linguísticas não padrão e desconstrução de estigmas associados ao uso da língua. Desse modo, a metodologia adotada é de cunho bibliográfico com respaldo teórico em autores como: Marcos Bagno, Tzvetan Todorov, entre outros.

Palavras-Chave: Romance Didático. Preconceito Linguístico. Literariedade.

**A LITERATURA INFANTIL COMO RESISTÊNCIA À CENSURA: UMA
LEITURA DE "QUANDO A ESCOLA É DE VIDRO", DE RUTH ROCHA**

Johny Paiva Freitas (UFC)

Resumo: Na apresentação da obra *Literatura infantil e juvenil na fogueira* (2024), os organizadores João Luís Ceccantini, Eliane Galvão e Thiago Alves Valente apontam que, quando se trata de livros destinados às infâncias e às juventudes, a censura, seja ela oriunda da sociedade, da mídia ou até mesmo da escola, sempre está à espreita, atenta e pronta para instaurar uma zona de violência e de silenciamentos. Desse modo, esta proposta de comunicação tem como objetivo analisar a insubmissão da personagem infantil frente ao autoritarismo e à censura ditados pelos personagens adultos no enredo da história “Quando a escola é de vidro”, presente na obra *Este admirável mundo louco* (2012), de Ruth Rocha, e ilustrada por Walter Ono. Para fundamentar tal empreendimento analítico, alguns diálogos teóricos foram estabelecidos, a exemplo do livro *Poder, voz e subjetividade na literatura infantil* (2023), de Maria Nikolajeva; e da coletânea de ensaios *Letras de resistência: literatura infantil e juvenil* (2021), compilada por Alice Áurea

Penteado Martha e Vera Teixeira de Aguiar. Assim, pretendemos contribuir com os estudos da literatura infantil e, especificamente, para o debate sobre as práticas censórias impostas a ela.

Palavras-Chave: Literatura. Infância. Censura.

**“AMÉRICAS, VOU LHES CONTAR A MINHA HISTÓRIA”: O NOVO ÉPICO
AMEFRICANO NA POESIA DE ELIO FERREIRA**

Laiana Emília de Queiroz Nepomuceno (UESPI)

Resumo: Este trabalho, recorte de pesquisa em nível de mestrado em andamento, propõe uma análise literária do livro de poemas *América Negra & outros poemas afro-brasileiros* (2014), de Elio Ferreira, enquanto uma obra equiparada ao que o martinicano Édouard Glissant (1990;1995) define como novo épico. Partimos, pois, da hipótese de que os poemas em análise podem ser compreendidos como um conjunto de narrativas poéticas entrelaçadas através da memória afrodiaspórica, identidades, culturas e histórias dos povos das Américas, direcionando-nos para compreender como as narrativas das Américas são reconstruídas sob a perspectiva de um novo épico. Continuidade de projetos de pesquisa anteriores (2021-2023) concentrados em uma interconexão entre a obra poética e ensaística de Elio Ferreira, destacamos que a negralização (Souza, 2017) será aqui evocada como eixo do percurso metodológico e epistemológico de leitura, compreensão e interpretação dos poemas analisados através da hibridização cultural, da memória afrodiaspórica e do movimento contra-hegemônico das narrativas colonialistas sobre as Américas. Assim, os diálogos estabelecidos serão amparados, principalmente, nos pensamentos de Édouard Glissant (2005;2021), Lélia González (2021) e Elio Ferreira (2017;2021).

Palavras-Chave: Elio Ferreira. Negralização. Amefricanidade. Novo épico. Memória afrodiaspórica.

A METAFICÇÃO E INTERSECCIONALIDADE EM “MARIA” E “ANADAVENGA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI/UFPI)

Laura Torres de Alencar Neta (UESPI)

Resumo: Este artigo analisa os contos “Ana Davenga” e “Maria da obra” *Olhos d’agua* (2016) de Conceição Evaristo, a partir do diálogo entre a metaficção historiográfica e o feminismo negro. A metaficção, entendida como recurso que problematiza a relação entre ficção, realidade e história, possibilita ao leitor refletir criticamente sobre os acontecimentos sociais e históricos. Ao mesmo tempo, a escrevivência de Evaristo insere vozes silenciadas, em especial da mulher negra, que se encontra no cruzamento de opressões de raça, gênero e classe. Para tanto, dialogamos com Linda Hutcheon, Gustavo Bernardo e José Carlos Reis, e também com Patricia Hill, e Angela Davis cujas teorias contribuem para pensar a marginalização e resistência das mulheres negras. O trabalho, de natureza bibliográfica e analítica, demonstra como Evaristo articula memória, história e ficção em um movimento de denúncia e afirmação da subjetividade negra feminina.

Palavras-Chave: Conceição Evaristo. Ana Davenga. Maria. Metaficção. Feminismo Negro. Escrevivência.

A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM ORAÇÃO PARA DESAPARECER DE SOCORRO ACIOLI

Raquel Oliveira de Sousa (UESPI)

Resumo: O seguinte estudo tem como objetivo analisar a metaficção historiográfica em *Oração para Desaparecer* de Socorro Acioli. Diante disso, a obra narra a história de Joana, uma mulher que de maneira misteriosa ressurgiu da terra em uma pequena ilha localizada em Portugal, cujo o nome é Almofala. Com isso, revela-se uma história aliciante, onde as múltiplas possibilidades envolvidas a situação histórica determinada implicam sua

explicação, ultrapassando suas fronteiras na literatura se tornando autêntica, logo o chamamos de Metaficção historiográfica. Acioli desenvolve em sua obra o poder da ficção para iluminar aspectos ocultos da realidade histórica, lançando um olhar crítico e provocador, algo frequente em obras pós-modernas. Sendo assim, propõe-se a investigar a relação dos elementos metaficcionais historiográficos na narrativa de Socorro Acioli, por meio da leitura e análise de acontecimentos históricos em que a autora seleciona a realidade. Além de analisar o dialogismo e a intertextualidade inerentes à obra, vistas como estratégias de construção textual e traços relevantes da narrativa contemporânea. Desse modo, a metodologia adotada é de cunho bibliográfico com respaldo teórico nos estudos da Linda Hutcheon em sua obra *Poética do Pós-Modernismo*.

Palavras-Chave: Metaficção historiográfica. Socorro Acioli. Pós-moderno.

A MORTE E O MISTICISMO EM POEMAS DO LIVRO *PRESSÁGIO* DE HILDA HILST

Heráclito Júlio Carvalho dos Santos (SEDUC-PI)

Resumo: O presente artigo analisa as questões sobre a morte e o universo místico nos poemas do livro *Presságio* da escritora Hilda Hilst. A referida autora trabalha em sua obra temas como feminismo, morte, misticismo, erotismo, entre outras tendências e características em sua obra. A temporalidade na poesia hilstiana é sempre marcada, motivo de reflexões e veículo através do qual o eu lírico trafega de um espaço a outro, de um tempo a outro, revisitando momentos memoráveis, ideias e formas de pensamento. O conceito da existência na obra de Hilst é também apresentado ao leitor como um objeto de reflexão. Existência própria, existências outras, personagens fictícios ou reais que deixaram seus registros históricos no tempo. Hilst, muitas vezes classificada como expressão da metapoesia no Brasil, entretanto, não se deixa prender a rótulos, utilizando sua poética no confronto mesmo das tentativas, quaisquer que sejam elas, de solapar as

asas de seu imaginário poético. O aporte teórico que norteou o estudo se deu pelos estudos de Rebechi Junior (2018), Saves e Gonçalves (2022). O presente estudo se deu pela abordagem qualitativa, mediante estudos exploratórios do tipo bibliográfico.

Palavras-Chave: Hilda Hilst. Poesia brasileira. Morte. Misticismo.

**“ANA DAVENGA” E OS SILÊNCIOS DA VIOLÊNCIA: ESCRITA,
SUBJETIVIDADE E RESISTÊNCIA NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

Elisângela da Cruz Penha Torres (UESPI)

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o conto *Ana Davenga*, de Conceição Evaristo, destacando como as experiências de mulheres negras periféricas são atravessadas por múltiplas formas de violência e, ao mesmo tempo, ressignificadas pela escrita como ato de resistência. A metodologia adotada foi qualitativa, de caráter interpretativo, centrada na análise literária da narrativa e no diálogo com referenciais teóricos críticos. Foram mobilizadas autoras como Judith Butler, Veena Das, María Lugones, Ochy Curiel, Gloria Anzaldúa e Bell Hooks, cujas contribuições possibilitam compreender as dimensões de gênero, raça e classe presentes na constituição da subjetividade da personagem. O aporte teórico-crítico permitiu evidenciar o modo como o silenciamento, a violência simbólica e a colonialidade de gênero operam na vida de Ana, ao mesmo tempo em que a noção de escrevivência, forjada por Evaristo, oferece uma chave de leitura capaz de reinscrever vozes historicamente silenciadas. Os resultados da análise indicam que o conto revela a sobreposição de opressões estruturais que marcam a trajetória da protagonista, mas também explicita fissuras de resistência, mesmo que frágeis, que se inscrevem como memória coletiva e denúncia social. Assim, a literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo se apresenta como espaço de insurgência estética e política, capaz de

questionar hierarquias coloniais e patriarcais, e de reivindicar para as mulheres negras o direito à subjetividade, à memória e à existência plena.

Palavras-Chave: Conceição Evaristo. Escrivência. Subjetividade. Gênero. Violência.

**ÂNGELA PRALINI E O PERSONAGEM AUTOR: ESCRITORES EM ABISMO EM
UM SOPRO DE VIDA**

Maikeli Sarai Meza Vasquez (UEMS)

Resumo: A obra póstuma de Clarice Lispector, *Um sopro de vida*, é um livro que adquire relevância por apresentar em seu enredo o desenvolvimento de um romance dentro de outro romance. Esse livro, está estruturado em três partes, é narrado em primeira pessoa pelo Autor personagem que se encontra em um processo de criação de sua mais recente personagem, Ângela Pralini, a qual é concebida a partir da necessidade desse escritor de entender e expressar seus próprios desejos internos não concretizados. A técnica em questão é conhecida como *mise en abyme* e é identificada nos processos de criação ficcional pelo fato de haver uma história dentro da história principal ou o espelhamento entre os personagens ou acontecimentos que ocorrem no enredo de uma narrativa. Levando em conta o exposto, o objetivo desta comunicação será analisar a representação autoral dentro de *Um sopro de vida* e como Lispector utiliza essa técnica para criar uma interligação entre a ficção e a realidade, especialmente no desenvolvimento da personagem Ângela Pralini, estabelecendo uma relação com o autor empírico e criando um jogo de espelhos na dimensão narrativa. A interdependência entre autor e personagem, evidenciada pela construção da figura de Ângela, fortalece o enredo e proporciona profundidade e amplia as camadas de significado da obra. A utilização dessa técnica, além de criar uma rede de reflexões, faz do romance uma obra multifacetada. Como suporte teórico, empregamos estudos de Dällenbach (1977, 1991), Rita (2010),

Goulet (2006), Todorov (2006), Alonso (2011, 2015), Nunes (1989), Costa (2020), dentre outros.

Palavras-Chave: *Mise en abyme*. Autor en abyme. Literatura brasileira. *Um sopro de vida* Clarice Lispector.

ÁNGELES MASTRETA E SUAS MULHERES DE OLHOS GRANDES

Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

Resumo: *Mulheres de olhos grandes* é uma obra de contos, publicada, originalmente, em 1996, no México, sendo traduzida, no Brasil, em 2001, de Ángeles Mastreta, autora consagrada de romances como *Arranca-me a vida* ou *Mal de amores*. *Mulheres de olhos grandes* consiste numa coletânea de contos cujas protagonistas são mulheres fortes que não temem as consequências de seus atos, muito menos os comentários que possam circular na pequena localidade de Puebla, México, constituindo-se em exemplo de literatura feminista não panfletária. A fundamentação dessa análise é feita por meio da teoria crítica feminista, como exposto no texto clássico de Elaine Showalter “A crítica feminista no território selvagem”, quando a autora apresenta as diferentes modalidades de crítica feminista, com ênfase na questão cultural, a qual enfatiza a percepção que as mulheres têm tanto de si mesmas quanto de seu mundo circundante. O objetivo desta comunicação é discutir os contos referentes às tias Leonor e Cristina Martínez, uma vez que eles são desprovidos de títulos, de Mastreta, sob o viés da teoria crítica feminista.

Palavras-Chave: Teoria crítica feminista. Tia Leonor. Tia Cristina Martínez.

A PERSPECTIVA FEMINISTA DAS MULHERES QUE ESCREVEM HORROR: ANÁLISE DOS CONTOS DE KAREN ALVARES E MARIA FERNANDA AMPUERO

Maria Dariana de Lima Bessa (UECE)

Antonia Sammya Ferreira (UECE)

Resumo: As produções de horror escritas e dirigidas por homens, apresenta as mulheres como as vítimas perfeitas para serem mortas ou perseguidas, criando-se vários estereótipos da figura feminina. Mas, atualmente, as mulheres subvertem isso por meio de suas obras, este é o caso da escritora brasileira Karen Alvares, em *Horror em Gotas* (2013), e da escritora equatoriana María Fernanda Ampuero, em *Sacrifícios Humanos* (2021). Nesta pesquisa, apresentamos como proposta discutir como o horror feminista se configura nos contos “Até o fim” e “Lorena” das respectivas autoras, apresentando a transgressão de mulheres frente a violência doméstica e familiar. Assim, analisaremos três pontos essenciais: a literatura de autoria feminina de horror em contraposição às produções masculinas; a violência doméstica e o controle dos corpos femininos; por último, o horror apresentado nos contos. É uma pesquisa qualitativa e de caráter bibliográfica, em que dialogamos com os estudos feministas. Os estudos das pesquisadoras Mulvey (1983), Larocca (2016) e Saffioti (2015) se tornam importantes para a construção desta pesquisa. Diante disso, percebemos que as escritoras partem do horror cotidiano, vivenciado por mulheres do mundo todo, a violência doméstica que sempre vem acompanhada de outras violências. As mulheres quebram o ciclo de violência do agressor por meio da vingança. Esta pesquisa se torna relevante para os estudos das produções de horror sob a ótica feminina, evidenciando o terror que é ser mulher em diferentes sociedades, em que somos agredidas, estupradas e mortas.

Palavras-Chave: Horror feminista. Mulheres do horror. Violência doméstica.

A POÉTICA DE MULHERES NA REVISTA A MENSAGEIRA

Guilherme Barp (UFRGS)

Resumo: Esta comunicação apresenta progressos de uma investigação em andamento. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é investigar aspectos estéticos, temáticos e formais na poesia escrita por mulheres e veiculada em

números iniciais de *A Mensageira*, revista feminista do século XIX. O periódico, que foi publicado entre 1897 e 1900, disseminou, em suas páginas, artigos de ficção e não ficção, bem como, expressivamente, poesia, escrita tanto por homens como por mulheres. Como metodologia, realizou-se revisão bibliográfica e documental. Primeiramente, contextualizou-se *A Mensageira* no horizonte de periódicos brasileiros oitocentistas. Posteriormente, realizou-se um levantamento das colaboradoras dos números iniciais da revista. Então, procedeu-se à coleta de seus poemas. Por fim, os poemas foram analisados em termos de filiação a movimentos literários e em termos de preferências de temas e formas. Evidenciou-se a adoção de elementos convergentes com estéticas do Romantismo, do Parnasianismo e do Simbolismo, bem como temas relacionados à natureza e a sentimentos, e usos de formas diversas, incluindo quadras e sonetos, dentre outros aspectos.

Palavras-Chave: Poesia feminina. *A Mensageira*. Século XIX.

**A REPRESENTAÇÃO DA AMANTE EM NOTAS SOBRE A IMPERMANÊNCIA,
DE PAULA GICOVATE, E A PEDIATRA, DE ANDRÉA DEL FUEGO**
Anna Carolina de Almeida e Silva (UFMT / SEDUC-MT)

Resumo: Ao refletir sobre a sexualidade feminina em diferentes períodos da história brasileira, Del Priore (2004) evidencia como a expressão do desejo era julgada de maneiras opostas: enquanto para o homem isso era visto como natural, à mulher restava o peso do pecado e da culpa. Ela podia ocupar os papéis de mãe, irmã, filha ou religiosa, mas jamais o de amante (Del Priore, 2004). Apesar de a condição da mulher que ocupa o lugar de amante ao se envolver com um homem casado ser frequente na sociedade, essa representação específica raramente se manifesta com destaque em obras literárias escritas por autores homens. Isso aponta para uma marginalização de experiências femininas consideradas transgressoras. Diante disso, este trabalho tem como objetivo a análise da representação

dessa figura nas obras *Notas sobre a Impermanência*, de Paula Gicovate, e *A Pediatra*, de Andréa Del Fuego. Para Schmidt (1998), a emergência do “outro” da cultura — representado pelas mulheres narradoras historicamente silenciadas pelas narrativas da tradição patriarcal — aponta para a constituição de um novo episteme narrativo, no qual diferentes saberes contribuem para a formação de um sujeito engajado na ressignificação de si e de sua relação com o mundo. Ao articular desejo, corpo e transitoriedade, essas narrativas reposicionam a amante não como sombra, mas como sujeito complexo, contraditório e insurgente. Essa discussão contribui para ampliar a reflexão sobre gênero, sexualidade e afetividade na literatura, evidenciando a forma pela qual a figura da amante pode ser representada como um espaço diferente daquele que tradicionalmente lhe é atribuído.

Palavras-Chave: Amante. Literatura feminina. Gênero.

**ARQUIVOS DA AUSÊNCIA E INSURGÊNCIAS DA MEMÓRIA:
SUBJETIVIDADE NEGRA EM DAS ÁGUAS, DE CRISTIANE SOBRAL**

Bruna Vitória Vieira Gomes (UESPI)

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/ UESPI)

Resumo: O conto *Das águas*, de Cristiane Sobral, presente na antologia *Olhos de Azeviche* (2017), contribui para refletir criticamente sobre os sujeitos historicamente silenciados e apagados, especialmente latino-americanos. O presente estudo propõe uma análise bibliográfica e qualitativa, fundamentada no conceito da poética da ausência, cunhado por Bernd (2018; 2022) em consonância ao conceito memória, compreendida como ato de resistência silenciosa em cenários de sociedades controladas por governos totalitários, os quais institucionalizam discursos de silenciamento para regular todos os aspectos da vida humana. A narrativa do conto *Das águas* (2017), traz à superfície a história de Omi, uma jovem mulher negra e estudante de medicina, que enfrenta o peso do racismo, preconceito e da exclusão em um espaço social dominado por padrões brancos e

eurocêntricos. A personagem carrega em seu corpo e imaginário a marca da diferença que a coloca à margem em um mundo programado para invisibilizá-la. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é investigar a construção da subjetividade da personagem Omi, destacando os desafios impostos pela ausência de representatividade da cultura negra nos espaços acadêmicos e sociais, bem como analisar os fragmentos simbólicos que possibilitam à personagem resistir e afirmar sua identidade diante os impasses do seu cotidiano. Para tanto, discutem-se as metáforas da memória, a partir de Assmann (2011), como forma de resistência e processo de ressignificação, articulando-se ainda, as experiências e afetações da personagem com base nos conceitos de memória individual e coletiva, de Maurice Halbwachs (2006). O estudo evidencia o papel transformador da escrita, destacando como narrativas insurgem diante do silêncio e da ausência, contribuindo para a criação de espaços de memória que permitem a reconexão com o passado ancestral. Nesse contexto, Omi, ao mergulhar nas águas de Oxum, revela a potência da memória e da literatura como territórios de denúncia, representificação e reconfiguração identitária.

Palavras-Chave: Poética da ausência. Memória. Literatura Afro-Brasileira. Sobral.

ARTICULAÇÃO ENTRE A OBRA MULHERES, RAÇA E CLASSE, DE ANGELA DAVIS E O CONTO ANA DAVENGA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maísa de Sousa Barros (IFPI)

Resumo: Este estudo apresenta uma análise do conto Ana Davenga, de Conceição Evaristo, a partir da articulação entre a obra Mulheres, raça e classe de Angela Davis, teórica da linha crítica do feminismo negro para dar corpo a experiência de conectar reflexões teóricas sobre opressões interseccionais, articulando fundamentação teórica com a leitura crítica da obra em questão. Por meio do levantamento de recursos interseccionais utilizados pela escritora, buscar-se-á uma possibilidade de interpretação para

a constituição do sujeito negro no Brasil - mais especificamente da mulher negra e de seu silenciamento na sociedade, compreender as categorias analíticas de Davis, relacionar teoria crítica e literatura afro-brasileira. A partir disso, demonstrar-se-á como a relação interseccional entre raça, classe e gênero é construída pela autora enquanto recurso estético e político, estimulando a escrita acadêmica crítica, argumentativa e fundamentada.

Palavras-Chave: Ana Davenga. Conceição Evaristo. Feminismo negro. Opressões interseccionais. Angela Davis.

**ARTIMANHAS DA METAFICÇÃO EM MACHADO (2016) E EM LIBERDADE
(1981), DE SILVIANO SANTIAGO**

Elane Santiago Ribeiro (UESPI)

Resumo: Este trabalho de dissertação analisa os romances *Machado* (2016) e *Em liberdade* (1981), de Silviano Santiago, a partir da perspectiva da metaficção autorreflexiva. Busca-se demonstrar como as estratégias narrativas empregadas contribuem para a reconstrução ficcional do passado de dois importantes escritores brasileiros, Machado de Assis e Graciliano Ramos, tensionando as fronteiras entre história e ficção. A pesquisa insere-se no contexto da literatura brasileira contemporânea e adota abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter exploratório, fundamentando-se nos estudos de Linda Hutcheon (1991), Patricia Waugh (2001) e Gustavo Bernardo (2010), entre outros. A análise evidencia que, ao problematizar as figuras do autor e do narrador, Santiago insere sua escrita no campo da metaficção autorreflexiva, oferecendo uma reflexão crítica sobre os modos de narrar o passado literário e ampliando o debate sobre as interações entre memória, história e ficção na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Silviano Santiago. Metaficção. História e ficção. Machado de Assis. Graciliano Ramos.

**AS PERSONAGENS FEMININAS NO ROMANCE A CASA, DE NATÉRCIA
CAMPOS**

Cícero Êmerson do Nascimento Cardoso (SEDUC-CE/ UFPB)

Sandra Maria Bezerra Rodrigues (SEDUC-CE/ Must University/ UFPB)

Teresinha Teixeira da Silva (SEDUC-CE/ UFCG)

Resumo: O romance *A casa*, de Natércia Campos, foi publicado em 1999. Essa obra evoca no título um narrador autodiegético que conta sobre suas origens e sobre seus moradores. Sendo uma casa personificada, que nos remete a componentes do insólito ficcional, ela apresenta detalhamentos acerca de sua construção e acerca das pessoas que passam, em tempos distintos, a movimentarem-se em seus cômodos. Dessa maneira, com o avanço da narrativa, a casa passa a apresentar tonalidades de narrador homodiegético, sobretudo quando ela direciona seu olhar para as personagens que transitam em seus espaços internos e externos. Na tessitura narrativa entre lírica e complexa que caracteriza a enredística desse romance, merecem destaque as personagens femininas: a Casa, Tia Alma, Mãe de Custódio, Maria, Ana, Emerenciana, dentre outras. Nessa perspectiva, por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico, buscamos observar como a autora constrói, desenvolve e conclui essas personagens. Nossa proposta, portanto, consiste em: 1) refletir sobre a personagem enquanto componente estrutural indispensável à narrativa e 2) analisar como Natércia Campos cria suas personagens singularizadas por serem sujeitos femininos. Para nosso debate, partimos do conceito de personagem apresentado por Reis e Lopes (1988, p. 215), que apontam para o fato de que a personagem “se revela o eixo em torno do qual se desenvolve a ação e em função do qual se organiza a tessitura narrativa”. É pertinente considerar, além disso, o que Candido (1998, p. 54) considera acerca da personagem. Para ele, esse componente da narrativa é o “mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna”. Com as transformações provenientes da modernidade, a personagem também precisou transformar-se, principalmente no que diz respeito à sua psicologia.

Natércia Campos, consciente dessas mudanças, constrói personagens instigantes e complexas, exatamente porque observa esse fator psicológico moldado, nelas, pelas experiências vivenciadas no universo da casa cujo olhar as atravessa.

Palavras-Chave: Literatura Cearense. Autoria feminina. Personagem feminina.

AS REPRESENTAÇÕES DA ANCESTRALIDADE DE MÃES NEGRAS NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE KOTA GANDALECI

Jennyfer Silva Damasceno (UESB)

Resumo: Este trabalho analisa as reproduções da ancestralidade como eixo da maternidade e maternagem de mulheres negras na obra *bakulo* (2021), de Kota Gandaleci. Desse modo, a partir de referenciais teóricos como Eduardo David de Oliveira (2012) Sobonfu Somé (2003), Patricia Hill Collins (2019), bell hooks (2010; 2021) e Adilbênia Freire Machado (2020), discute-se o papel do afeto e do cuidado maternal como artefatos políticos para resistência de subjetividades da mulher negra. Além disso, examina-se a dimensão estética e semiótica da poesia de Gandaleci, a qual propõe um diálogo ético-estético com as literaturas negras. Nesse viés, objetiva-se questionar sobre os conflitos na crítica literária brasileira em relação às produções artísticas negro-periféricas e propor o conceito de literatura extemporânea enquanto descentramento canônico. Sob tal ótica, dialoga-se com os estudos de Florencia Guarramuño (2014) acerca da arte contemporânea e com as críticas teóricas de Jorge Augusto Silva (2018), uma vez que a caracterização tradicional de literatura contemporânea não abarca a pluralidade das produções periféricas. Portanto, a obra produz importantes dissonância em relação ao campo da literatura brasileira ao articular memória ancestral e maternidade negra.

Palavras-Chaves: Ancestralidade Negra. Maternidade e Maternagem. Kota Gandaleci. Literatura Brasileira Contemporânea.

**ATRÁS DOS VERSOS DAS MENINAS SÉRIAS: INTERTEXTUALIDADE E
FIGURAÇÕES DA MULHER EM ANA CRISTINA CESAR**

George Henrique Soares de Menezes (UFPE)

Resumo: Esta comunicação, fruto de uma pesquisa de caráter qualitativo, tem como objetivo realizar uma análise crítica da obra de Ana Cristina Cesar, tomando como eixo interpretativo suas “vampiragens” — conceito cunhado por Maria Lúcia de Barros Camargo (2003) e que se refere aos múltiplos diálogos intertextuais presentes na sua produção poética. A proposta consiste em observar como, ao recorrer a estratégias metaliterárias diversas, como empréstimos, citações, alusões e reescritas, Ana C. não apenas estabelece um contato direto com a tradição literária, mas também a ressignifica, criando um espaço de invenção e de subversão. Para tanto, foram mobilizadas, além da crítica de Camargo, as contribuições de Bosi (2021), Siscar (2011) e Sússekind (2004), que permitem compreender de modo mais amplo as tensões entre memória literária e inovação estética. Simultaneamente, tais movimentos de intertextualidade foram examinados sob a perspectiva de uma possível escrita feminina, de modo a ressaltar os contornos dissidentes que emergem em seus poemas, sobretudo no que diz respeito à problematização dos papéis convencionais de gênero no campo literário. Nesse percurso, foram fundamentais as reflexões de Cixous (2022), Coelho (1989) e Heloísa Teixeira [Buarque de Hollanda] (1981; 2020). Pretende-se, assim, contribuir para o alargamento da fortuna crítica da autora e para uma compreensão mais aprofundada da pluralidade que caracteriza a poética brasileira contemporânea.

Palavras-Chave: Metapoesia. Intertextualidade. Escrita feminina. Ana Cristina Cesar.

**A SEREIA SEM IDEIAS CANTA: O CORPO LIVRE NA POESIA DE LISIANE
ANDRIOLLI DANIELI**

Lorena Luana Dias da Silva (FURG)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a poesia da poeta contemporânea Lisiane Andriolli Danieli, que tem dois livros publicados de forma independente, o *Quase todo e qualquer eu* (2021) e *Sereia sem ideias* (2021). Os poemas do segundo livro tematizam sobre a experiência íntima enquanto mulher lésbica no mundo, a corporificação dos desejos, das dúvidas e da poesia com um olhar singular. A pele do corpo é tocada pela beleza de ser lésbica e de se sentir livre mesmo diante da dureza de um mundo violento e atravessado pelas desigualdades. A poeta constrói imagens arenosas que enxergam em astros a possibilidade de inscrever novas perspectivas sobre ser e estar viva. Diante disso, proponho analisar a poética do livro *Sereia sem ideias* (2021) como um corporalidade da poesia que exhibe a existência lésbica (DANIELI, 2021, p. 27) “(...) corporificando tentativas falhas/ de ser lunar solar/ ou a mim mesma”. A poesia de Lisiane não aceita o silêncio como único lugar possível, ao poetizar o corpo, a poeta transforma silêncio em ação (LORDE, 2019), recusa o lugar predestinado para as mulheres lésbicas, as quais são historicamente empurradas para a invisibilidade e para solidão por meio de um sistema arquitetado por homens misóginos. *Sereia sem ideias* (2021) é uma poética do grito, da recusa, mas também da ternura e da celebração dos corpos de mulheres lésbicas que ousam serem livres.

Palavras-Chave: Poesia. Lésbicas. Mulheres.

AUSÊNCIAS E PRESENÇAS EM MEU TIO CHEGA AMANHÃ E LA LÍNEA

Fernanda Rios de Melo (PUC-SP)

Resumo: Esta comunicação estabelecer as estratégias metaficcionais utilizadas por Sebastián Santana Camargo em *Meu tio chega amanhã* (2014) e Beatriz Doumerc e Ajax Barnes em *La Línea* (1975). Se na primeira obra, o leitor é convidado a esperar um tio que nunca chega. Na segunda, partilhamos o coletivo da sociedade argentina imersa na ditadura. Com

formatações e narrativas supostamente simples, ouvidos vozes apagadas, ausências se materializam apenas através de linhas. A experimentação vem por meio da escassez. Aqui analisamos ambas as obras por meio do uso dos espaços do livro-álbum (LEE, 2012; MORAES, 2022), através do conceito de teatro pós-dramático de Thies Lehmann (LEHMANN, 2007) e na relação entre palavras e imagens dos textos verbo-visuais (NODELMANN, 2011). Observaremos de que maneira a metaficção se torna uma forma de expressão. Palavras-Chave: Meu tio chega amanhã. La Línea. Livro-álbum. Metaficção. Verbovisualidade.

**AUTORES EM ABISMO NA FICÇÃO DE GRACILIANO RAMOS E SEUS
LIVROS “EMPERRADOS”**

Altamir Botoso (UEMS)

Resumo: O objetivo desta comunicação é abordar o autor em abismo nos romances *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos. A técnica da *mise en abyme* caracteriza-se por reduplicar uma narrativa, possibilitando que se problematizem as noções de autoria, ficção/realidade, delegando ao leitor um papel mais ativo na construção e decifração das histórias que lê. Em *Caetés*, João Valério, está escrevendo um romance e o mesmo ocorre com Paulo Honório, em *São Bernardo* e com Luís da Silva, em *Angústia*. Dessa maneira, a nossa proposta é evidenciar o papel do autor *en abyme*, conforme postula Alain Goulet (2006) e ressaltar as conexões entre os personagens autores João Valério, Paulo Honório e Luís da Silva e os possíveis significados dessa representação da figura do personagem escritor dentro dos referidos romances. Como suporte para as análises, serão utilizados estudos críticos de Barthes (2007), Dällenbach (1991), Antunes (1982), Alonso (2017, 2024), Todorov (2006), Hutcheon (1980). Em resumo, nota-se que o uso do artifício do autor *en abyme* permite que se interprete as figuras autorais concebidas por Graciliano Ramos como

seus *alter egos* e ainda que se desvelem os meandros e dificuldades da sua escrita romanesca.

Palavras-Chave: Autor em abismo. *Angústia*. *Caetés*. *São Bernardo*. Literatura brasileira.

A VIOLÊNCIA CONTRA MINORIAS E O SUJEITO OPRESSOR COLETIVO EM

CAMILA SOSA VILLADA

David Marques de Ramos (UCS)

Resumo: O presente trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa Literatura e Gênero, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), ancorado no projeto de pesquisa intitulado “A representação do medo na literatura insólita de autoria feminina latino-americana contemporânea”, coordenado pela professora Dra. Cristina Löff Knapp. Tendo em vista que toda a sociedade é adepta de determinados costumes e crenças, possíveis impulsionadores de repressão, o estudo se direciona ao conceito de sujeito opressor coletivo. Esta pesquisa busca compreender como a violência contra as minorias homossexuais e transgêneras é representada na literatura contemporânea latino-americana. O conto a ser analisado é “Cotita de La Encarnación”, da escritora argentina Camila Sosa Villada, presente na obra *Sou uma tola por te querer* (2022), que contempla histórias de teor insólito, podendo ocasionar o sentimento de medo. Desta forma, a metodologia de pesquisa é bibliográfica, ancorada nos teóricos Teresa de Lauretis para ressaltar a teoria *queer* e Heleieth Saffioti sobre a violência de gênero. Espera-se compreender como a figura opressora é representada por um corpo social pautado por concepções religiosas e culturais, ultrapassando a ideia de que o sujeito violento é um indivíduo específico e evidenciando a marginalização de grupos que fogem de preceitos pré-definidos. Sendo assim, os resultados colaboram para os estudos de gênero, atentando-se à categoria trans e suas respectivas produções literárias.

Palavras-Chave: Camila Sosa Villada. *Queer*. Insólito. Violência.

A VIOLÊNCIA DA DITADURA MILITAR TEMATIZADA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE MULHERES

Julia Rudek Machado (UFSC)

Resumo: O presente trabalho surge de minha pesquisa de mestrado, na qual proponho a analisar romances contemporâneos da autoria de mulheres e que tematizem as ditaduras militares ocorridas no cone sul no século passado, com o objetivo de promover o debate a respeito da escrita feminina e contemporânea sobre a violência e a memória. Entendo que a escrita nos dias de hoje sobre os períodos de repressão sob governos militares em países como Brasil, Chile e Argentina funciona como tentativa de reparação de uma memória que se perde ou que simplesmente se ignora no contexto atual, e que a violência sofrida pelas mulheres na época e o papel desempenhado por elas na resistência são, muitas vezes, negados. Pensando no fato de que a literatura que aqui discutimos tematiza com muita frequência a figura da mulher, seja na figura daquela que luta contra a repressão ou da que, anos depois, revolve o passado, no presente trabalho buscarei, com apoio em teóricas como Nelly Richard, Beatriz Sarlo e Gayatri Spivak, analisar a representação da figura da mulher na obra *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage, propondo, assim, a seguinte discussão: a partir de que ponto de vista as mulheres abordam, hoje, a violência e o trauma históricos? Qual debate elas visam promover, diante da inferiorização de sua participação na história que aqui recuperamos?

Palavras-Chave: Memória. Violência. Escrita de mulheres. Ditadura militar. Literatura Contemporânea.

A VIOLÊNCIA NO PROCESSO DE AMADURECIMENTO FEMININO EM O INVENCÍVEL VERÃO DE LILIANA (2022)

Ana Clara Hatsumi (UFMS)

Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)

Resumo: A presente pesquisa visa analisar a obra *O invencível verão de Liliana* (2022), da autora mexicana Cristina Rivera Garza, como um romance que trata do processo de amadurecimento feminino e como ele é atravessado pela violência de gênero. Para tal, será utilizado o conceito de romance de formação apresentado por Georg Lukács (1916), assim como a concepção de grafias de vida, de Silviano Santiago (2023). Ademais, a análise do romance de Garza também é pautada pelos estudos de gênero, pois, como propõe Hélène Cixous (1975), a escrita é política e é a partir da escrita que as mulheres poderão estabelecer a mudança e desafiar a escrita falocêntrica. Sobre a violência de gênero, utilizaremos as proposições de Marcela Lagarde Y De Los Rios (2010). Com base nessas proposições teórico-críticas, intenciona-se pensar em como se dá a passagem da infância para a vida adulta das mulheres em uma sociedade patriarcal na qual a violência contra a mulher é recorrente e normalizada.

Palavras-Chave: Cristina Rivera Garza. Estudos de gênero. Literatura latino americana. O invencível verão de Liliana.

A VIVÊNCIA AFETIVA DA AFRO-MULHER NO CONTO ABAJUR, DE MIRIAM

ALVES

Rafena Lima Araújo (UFPI)

O trabalho propõe afeto como mecanismo de suporte à reconstrução de identidades femininas negras na contística de Miriam Alves (2011). A partir da elaboração de uma narrativa que focaliza a vivência afetiva da afro-mulher, e insere o feminino negro em um lugar social privilegiado, Alves (2011) contribui para a reorganização do sistema literário brasileiro que até o século XX subalternizou os afetos negros, animalizando-os e ofertando-lhes insignificância nas obras de escritores do realismo brasileiro. Dessa forma, selecionamos o conto *Abajur* que compõe a obra *Mulher Mat(r)iz* (2011), com o objetivo de compreender de que forma Alves (2011) colabora com o processo de reconstrução de identidades negras a partir de uma poética das

relações. Apontar-se-á o amor como ferramenta de reconstrução do mundo das personagens, destacando de que modo outros contos dialogam com *Abajur* (2011) e contribuem à reflexão em torno do ciclo de inferiorização imposto às mulheres negras no universo das relações e do trabalho (SOARES, 2021). Dado o exposto, o aporte teórico baseia-se nas noções de palavra e identidade expostas por Evaristo (2011), Kilomba (2008), Soares (2021), Ribeiro (2017), hooks (2014) e Noguera (2020). Metodologicamente, considera-se o modelo da pesquisa qualitativa, a qual abrange estudo de identidade ligado à literatura e desenvolve a análise do texto de Miriam Alves (2011) relacionando-o à reconstrução identitária e interpretando a enunciação feminina negra tanto das personagens quanto da autora como elemento que norteia a pesquisa.

Palavras-Chave: Reconstrução de identidade. Afeto. Abajur. Miriam Alves.

A VOZ DO CÁRCERE E O GRITO DA MODA: ALEX POLARI E ZUZU ANGEL NA ESCRITA TESTEMUNHAL

Gustavo de Oliveira Araújo (UFGD)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a escrita testemunhal de Alex Polari, especialmente uma carta escrita em maio de 1972, endereçada à estilista Zuzu Angel, mãe de Stuart Angel, na qual denuncia, a partir de sua experiência direta, as violências praticadas pela repressão durante a Ditadura Civil-Militar brasileira. A metodologia adotada envolve a leitura crítica do documento, compreendido tanto como fonte histórica quanto como manifestação literária, em diálogo com estudos de testemunho e literatura de resistência. O aporte teórico crítico baseia-se em autores como Márcio Seligmann-Silva (2000; 2003) e Philippe Lejeune (2008), que problematizam o estatuto do testemunho enquanto narrativa que preserva a memória da violência e, ao mesmo tempo, tensiona as fronteiras entre história e literatura. Os resultados preliminares apontam para a relevância da carta como registro histórico singular, capaz de iluminar

aspectos das práticas repressivas pós-AI-5, mas também como texto literário que revela a potência narrativa de um jovem autor. Nesse sentido, a comunicação busca evidenciar como a escrita de Polari, atravessada pela memória e pela denúncia, contribui para o debate sobre o papel da literatura testemunhal na preservação da memória coletiva e na resistência às tentativas de silenciamento da história.

Palavras-Chave: Alex Polari. Zuzu Angel. Ditadura. Testemunho.

BLOG LITERÁRIO NORDESTINADOS A LER: UMA CONTRIBUIÇÃO NA DISSEMINAÇÃO DAS VOZES LITERÁRIAS DA REGIÃO NORDESTE

Luciana Bessa Silva (Centro Universitário Leão Sampaio)

Resumo: É sabido que a literatura produzida no Nordeste, em especial por mulheres, ao longo dos séculos ficou invisibilizada, não só por ser considerada uma região pobre econômica e literariamente, mas pelo fato de a ideologia dominante considerar o gênero masculino o detentor da pena literária. Taxadas de loucas, bruxa, frágeis ou indolentes, as mulheres foram encasteladas no ambiente doméstico para maternar e cuidar da família. Sem informação e formação, coube aos homens escreverem as grandes narrativas literárias de que temos conhecimento, salvo raríssimas exceções. Não é à-toa que o cânone literário brasileiro é composto majoritariamente por homens brancos, heterossexuais do eixo Sul-Sudeste. Diante dessa realidade de exclusão em partindo do pressuposto dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Organização das Nações Unidas (ONU), que se propõe a contribuir para que possamos atingir a Agenda 2030 no Brasil, em seu Objetivo 5, Igualdade de Gênero, propomo-nos discutir o trabalho realizado pelo projeto Nordestinados a Ler: Blog Literário, um projeto interdisciplinar, dialógico e interativo, cadastrado na Pró-reitoria de Cultura (Procult/UFCA) desde 2021, cujo objetivo é difundir a literatura produzida na região Nordeste escrita por mulheres. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica-exploratória de natureza quantitativa, baseada em autoras, como: Marisa

Lajolo (1986), Michelle Perrot (1995) Mary Del Priori (2004), Zoara Failla (2024), entre outras. Desse modo, criar estratégias e ferramentas como o Blog Nordestinados a Ler faz-se necessário no incentivo à leitura e à literatura de escritoras do Nordeste.

Palavras-Chave: Literatura. Mulheres. Nordestinados a Ler.

CALIBÃ COMO CONCEITO-METÁFORA

Vinícius Ribeiro Castelo Branco (SEMEC-Teresina)

Resumo: Este artigo visa a investigar as apropriações contemporâneas do personagem Calibã enquanto conceito-metáfora. A pesquisa insere-se no campo dos estudos póscoloniais. A pesquisa adota uma metodologia de cunho bibliográfico e abordagens qualitativa e exploratória. A análise fundamenta-se em três perspectivas teóricas, respectivamente, Joaze Bernardino-Costa (2017), que propõe Calibã com conceito metáfora aos povos afro-diaspóricos, em *Caliban e o Atlântico negro: conexões entre intelectuais negros do Brasil e Caribe*; Gabriel Pietro Siracusa (2018), que apresenta Calibã como conceito-metáfora aos povos indígenas em seu ensaio intitulado *Pensamento ameríndio e a ideia de América Latina*; e Lucas Anderson Neves de Melo com seu Calibã como conceito-metáfora à América Latina, em *Caliban ou uma fala contra-hegemônica: lugar de enunciação, fratura e escuta descolonial*. A partir da análise dos textos, conclui-se que Calibã permanece como um personagem a ser requisitado para representar povos subalternizados, tornando-se um modelo representativo das experiências históricas e simbólicas dos povos colonizados.

Palavras-Chave: Calibã. Conceito-Metáfora. América Latina. Diáspora. Povos Indígenas.

**CARTA À RAINHA LOUCA, DE MARIA VALÉRIA REZENDE, SOB A
PERSPECTIVA DOS ESTUDOS HISTÓRICOS E DE GÊNERO**

Micaela Quadro de Jesus (UESPI)

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Resumo: Ao longo da história, observa-se o apagamento de grupos considerados irrelevantes pela sociedade, em grande parte devido ao fato de que os responsáveis por registrar os acontecimentos marravam-nos a partir de suas próprias perspectivas. Esse processo resultou na exclusão de sujeitos da dinâmica social, reforçando a estrutura patriarcal que, historicamente, contribuiu para esse silenciamento. Nesse contexto, o presente trabalho propõe analisar a obra *Carta à Rainha Louca* (2019), de Maria Valéria Rezende, com o objetivo de investigar como as personagens Blandina e Maria Isabel são representadas na narrativa em questão. Busca-se compreender de que maneira a autora articula literatura e história para evidenciar o apagamento histórico de mulheres e, por conseguinte, dar visibilidade às suas vozes. A pesquisa é de caráter bibliográfico e qualitativo, apresenta como aporte teórico Hayden White (2001), Judith Butler (2023), Mary del PRIORE (2005), entre outros. . O trabalho pretende contribuir para os estudos que exploram a relação entre ficção, história e Gênero, ressaltando o potencial da literatura como instrumento de reflexão crítica e denúncia social. Palavras-Chave: Carta à Rainha Louca. Gênero. História.

**CORPO, MEDO E RESISTÊNCIA: O HORROR FEMINISTA EM SANGUE DE
CABRA, DE MYLENA QUEIROZ E REDEMOINHO EM DIA QUENTE, DE JARID
ARRAES**

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

Resumo: O presente trabalho empreende uma análise a partir da concepção de horror feminista nas narrativas curtas *Sangue de cabra* (2025), da pernambucana Mylena Queiroz e *Redemoinho em dia Quente* (2019), da

cearense Jarid Arraes, com o intuito de compreender como a literatura de horror comunica os medos reais vivenciados por mulheres na contemporaneidade. Parte-se da hipótese de que, nessas obras, o horror ultrapassa o aspecto estético e assume função crítica e política, ao transformar experiências de violência, silenciamento e desigualdade em imagens ficcionais de monstros morais. Nos contos das duas autoras nordestinas, observam-se temas como a violência, o abuso e a vulnerabilidade feminina. A análise foi desenvolvida a partir de um referencial teórico que articula estudos do horror, como os de Carroll (1999) e Reyes (2016), do fantástico feminista, em Roas (2020), articulando as teorias do insólito, como as de Roas (2014), Jackson (2001) e Ceserani (2006), com as perspectivas feministas brasileiras, que encontramos no diálogo com Safiotti (2004). Como metodologia, adotase a leitura comparativa, com ênfase nos recursos narrativos e simbólicos que figuram medos coletivos na ficção. Pretende-se demonstrar que o horror feminista, em Queiroz e Arraes, não denuncia apenas as violências naturalizadas, mas também posiciona o corpo e a experiência feminina como espaços de resistência. Assim, o estudo contribui para os debates sobre o horror brasileiro contemporâneo como campo relevante de investigação literária e cultural.

Palavras-Chave: Horror feminista. Modo fantástico. Monstros morais. Jarid Arraes. Mylena Queiroz.

CORPOS, CULTURAS E IDENTIDADES EM FINISTERRE (2005), DE MARÍA

ROSA LOJO

Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL - MG)

Resumo: O objetivo deste trabalho analisar o romance *Finisterre* (2005), da argentina María Rosa Lojo (1954), a partir da temática da decolonialidade, da representação dos corpos e da (re)configuração das identidades/subjetividades. A narrativa lojiana revisita os textos fundadores da história e da literatura de seu país ao recuperar e problematizar os

discursos construídos desde a época colonial até a formação da nação argentina pós-independência, tendo como *leitmotiv* o mito da Cativa (a mulher branca raptada e escravizada pelo indígena) – que surge nas crônicas da conquista do Rio da Prata. Por ser filha de pai galego e mãe paulista, que se conheceram na Argentina e formaram sua família, desde sempre a autora transitou entre culturas e identidades um tanto distintas umas das outras e, por isso, suas ficções refletem questões sobre a transitoriedade e as fronteiras movediças de identidades e/ou subjetividades, a construção, a manutenção e o questionamento de práticas culturais e o simbolismo dos corpos dos subalternos. Em *Finisterre*, a personagem cativa transita entre culturas – a branca e a indígena – e deixa de ser um corpo disciplinado por modelos impostos pelo colonialismo e logocentrismo eurocêntrico e se torna um corpo liberado, autônomo a partir de conhecimentos e saberes ancestrais indígenas. A releitura das fronteiras genéricas, dos binômios e dos mitos femininos estão presentes nos artigos acadêmicos de María Rosa Lojo (1994, 2000, 2005 e 2007) e fazem parte do embasamento teórico deste trabalho, além dos textos de María Lugones (2020) e Elódia Xavier (2007).

Palavras-Chave: Literatura e Mulher. Mitos fundacionais femininos. Representação do corpo.

CRIANÇAS QUE MATAM, INFÂNCIAS QUE DESAPARECEM: O INSÓLITO E O MAL EM BIG BROTHER ISN'T WATCHING YOU, DE TEOLINDA GERSÃO

Beatriz Rodrigues Ribeiro (UFPI)

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

Resumo: O conto *Big Brother isn't watching you* (2002), de Teolinda Gersão, narra a história de um grupo de adolescentes que planeja o assassinato de uma colega como se fosse um espetáculo midiático, apresentando ao leitor uma representação inquietante da infância, marcada pela banalização da violência, pela erotização precoce e pela lógica do consumo. Assim, a presente pesquisa tem como objetivos analisar como o conto desconstrói a

infância, figurando-a como mecanismo do insólito ficcional como artifício para a manifestação do Mal; e relacionar essa representação à noção de desaparecimento da infância na pós-modernidade. A fundamentação teórica articula três eixos: as manifestações do Mal na literatura como artifício simbólico do colapso social (Eagleton, [2011] 2022); a perspectiva sociocultural de Postman (2001) sobre a dissolução das fronteiras entre infância e vida adulta; e os estudos sobre o insólito ficcional como recurso estético de inquietação e do desconforto no leitor (Garcia, Gama-Khalil e Rossi, 2018). Metodologicamente, adota-se a análise qualitativa de caráter interpretativo, integrando leitura literária e aparato teórico-crítico. Parte-se da hipótese de que a infância, na obra, não é espaço de inocência, mas um território em que a violência e o desejo de visibilidade substituem as experiências tradicionais da categoria social infantil. Os resultados apontam para a demonstração de que a narrativa confirma literariamente esse traço, configurando a infância como categoria social em processo de dissolução. Conclui-se que Gersão utiliza o insólito para revelar, de forma crítica e perturbadora, a naturalização da barbárie e a perda da inocência infantil na sociedade contemporânea.

Palavras-Chave: Infância. Maldade. Insólito Ficcional. Desaparecimento da infância. Teolinda Gersão.

DEPOIMENTOS DA EXPERIÊNCIA LÉSBICA: O PAPEL DA LITERATURA

Lisiane Andriolli Danieli (FURG)

Resumo: Esta pesquisa aborda os depoimentos de experiência homossexual, especificamente lésbica, relatados no livro *Por que não consigo gostar dela? Por que não consigo gostar dele?* (2020), de Anna Cláudia Ramos e Antônio Schimeneck. A obra surge da proposta da autora Anna ao Antônio, com a intenção de publicar contos em que o amor homossexual é focado. Os objetivos desse trabalho são: analisar as narrativas íntimas inseridas entre as ficcionais; observar o formato das duas capas do livro físico; compreender a

importância da literatura infanto-juvenil no processo de autoaceitação; e enfatizar a temática da experiência lésbica (Rich, 2018) centralizada na obra. A importância do tema é reforçada pelo prefácio assinado pela psicanalista e escritora Regina Navarro Lins, a qual argumenta que as situações reais de homossexualidade são perenes no presente e no passado em todo o mundo, desde a Grécia Clássica até a contemporaneidade. A literatura inscreve acolhimento e respeito e, por meio dela, as pessoas jovens têm a oportunidade de perceber que a condição homossexual é comum aos seres humanos e deve ser respeitada tal qual qualquer característica. A análise crítica dos textos autoinvestigativos reitera a posição de Audre Lorde (2021) e considera a escrita de si enquanto um registro revolucionário.

Palavras-Chave: Depoimento. Autoinvestigação. Lesbianidade. Afeto.

DESESTABILIZANDO O CÂNONE: REESCRITAS FEMINISTAS E PÓS-COLONIAIS EM MORRISON, NUNEZ E ATWOOD

Glacilda Nunes Cordeiro (IFPI)

Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

Resumo: Este trabalho analisa o potencial transformador das reescritas literárias feministas com foco pós-colonial, a partir das obras de Toni Morrison, Elizabeth Nunez e Margaret Atwood, que rescrevem criticamente com *A Tempestade* de William Shakespeare. As autoras abordadas reconfiguram a narrativa canônica eurocentrada e patriarcal ao dar voz a personagens historicamente silenciadas, especialmente mulheres e sujeitos colonizados. A pesquisa articula fundamentos do pensamento pós-colonial e feminista, dialogando com teóricos como Rivkin e Ryan (2000), Plate (2011), Funck (2016), Bahri (2013) e Adrienne Rich (1979). Essas autoras e teóricos fornecem suporte à ideia de que a reescrita é um ato político e cultural que visa não apenas à resistência, mas à transformação da memória cultural e das estruturas simbólicas que sustentam a opressão colonial.

Palavras-Chave: Reescrita feminista. Pós-colonialismo. Cânone literário. *A Tempestade*. Memória.

**DESVENDANDO A IDENTIDADE LATINA-AMERICANA EM O MANTO DA
NOITE DE CAROLLA SAAVEDRA: UM DESPERTAR PÓS COLONIAL PELA
CORDILHEIRA DOS ANDES**

Bruna Oliveira Alves Araújo (UFPI)

Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

Resumo: O presente artigo tem como principal objetivo compreender os aspectos da identidade latino-americana a partir de reflexões embasadas no romance *Manto da Noite* (Saavedra, 2022) que tem como um dos seus cenários e personagem a cordilheira dos andes que na pesquisa enominaremos como um ente ancestral, a grande mãe que transmite e guarda os conhecimentos dos recantos e da história latino americana, mantendo viva sua cultura e memória. Na narrativa a personagem principal, uma mulher que caminha em direção ao sul e que vivencia diversas metamorfoses, vive um conflito de compreender e conhecer a si mesma, semelhante a nação sul americana que também busca compreender a sua precedência, de um passado aniquilado e esquecido. Segue uma abordagem indutiva e qualitativa, em que a fonte dos dados coletados é de cunho bibliográfico que implica a leitura, reflexão e discussão dos teóricos da pesquisa a partir das concepções sobre *Manto da Noite*, Carola Saavedra, identidade e memória. Essa investigação busca compreender a identidade e memória latino-americana a partir da subjetividade das personagens do romance. Para realização do trabalho será utilizado como base teórica os autores: Retamar (2003), Rodo, Assman (2011). Assim partimos de uma hipótese que a narrativa analisada contribui para o não apagamento das tradições originárias, sendo um forte instrumento de combate à homogeneização e esquecimento cultural, pois o enredo e a memória discursiva das personagens representam a alma e origem de uma cultura

latina ainda em construção que em essência recorda e busca desvendar sua própria história.

Palavras-Chave: Identidade. Memória. América Latina. Cordilheira dos Andes.

**DIREITO, LITERATURA E MEMÓRIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA
HERDEIRAS DO MAR, DE MARY LYNN BRACHT**

Ana Caroline Soares Mesquita (Cesvale)

Araceli Maria Alves Silva (Cesvale)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir a relação do direito com a literatura, assim como enfatizar a importância de se preservar memórias sobre fatos históricos para que sejam acessadas e discutidas e para que os acontecimentos não sejam esquecidos e tampouco tornem a se repetir. Para a construção da metodologia do artigo, utilizou-se, essencialmente, de pesquisa bibliográfica, valendo-se de artigos, entrevistas, livros e demais conteúdos que versem sobre as categorias que foram analisadas. Quanto ao objetivo da pesquisa, essa tem o caráter exploratório, considerando que tal tipo envolve o levantamento bibliográfico e a análise de situações que instiguem a compreensão do tema. Dentre as/os autoras/es que contribuíram para a concretização da pesquisa, destacam-se: Paiva (2021) e sua dissertação sobre o movimento de reparação das “mulheres de conforto”; Schwartz (2004), que explora a relação entre direito e literatura; Coelho (2016), que enfatiza a importância da memória para que abusos não voltem a ser cometidos; e Bracht (2018), que eternizou em sua obra uma parte da história de tantas mulheres que lutam, até hoje, por reparação e pelo reconhecimento de suas dores. Como resultado, infere-se que recordar de situações tão dolorosas implica em reabrir feridas. No entanto, acessar essas memórias é também evidenciar os responsáveis. E quando as vozes das vítimas não conseguem alcançar os espaços necessários, a literatura se torna uma ferramenta aliada, um instrumento poderoso que ultrapassa barreiras geográficas e culturais.

**DO SILÊNCIO À PRESENÇA: A MEDIAÇÃO INTELECTUAL DE DELCI MARIA
TITO NA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS (APL)**

Antonio Maurení Vaz Verçosa de Melo (UESPI/ SEDUC-MA)

Resumo: O presente artigo propõe uma compreensão da trajetória de Delci Maria Ribeiro Tito como intelectual mediadora, destacando sua atuação ao lado de seu esposo, o escritor e acadêmico A. Tito Filho. Juntos, transformaram a dinâmica da Academia Piauiense de Letras (APL), especialmente durante o período em que ele exerceu a presidência da instituição, entre 1971 e 1992. A contribuição de Delci não se restringiu ao papel de cônjuge; ao contrário, configurou-se como presença ativa na produção cultural e literária da APL. Sua participação se materializou na elaboração de capas, organização de livros, pesquisas, bem como na coordenação do informativo *Notícias Acadêmica*, veículo oficial da instituição. Nessa perspectiva, Delci Tito se afirma como parceira intelectual de Tito Filho, colaborando não apenas em sua produção escrita, mas também no planejamento e execução de eventos e atividades acadêmicas que marcaram a vida cultural piauiense. Para a construção desta análise, recorreremos às obras de Brandim (2012), Gomes (2016, 2025), Mendes (2023), Tito Filho (1981, 1991), Tito (1983), além dos exemplares do informativo *Notícias Acadêmica*. Assim, evidencia-se a relevância de trazer à tona a atuação de Delci Maria Tito, cuja contribuição ultrapassa a invisibilidade a que, muitas vezes, figuras femininas foram relegadas na historiografia intelectual. Mesmo em meio ao silêncio de seu tempo, os traços de sua intervenção cultural permanecem, permitindo reconhecer sua importância como mediadora no campo literário e no fortalecimento da memória intelectual do Piauí.

Palavras-Chave: Intelectual mediadora. Piauí. Academia Piauiense de Letras. Delci Maria Tito.

**DO TESTIMONIO AO ROMANCE-TESTEMUNHO: VERTENTES DIFUSAS
NASCIDAS DE CÁRCERES**

Raquel de Araújo Serrão (IFRN)

Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva (IFRN)

Resumo: A representação da violência no cárcere mostra-se como temática frequente em narrativas literárias latino-americanas. O *testimonio* e o romance são dois gêneros que acolhem tal assunto como foco. Considerando isso, o presente estudo possui o objetivo de explanar, por meio de uma reflexão teórico-crítica adorniana, a figuração dessa temática, destacando o desenvolvimento dos referidos gêneros no contexto de produção literária em língua espanhola. Assim, buscou-se identificar as vertentes de nascedouro, sobretudo dos gêneros “testimonio” e romance-testemunho, frente às ambiências tanto do cárcere social, vivenciado e ecoado na voz de subalternos, quanto do cárcere físico dos porões da ditadura de Rafael Videla, tomando para reflexão - por meio de pesquisa bibliográfica e qualitativa - o *testimonio* de Rigoberta Menchu, escrito por Elizabeth Burgos-Debray (1983) e o livro da escritora argentina, Nora Strejilevich (2006), *Una sola muerte numerosa*. Espera-se que o diálogo estabelecido entre a ficção e a realidade histórica entrelaçadas nessas obras colaborem para um olhar crítico sobre regimes autoritários, um fantasma que sempre ameaça voltar.

Palavras-Chave: Memória. Nora Strejilevich. Rigoberta Menchu. Romance-testemunho. Testimonio

**DR. BRUXELAS: MALANDRAGENS E CONSPIRAÇÕES AMOROSAS NA OBRA
DE FULGÊNCIO PINTO**

Emanuelle Marreiros Cantanhede Silva (SEDUC-MA/SEMED-SJR/UFMA)

Resumo: Esta comunicação oral trata sobre o Projeto de Dissertação de Mestrado PGLetras - UFMA “O Malandro na Literatura Maranhense”, iniciado em fevereiro de 2025, o qual tem como objetivo identificar e analisar a

construção e caracterização do personagem malandro na literatura maranhense e para tanto, dentre as obras maranhenses, uma que merece destaque por sua pouca visibilidade atual é a produção do autor maranhense Fulgêncio Pinto; a obra Dr Bruxelas e Cia. A metodologia utilizada será qualitativa e bibliográfica, direcionada à análise e interpretação de teóricos literários. Dr Bruxelas e Cia é datada de 1925, a obra em questão revela uma São Luís histórica e boêmia. Passando-se no centro histórico da capital do Maranhão, o autor caracteriza seus personagens por meio de costumes e performances do inconsciente coletivo que estabelece o que seriam os passos, artimanhas e efeitos da malandragem atribuídas à figura masculina, a qual a mulher, deve ter o apurado pudor em não cair em suas promessas. Aqui, o personagem malandro é um homem mentiroso que engana as mulheres em troca de satisfazer-se sexualmente. Com este trabalho, queremos apresentar a construção da figura do malandro no personagem ficcional literário maranhense, na medida em que este ao percorrer às ruas do centro histórico em busca de uma dama desatenta, utiliza-se da eloquência, experiências fictícias, riquezas irreais e histórias combinadas entre a corja de mentirosos que previamente reúnem-se e arquitetam a simulação de mentiras à próxima vítima. Dito isto, observamos que a análise e apreciação dos comportamentos da sociedade maranhense do século XIX dá voz a um sujeito, que real ou verossímil, faz-se presente no nosso imaginário servindo de inspiração em canções e obras literárias, demonstrando que os processos históricos e sociais estão presentes na arte, servindo de inspiração e entrelaçamento entre o real e o fantasioso.

Palavras-Chave: Malandro. Literatura Maranhense. Dr Bruxelas e Cia.

**EM NOME DE UMA LEGIÃO: VOZES FEMININAS E MEMÓRIAS NAS
NARRATIVAS LITERÁRIAS**

Kelly Fernanda Alves Xavier (UFAPE)

Resumo: A literatura de autoria feminina no Brasil, mais especificamente no Nordeste, vem alargando caminhos como forma de resistência, memória e reinvenção, alocando a mulher longe do lugar de silenciamento e posicionando-a como protagonista da própria narrativa. Neste trabalho, adotou-se oito obras de uma escritora nordestina, as quais foram analisadas à luz da estética da recepção (Iser, 1996), numa perspectiva qualitativa, baseada em Gil (2005). Nesse cenário, a produção de Patrícia Roberta Alves Xavier de Almeida se destaca ao articular afetos, memórias e insurgências, convertendo dor e apagamento histórico em afirmação de existência. No soneto *Silenciamento feminino*, a metáfora da palavra reprimida denuncia a exclusão das vozes femininas, revelando os mecanismos sociais que sustentaram esse apagamento histórico. Já em *Flor é ser*, o eu lírico tensiona as expectativas sociais e reivindica o florescimento da subjetividade feminina como energia criadora. O poema *Jaz-Mim* explora o jogo entre identidade e alteridade, transmutando fragilidade em doçura e resistência, como quem reescreve a si mesma pela memória e pela matéria. No conto *Haemanthus*, a travessia da personagem entre a aridez e o florescimento simboliza o movimento de resignificação da dor em vitalidade. E *Enquanto a água não ferve*, a protagonista mergulha na memória, revisita traumas, apontando para uma possibilidade de cura e autodefinição. Já em *Aquela noite*, a narrativa explora a intimidade feminina, expondo as fissuras entre desejo e vulnerabilidade. Em *Sem Nexus*, a autora problematiza a solidão contemporânea e a busca de conexão com uma IA de palavras doces, apresentando a experiência feminina no limiar entre o real e o tecnológico. No texto autobiográfico *Resistência poética*, a autora assume a palavra como mecanismo de sobrevivência e (re)existência. Nesse sentido, sua produção literária se apresenta como um campo de insurgência, em que o silenciamento é convertido em criação, e a memória, em identidade. Assim, as obras da autora pesquisada, que também participa da pesquisa, inscrevem-se no movimento de resignificação do cânone literário por meio

das vozes femininas nordestinas, afirmando a literatura como dispositivo de visibilidade e protagonismo feminino no meio literário.

Palavras-Chave: Identidade. Resistência. Memória. Literatura de autoria feminina.

**ENTRE A SUBMISSÃO IMPOSTA E A SUBVERSÃO VELADA: UMA ANÁLISE
DA PERSONAGEM MARIA DALUZ EM ATRAVÉS DA VIDA, DE AMÉLIA
BEVILÁQUA**

Mateus de Oliveira Feitosa (UESPI)

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Resumo: Este trabalho analisa as tensões entre a submissão, as manifestações sutis de subversão e de resistência vividas pela personagem Maria Daluz em *Através da Vida*, de Amélia Beviláqua. A pesquisa objetiva compreender de que forma a personagem revela sinais de insubmissão por meio de sua linguagem, desejos e ações, apesar de estar inserida em uma lógica de submissão social e no contexto patriarcal no final do século XIX para o início do século XX. A análise é fundamentada pelos pressupostos teóricos de Judith Butler (2018; 2019), Joan Scott (1995), Pierre Bourdieu (2010), Simone de Beauvoir (1967; 1970), Michel Foucault (1988; 2014), Heleieth Saffioti (2015), Maria Lúcia Rocha-Coutinho (1992), Antonio Candido (2004) e Algemira de Macêdo Mendes (2003; 2004). O estudo adota uma abordagem analítico-qualitativa, baseada em uma análise bibliográfica, documental e crítico textual da obra, bem como das demais referências mencionadas. Os resultados indicam que, embora Daluz se submeta às convenções sociais – como o casamento arranjado e a passividade religiosa –, ela também manifesta indícios de resistência, como na busca por conhecimento, no monólogo interior de contestação e na recusa final em perdoar o marido. Conclui-se que a personagem proporciona uma leitura complexa da experiência feminina, a qual Daluz, embora silenciada e condicionada, constrói pequenos ensaios de autonomia e dignidade. Ademais,

a obra contribui para o valorização da literatura de autoria feminina piauiense e para o aprofundamento dos estudos sobre gênero e poder.

Palavras-Chave: Gênero e poder. Resistência feminina. Submissão e insubmissão. Autoria Feminina. Literatura Piauiense.

ENTRE HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS: MEMÓRIA E IDENTIDADE EM JUAZEIRO DO NORTE PELA VOZ DE DONA TOINHA

Maria Beatriz Alves da Silva (URCA)

Elisângela Bezerra da Silva (URCA)

Resumo: As narrativas orais constituem um espaço privilegiado de preservação da memória e de construção de identidades, sobretudo em contextos marcados pela forte presença da tradição popular. Este trabalho busca refletir sobre as histórias contadas por Dona Toinha, residente de Juazeiro do Norte, cujo repertório narrativo revela elementos significativos da cultura e da religiosidade caririense. Compreender essa tradição exige mais do que observar, é necessário ouvir as vozes desses contadores populares. Com o apoio metodológico de Maria Ignez Ayala (2015), partimos da escuta, do registro de campo e das transcrições das histórias contadas, buscando compreender de que maneira essas histórias contribuem para a transmissão intergeracional da memória coletiva, bem como para a afirmação da identidade juazeirense. A análise das narrativas ancora-se nas contribuições de Sousa Lima (2012), em *Conto Popular e Comunidade Narrativa*, cuja reflexão discute a preocupação com o desaparecimento desse narrador no contexto da modernidade. Nessa perspectiva, as histórias, contadas por esses artistas, correm o risco de se perder, haja vista serem preservadas apenas na memória. As histórias de Dona Toinha evidenciam que, ao rememorar e compartilhar desses “contos”, sua voz se inscreve como autoria no campo das literaturas orais. Assim, é possível afirmar que suas histórias preservam a memória familiar e ampliam a compreensão sobre a formação cultural de Juazeiro do Norte, cidade marcada pelo catolicismo

popular, pelo legado de Padre Cícero e pelas práticas de fé. Portanto, as narrativas femininas constituem atividades literárias que registram, transmitem e recriam identidades, reafirmando a oralidade como lugar de resistência e de permanência cultural.

Palavras-Chave: Narrativas Orais. Memória e Identidade. Religiosidade Popular. Autoria Feminina.

**ENTRE MANUELA E SUHURA, ENTRE RESISTÊNCIA E ALTERIDADE: UMA
LEITURA MATERIALISTA DE “NINGUÉM MATOU SUHURA”, DE LÍLIA
MOMPLÉ**

Aerlys Pinheiro dos Santos (UESPI)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “Ninguém matou Suhura”, da escritora moçambicana Lília Momplé, sob a perspectiva da crítica cultural materialista em diálogos Estudos Pós-coloniais, enfatizando conceitos como alteridade e resistência. A crítica cultural materialista enfatiza que a análise do texto deve considerar uma união entre o interno e o externo, reconhecendo o social como fator fundamental na arte para entender a dimensão histórica e sociológica do objeto. Além disso, essa abordagem permite uma análise mais profunda da narrativa, haja vista que a literatura funciona como reflexo que estabelece relação com a sociedade, apresentando aspectos sociais e estruturais que expressam uma interpretação íntegra. Partindo dessa perspectiva, a narrativa de “Ninguém matou Suhura” revela o espaço histórico colonial português, caracterizado pela repressão do/ao período. Destaca-se, assim, as realidades moçambicanas por meio da estrutura e conteúdo do conto. A partir de seu caráter bibliográfico e qualitativo, essa pesquisa utiliza conceitos dos Estudos Culturais e das abordagens materialistas de autores como Cevalco (2005, 2013), Williams (2011), Candido (2000), além da perspectiva colonial de Bhabha (1998) e Bonnici (2005). Resumidamente, é possível compreender que no conto as noções de alteridade e estratégias de resistência se

manifestam na estrutura da narrativa e nas ações das personagens, evidenciando assim a produção de culturas alternativas e emergentes (Williams, 2011).

Palavras-Chave: Estudos Culturais. Estudo Pós-coloniais. Crítica materialista. “Ninguém matou Suhura”. Lília Momplé.

**ENTRE O FARDOS E AFETO: A INFLUÊNCIA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO
AMOR MATERNO NAS AÇÕES DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM
QUARTO DE DESPEJO**

Samara Almeida de Araújo (UESPI)

Resumo: Este trabalho propõe uma análise da representação do amor materno na obra *Quarto de despejo* (2014), de Carolina Maria de Jesus, com ênfase na forma como a construção social da maternidade incide de modo oneroso sobre a figura da autora-mãe. Parte-se da premissa de que o amor materno não constitui um instinto natural, mas sim uma construção histórico-ideológica. O estudo sócio-histórico de Elisabeth Badinter (1985) é o principal referencial teórico adotado, por compreender o amor materno como produto de discursos morais, religiosos e médicos, que impõem às mulheres modelos normativos baseados em sacrifício, abnegação e culpa. Com abordagem analítico-qualitativa, o estudo articula também os aportes teóricos de Simone de Beauvoir (2009), Virginia Woolf (2014), Angela Davis (2016), Lélia Gonzalez (2018) e Conceição Evaristo (2008) para examinar como os marcadores sociais de raça, classe e gênero atravessam a maternidade vivida por Carolina. A escrita é interpretada como um gesto de resistência e afirmação de dignidade, no qual se reivindica voz e agência em meio à exclusão social. A prática materna de Carolina, marcada por precariedade e sobrecarga, desafia os modelos idealizados de “boa mãe”, resgatando formas plurais e marginalizadas de materno, historicamente silenciadas pelos discursos hegemônicos.

Palavras-Chave: Maternidade. Construção social. Interseccionalidade. Escrivência.

**ENTRE O HISTÓRICO E O INSÓLITO: A RESSIGNIFICAÇÃO DE JOANA
CAMELO E O RESGATE CULTURAL NO REALISMO FANTÁSTICO DE
SOCORRO ACIOLI**

Ana Júlia de Oliveira Araújo Pereira (UFG)

Resumo: Este trabalho propõe analisar como a sobreposição entre o histórico e o insólito estrutura o realismo fantástico em *Oração para desaparecer* (2023), de Socorro Acioli, autora cearense que reelabora a trajetória de Joana Camelo, figura histórica vinculada à memória cultural do Ceará. O objetivo é compreender de que forma a recriação literária dessa personagem feminina, em diálogo com registros do IPHAN sobre a Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Almofala/CE), promove resistência cultural e ressignificação da História. A metodologia consiste na pesquisa bibliográfica, com análise textual da obra confrontada a documentos históricos e às lacunas arquivísticas que a narrativa literária mobiliza. O aporte teórico-crítico fundamenta-se nos estudos contemporâneos de Carlos Reis (2015), Flávio García (2007), Ana Lúcia Trevisan (2014, 2017) e Daniele Zaratin (2019, 2024), que problematizam o insólito em confronto com a lógica realista e o compreendem como ferramenta de reparação em narrativas latino-americanas. Essas reflexões são complementadas pelo trabalho em conjunto de Rodrigo Faqueri e Zaratin (2021), que discutem a função do sobrenatural em processos de enfrentamento da violência. Espera-se demonstrar como Acioli, ao utilizar-se da reza Tremembé da “oração para desaparecer”, tece uma personagem feminina capaz de confrontar silenciamentos históricos, convertendo-se em símbolo de resistência e em veículo de resgate da memória indígena e regional. Assim, a pesquisa evidencia a relevância da autoria feminina do Nordeste na reescrita da História e no fortalecimento das vozes culturais marginalizadas.

Palavras-Chave: Fantástico. Autoria feminina. Insólito. Resistência cultural.
Nordeste

**ENTRE O REAL E O MÁGICO: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS ENTRE
GIOCONDA BELLI E LAURA ESQUIVEL**

Josemara Rodrigues dos Santos (UFSM)

Ariani da Silva Oliveira (UFSM)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar aproximações e afastamentos entre Gioconda Belli (Nicarágua) e Laura Esquivel (México), escritoras latino-americanas que inscrevem em suas obras uma literatura atravessada por memória, sensibilidade e espiritualidade. A metodologia parte da leitura comparativa de *La mujer habitada* (1988), de Belli, e *Como agua para chocolate* (1989), de Esquivel, com foco na forma como corpo, terra e afetividade emergem como espaços de resistência diante de contextos políticos distintos: a ditadura somozista (1930-1979) e a Revolução Mexicana (1910-1920). O aporte teórico-crítico apoia-se em Candido (2000), Hall (2003) e estudos sobre literatura e memória na América Latina, permitindo compreender a escrita dessas autoras como herança cultural que resgata vozes silenciadas. Como resultado, evidencia-se que, embora distintas em estilo, a prosa lírica-política de Belli e o realismo mágico culinário de Esquivel, ambas constroem narrativas que afirmam o feminino como território de permanência histórica e espiritual, reafirmando o papel da literatura de autoria feminina na preservação da memória coletiva e no diálogo com a identidade latino-americana.

Palavras-Chave: Gioconda Belli. Laura Esquivel. Literatura latino-americana.
Memória. Resistência.

**ENTRE OS FRAGMENTOS DO CORPO: TRAUMA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO
EM CORPO DESFEITO DE JARID ARRAES**

Leidiana da Silva Lima Freitas (IFPI/ SEDUC-PI)

Resumo: A violência de gênero é um tema muito frequente na literatura contemporânea, especialmente nas obras de escritoras que abordam as questões sociais e estruturais de forma crítica. *Corpo Desfeito* (2022), de Jarid Arraes, destaca-se por trazer à tona a violência física e simbólica contra a mulher, evidenciando as consequências traumáticas oriundas dessa violência, criando um espaço literário de reflexão sobre as dinâmicas de poder e opressão no Brasil. Partindo dessas informações, este trabalho tem como objetivo analisar a representação da violência de gênero em *Corpo Desfeito* (2022), buscando compreender como a autora constrói suas personagens femininas e suas experiências traumáticas, bem como as formas de resistência e de reinvenção dentro de um contexto de relações de poder desiguais. Para tanto, a pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, com análise literária da obra por meio da teoria feminista, dos estudos de gêneros e de estudos sobre o trauma, baseada nos aportes de Hooks (2019), Evaristo (2017), Saffioti (2001), Gagnebin (2006), entre outras. A análise aponta que, em *Corpo Desfeito* (2022), Arraes constrói uma narrativa que reflete não apenas as opressões e os traumas sofridos pelas personagens, mas também suas formas de resistência e as estratégias de (re)construção da identidade feminina.

Palavras-Chave: Violência. Gênero. Trauma. Resistência.

ENTRE TITÃS E HUMANOS: MONSTRUOSIDADE E HORROR CORPORAL EM

ATTACK ON TITAN

Adriele Cipriano Lopes (IFRN)

Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva (IFRN)

Regina Bernardo de Lima Silva (IFRN)

Resumo: Este estudo propõe uma análise do anime *Attack on Titan*, baseado na obra homônima de Hajime Isayama, sob o viés do gótico e do horror corporal, com foco na tensão entre o humano e o monstruoso. Utilizando

uma abordagem qualitativa, o estudo se apoia nos conceitos de abjeção de Kristeva (1982), na teoria do monstro de Cohen (1996) e nos estudos sobre o gótico de Punter (2003). A metodologia consiste na análise semiótica dos espaços simbólicos das muralhas, das representações corpóreas dos Titãs e do monstro como reflexo da sociedade, articulando elementos do grotesco e da decadência típicos do imaginário gótico, tanto revelando a ambivalência da monstruosidade, quanto indicando que o verdadeiro horror reside na fluidez das fronteiras. Os resultados contribuem para os estudos culturais, ampliando a compreensão do anime como uma narrativa que dialoga com temas clássicos do terror e do grotesco, sob uma perspectiva pós-moderna e visual.

Palavras-Chave: Anime. Gótico. Horror corporal. Monstro. *Attack on Titan*.

**ESCREVIVÊNCIAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: A (RE)CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA EM QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO
DE UMA FAVELADA**

Dayla da Rocha Ferreira (UESPI)

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UESPI)

Resumo: Este trabalho analisa a obra *Quarto de despejo - diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, a partir da noção de “escrevivência” (Evaristo, 2007), compreendendo-a como instrumento de (re)construção da identidade da mulher negra no Brasil. O estudo parte do pressuposto de que a literatura de Carolina não se limita a um registro autobiográfico, mas assume caráter de denúncia social e de resistência, revelando a exclusão, a fome e a precariedade de sujeitos historicamente marginalizados. A metodologia consistiu na leitura e análise crítica da obra à luz dos aportes de Stuart Hall (2011) sobre identidade cultural e de Kabengele Munanga (1988; 1999) sobre negritude, além da crítica feminista e da literatura de autoria feminina negra (Zolin, 2018; Evaristo, 2005). Os resultados apontam que a escrita de Carolina constrói um espaço discursivo

capaz de ressignificar a experiência de ser mulher, negra e favelada, ao mesmo tempo em que confronta estereótipos coloniais e narrativas oficiais de exclusão. Assim, sua produção literária pode ser lida como fragmento de uma metaficção historiográfica que reelabora a memória coletiva e inscreve novas vozes no processo de (re)invenção do passado. Conclui-se que a obra de Carolina Maria de Jesus rompe fronteiras entre literatura, história e testemunho, afirmando a centralidade da mulher negra como sujeito histórico e literário.

Palavras-Chave: Carolina Maria de Jesus. Escrivência. Identidade. Literatura negra. Metaficção historiográfica.

ESCRITA AUTORAL FEMININA À MEIA-LUZ: CARTOGRAFIAS DO MEDO E DA VIOLÊNCIA

Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva (IFRN)

Raquel de Araújo Serrão (IFRN)

Resumo: Consequência de lutas e debates, algumas escritoras contemporâneas têm encontrado na violência a matéria-prima para seus trabalhos literários, lançando um olhar sobre o ser mulher e os desafios que enfrenta. A violência, contudo, não é um tema novo na literatura, haja vista que, no século XIX, autoras brasileiras tentaram denunciar os cenários hostis à vida das mulheres e dos escravizados, por isso sofreram silenciamento tanto pelas teor das suas produções quanto pelos seus posicionamentos ideológicos. Sabendo disso, o presente estudo traz duas vozes representativas dos séculos XIX e XXI, respectivamente, a carioca Júlia Lopes – A nevrose da cor – e a pernambucana Mylena Queiroz – Sangue de cabra –, que, debaixo das névoas da ficção, revisitam o real sob o signo do medo e da violência. Disso decorre o objetivo geral que consiste em realizar um estudo comparativo entre os dois contos citados. De natureza bibliográfica, esta pesquisa qualitativa ancora-se em Sá (2022) e sua discussão sobre o gótico tropical; em Cohen (1996) e a teoria do monstro; Dutra e Ribeiro (2022) e sua

discussão sobre a escrita gótica feminina. O resultado dessas análises colabora para tornar conhecido o trabalho autoral feminino que contraria o *status quo* reproduzido pelo patriarcado.

Palavras-Chave: Gótico feminino. Júlia Lopes. Mylena Queiroz. Violência.

**ESCRITA DE SI E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM CARTAS PARA
MINHA MÃE DA AUTORIA DE TERESA CÁRDENAS**

Cleiton Rodrigues de Sousa Filho (UESPI)

Resumo: A Escrita de Si configura-se como um campo de investigação que dialoga com diversos gêneros narrativos, como a biografia, memórias, diário, testemunho, cartas e até mesmo a ficção autobiográfica. Tais gêneros, embora distintos em estrutura, compartilham o sujeito como elemento central. Com o avanço dos estudos, novas abordagens e conceitos foram incorporados, como “ambiguidade”, “autobiografismo escondido” e “identificação nominal fictícia”, destacados por Alberca (2012). Nesse contexto, o termo “autoficção”, cunhado por Serge Doubrovsky (1977), surge como expressão significativa da escrita de si e da construção da identidade. O presente trabalho, parte do projeto de iniciação científica “Escrita de si e construção da identidade em Cartas para minha mãe”, de Teresa Cárdenas, sob orientação da professora Margareth Torres de Alencar Costa, investiga os elementos da escrita de si na obra, com foco na filiação e na memória que estruturam a narrativa epistolar. Como a Escrita de Si foi tecida pela narrativa de filiação em Cartas para minha mãe? Em que pontos a obra evidencia uma reflexão sobre a identidade? A metodologia é básica, de abordagem qualitativa e análise descritiva, por meio de pesquisa bibliográfica centrada na obra. Os resultados apontam a presença marcante da escrita de si e dos processos identitários na construção da personagem. A análise teórica evidencia a relação entre vivência pessoal e ficcionalização, revelando um conteúdo quase autobiográfico. Conclui-se que a escrita de si está ligada

à formação identitária da personagem, revelando uma narrativa auto ficcional e memorialística de uma menina, adolescente e mulher negra.

Palavras-Chave: Escrita de Si. Identidade. Cartas para minha mãe. Teresa Cárdenas.

**ESCRITAS DE SI E VIOLÊNCIA EM MELHOR NÃO CONTAR, DE TATIANA
SALEM LEVY**

Francisca Liciany Rodrigues de Sousa (UVA)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre as escritas de si, a violência de gênero e o silenciamento no romance *Melhor não contar* (2024), de Tatiana Salem Levy. A metodologia da pesquisa consiste em uma leitura analítica e interpretativa da obra, com ênfase nos procedimentos formais que revelam as estratégias de silenciamento e resistência da narradora. A pesquisa é de caráter bibliográfico e tem como aporte teórico os estudos de Diane Klinger (2008) e Eurídice Figueiredo (2013), sobre escritas de si na literatura escrita por mulheres; bem como as contribuições de Heleieth Saffioti (2015) e Pierre Bourdieu (2014), sobre a violência de gênero e as estruturas patriarcais. Os resultados apontam que, através das escritas de si, a narrativa em questão busca contar a experiência de violência, explorando os silêncios como meios possíveis de elaboração do sofrimento, assim como de busca de novos espaços e modos de narrar o inenarrável.

Palavras-Chave: Escrita de si. Violência de gênero. Literatura escrita por mulheres. Literatura contemporânea.

**E SE TODAS AS PERSONAGENS VIVESSEM NUM MUNDO SÓ? — OU COMO
A LIGA EXTRAORDINÁRIA PÕE EM JOGO TODO O SISTEMA LITERÁRIO**

Daniel Soares Duarte (UFPeI)

Resumo: Que narrativa surgiria se todos os personagens de uma literatura — e depois de várias literaturas e outras artes — convivessem em um único

universo, nas mãos de um autor anarquista praticante de magia? Este trabalho tem como objetivo partir de alguns dos inúmeros intertextos presentes na série de romances gráficos de *A liga extraordinária*, de Alan Moore e Kevin O'Neil (bem como do relativo sucesso de público e crítica local, nas traduções) para refletir acerca dos fatores que levaram à completa tradução e publicação da série no polissistema literário brasileiro (Even-Zohar, 1997) — que tende historicamente à fragmentação e a não traduzir obra completas, com algumas exceções. Entre a cultura participativa (Jenkins, 2006) e um colonialismo gritante e massificado (Campos, 2023), exemplos como a obra de Moore e O'Neil ajudam a repaginar perspectivas e ao mesmo tempo colocar toda a literatura “em jogo” no texto multissemiótico do formato quadrinhos — a princípio a literatura inglesa, nos primeiros volumes de série, mas depois incorporando outras nacionalidades, bem como outras artes, a partir de sua metade. Mais do que “globalização” da cultura, o roteiro de Moore e arte de O'Neil complexificam os sistemas literário, artístico e da cultura pop na forma de uma majestosa *fanfic*, que atualiza, movimenta e com felicidade “desrespeita” os cânones, colocando-os em um único universo ficcional.

Palavras-Chave: Fanfiction. Liga Extraordinária. Polissistemas. Intertextualidade. Cânones.

**“ESTA BOCA MUDA, CUPINDO METÁFORAS”: A CONSTRUÇÃO DA
SUBJETIVIDADE FEMININA EM PALAFITAS (2016), DE LUIZA
CANTANHÊDE**

Ana Caroline Nascimento Oliveira (UESPI)

Resumo: Este trabalho analisa a obra literária *Palafitas* (2016), da escritora maranhense Luiza Cantanhêde, a partir da crítica feminista, com foco na construção do eu-feminino. Considera-se que a literatura de autoria feminina no Maranhão foi historicamente silenciada pela hegemonia da escrita masculina. Nesse cenário, a obra literária se destaca por dar voz a uma

subjetividade feminina que utiliza a escrita como forma de resistência, rememoração e afirmação identitária. Nesse sentido, o estudo busca compreender como a obra articula memória e experiência na constituição de um eu lírico plural, cujas vivências se inserem em um processo de construção da identidade feminina. A análise dialoga com Foucault (1988), em suas reflexões sobre corpo e poder; Butler (1994) e Hooks (2019), no debate sobre gênero; além de Viana (1995) e Lacerda (2003), que discutem memória, subjetividade e autoria de mulheres. Pretende-se, assim, contribuir para a valorização da literatura feminina maranhense contemporânea, evidenciando como a escrita de Cantanhêde insere-se no movimento de resistência cultural e de construção da subjetividade feminina.

Palavras-Chave: Cantanhêde. Crítica Feminista. Memória. Poesia.

**EXPLORANDO A LITERATURA ESCRITA POR MULHERES E O GÓTICO
FEMININO POR MEIO DO CONTO “GILDA”, DE MARCELA DANTÉS**

Gisele Troian Guerra (UCS)

Resumo: A literatura é conhecida por ser um profícuo meio de representação das ideias presentes em uma determinada época da sociedade. Nesse sentido, a literatura de autoria feminina, a qual representa um movimento de reivindicação e libertação, principalmente no que diz respeito ao direito de denunciar o papel da mulher na sociedade, representa uma área inesgotável de estudos, a qual tem se expandido cada vez mais na contemporaneidade. Devido a isso, um dos campos de estudo que merece destaque é a literatura gótica feminina, a qual surgiu no século XVIII, visto que ele é responsável por explorar o pavor nas narrativas literárias produzidas por mulheres, bem como expor a opressão sofrida pelo sexo feminino. Portanto, o objetivo desse estudo é analisar o conto “Gilda”, da escritora Marcela Dantés, presente na obra *O dia escuro: Contos inquietantes de autoras brasileiras* (2024), organizada pelas autoras Fabiane Secches e Socorro Acioli, com o intuito de propor uma observação a respeito da figura da mãe e dos elementos

goticizantes na narrativa. Para tanto, essa pesquisa possui uma metodologia teórico-bibliográfica e está ancorada ao seguinte referencial teórico: Alves e Pitanguy (1985), Garcia (1995), Perrot (2003), Bauman (2008), Badinter (2011), Dutra e Ribeiro (2023), França e Nestarez (2023) e Nestarez (2024). Por fim, como resultado desse trabalho, é possível atestar que o conto “Gilda” é pertencente aos estudos góticos femininos porque trata-se de uma história que transforma a mulher em um ser monstruoso, a qual causa repulsa ao leitor, bem como denuncia a maternidade.

Palavras-Chave: Literatura feminina. Literatura gótica. Figura materna.

**FANTASMAGORIA FEMININA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O GÓTICO
NO CONTO “MULHERES DESESPERADAS”, DE SAMANTHA SCHWEBLIN**

Ana Maria Leonidas Moura (UFPI)

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

Resumo: Este trabalho objetiva analisar a presença do gótico no conto “Mulheres desesperadas”, de Samantha Schweblin, a partir do recurso estético e social do fantasmagórico, que se exhibe uma crítica às violências experimentadas pelas mulheres ao longo da história. O conto apresenta-se em um descampado em que a personagem Felicidad se encontra após ser abandonada por seu cônjuge. Ao longo da diegese, a personagem se conecta com outras mulheres colocadas sob a mesma condição violenta de abandono. Em torno disso, surge a presença do fantasmagórico, através de vultos femininos, amargurados e que assumem o papel de assombrar as recém-chegadas e os homens que partiram. A fim de realizar uma análise crítica e estética sobre o conto, discutimos a construção do gótico através das instâncias narrativas presentes na história e os efeitos estéticos e sociais que corroboram para a sua elaboração. Para isso, tem-se como embasamento teórico Antonio Candido (2009), Leyla Perrone-Moisés, Punter & Byron (2004), França (2018), Carroll (1999) e Perrot (1989). Diante desse prisma, considera-se a narrativa de Schweblin com características do gótico, em que estes

elementos do sobrenatural servem como denúncia da trajetória violenta do sujeito e corpo feminino, e que ressurgem nas narrativas contemporâneas como modo de transfigurar o real através do insólito.

Palavras-Chave: Fantasma. Gótico. Mulheres. Samantha Schweblin.

**FANTASMAGORIAS DE UM PASSADO INSEPULTO: EM CENA PROVA
CONTRÁRIA, DE FERNANDO BONASSI**

Rosicley Andrade Coimbra (UFG)

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o romance *Prova contrária*, de Fernando Bonassi (2003), pela perspectiva da fantasmagoria. A ideia é tomada de Stephen Frosh (2018) que relaciona o fantasma com uma experiência traumática desconhecida que retorna para atormentar o presente, exigindo reconhecimento e reparação pelo dano sofrido. Nesse sentido, a narrativa de Bonassi encarna o fantasma de um passado insepulto na figura do desaparecido político. Trata-se de um retorno espectral que tensiona presente e passado ao trazer lembranças do período da Ditadura Militar (1964-1985) que ainda assombra a história oficial. Assim, esse retorno fantasmagórico pode ser lido como sintoma de um passado interdito e sua constante negação. Em seu retorno, sempre melancólico, o fantasma cobra por justiça, pois representa uma lembrança que obriga os vivos a encararem o passado. *Prova contrária* realiza, assim, aquilo que o filósofo Paul Ricoeur (2007) chamou de “dever de memória”, que significa fazer justiça pela lembrança ao outro que não o si. Em síntese, ao cobrar justiça, o fantasma também cobra uma certa responsabilidade pela herança deixada, ou seja, pela memória impedida, exigindo que ela não caia no esquecimento total.

Palavras-Chave: Fantasmagoria. Memória impedida. Ditadura Militar. Justiça.

**FICÇÃO E HISTÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES DA REPRESSÃO À
HOMOAFETIVIDADE DE CUBA POR MEIO DO ROMANCE *FABIÁN E O
CAOS*, DE PEDRO JUAN GUTIÉRREZ**

Alexandre Moitinho Faquetti (UFMS)

Resumo: A presente comunicação, de uma pesquisa que está em seu estágio inicial, tem como objetivo apresentar uma análise das políticas de perseguição à homossexualidade da Cuba revolucionário, por meio do romance *Fabián e o Caos*, de Pedro Juan Gutiérrez. Será utilizada como caminho teórico-metodológico as análises de Júlio Pimentel Pinto (2024), sobre a relação entre História e Literatura. A história da personagem Fabián, homossexual e afeminado, mostra uma realidade contrária à aquela heroica e viril progandada pelo governo revolucionário e uma arte dita como tipicamente cubana. Longe dos padrões do Novo Homem, enfrenta as política de estado de 1971, de repressão à homossexualidade, e o enclausuramento em uma fábrica de enlatados da Unidade Militar de Ajuda à Produção (UMAP). Ficção, história e representação se entrelaçam à medida que expõe resistências e negociações diante políticas públicas cubanas de moralidade às condutas e aos desejos dos cidadãos, bem como críticas do autor ao governo cubano e análises de uma faceta obscura do ideal de masculinidade.

Palavras-Chave: Homossexualidade. Ficção. História. Repressão. Revolução Cubana.

**FRAGMENTOS EM TRÂNSITO: EXPERIMENTAÇÕES VERBO-VISUAIS E OS
ESQUECIDOS DA HISTÓRIA**

Janaina Freire de Oliveira dos Santos (PUC-SP)

Resumo: Esta submissão tem como objetivo analisar o livro-objeto *Na estrada*, de Geruza Zelnys e Liliana Pardini, publicado em 2024, à luz das relações entre metaficção, experimentações formais e a inscrição literária dos esquecidos da história. O livro desloca a noção de narrativa ao articular texto,

imagem e materialidade em uma estrutura não linear, que convida o leitor a um percurso fragmentário e performático. A obra problematiza a própria condição do livro, transformando-o em objeto estético e autorreflexivo, em consonância com a definição de metaficção proposta por Waugh (1984) e com os debates sobre materialidade do texto desenvolvidos por Plaza (1987) e Drucker (1995). A metodologia adotada é a análise de natureza qualitativa, baseada em uma leitura interpretativa da obra, com foco em seus aspectos verbo-visuais e na relação entre forma e conteúdo. Busca-se compreender como as escolhas formais, disposição gráfica, estrutura objetual e rupturas na linearidade instauram uma experiência de leitura que tensiona os limites entre literatura e artes visuais. A análise da obra demonstra que *Na estrada* não apenas radicaliza a dimensão experimental da linguagem, mas também produz uma metáfora para trajetórias precárias e instáveis, evocando os sujeitos em trânsito e os esquecidos pelas narrativas históricas oficiais. Assim, o livro-objeto se revela como prática crítica que alia inovação estética e gesto político de reinscrição da memória marginal.

Palavras-Chave: Metaficção. Livro-objeto. Experimentação formal. Materialidade da literatura. Esquecidos da história

GÊNERO E VIOLÊNCIA INFANTIL NA CONTÍSTICA DE AUGUSTINA BAZTERRICA

Cristina Löff Knapp (UCS)

Resumo: O objetivo desta comunicação é analisar o conto “Terra”, da escritora argentina Agustina Bazterrica, publicado na obra *Dezenove garras e um pássaro preto* (2023), a fim de discutir a violência de gênero em uma narrativa insólita contemporânea escrita por uma mulher. Dessa forma, abordaremos as teorias do insólito ficcional com a intenção de dar luz a um problema social cotidiano: o abuso sexual infantil. É importante frisar que o insólito trata de questões inusuais no cotidiano, e na narrativa contemporânea está presente desde o início da história. A metodologia de

pesquisa utilizada é de natureza bibliográfica ancorada em autores como Saffioti (2015) e Butler (1999), para discutir a violência contra o sujeito feminino e em Roas (2014), Alazraki (1990) e Campra (2016) em relação ao fantástico/ insólito ficcional. Além disso, o estudo tem relevância visto que analisa uma narrativa de uma autora contemporânea pouco conhecida no Brasil, mas de grande evidência na Argentina. Também é importante salientar que as narrativas contemporâneas de caráter insólito procuram trazer à baila alguns temas tabus, como o abuso sexual infantil, mas construído por meio de uma diegese que beira o horror. Essas narrativas também chamadas de “novo gótico” apresentam temáticas há muito tempo evidenciadas, mas com uma nova roupagem, provocando a inquietação, o medo e a repulsa desde as primeiras linhas do conto. Assim, é possível salientar que os textos produzidos por mulheres latino-americanas, na área de insólito ficcional, utilizam do horror, a fim de impactar a sociedade a respeito de um problema social, por meio de uma situação inusitada, revelando algo mais perturbador ainda: a violência sexual infantil e o abandono.

Palavras-Chave: Insólito. Autoria Feminina. Violência Sexual. Agustina Bazterrica.

**GUARDIANAS DEL PASADO: BEIRA, ARONI, CÁRDENAS E A PÓS-
MEMÓRIA AFRO-CUBANA**

Valéria Sales Menezes (UFGD)

Paulo Bungart Neto (UFGD)

Resumo: Esta comunicação tem por interesse analisar a obra *Perro Viejo* (2005), da escritora cubana Teresa Cárdenas, como uma narrativa de resistência que confronta o “memoricídio”, conceito de Báez (2010) que designa o apagamento deliberado da memória coletiva dos povos colonizados. O objetivo é compreender como a autora, a partir da escrevivência (Evaristo, 2015) e da pós-memória (Sarlo, 2007), transforma a ficcionalização do testemunho em um gesto de preservação da memória afro-

cubana e de denúncia da escravidão a partir de uma memória herdada por descendentes de quem viveu o trauma. Cárdenas reinscreve no presente a experiência de seu povo, articulando a história familiar à memória coletiva. A pesquisa realiza uma leitura crítico-comparativa da obra, em diálogo com teorias da memória, do arquivo e do testemunho, mobilizando Figueiredo (2010, 2011), Gagnebin (2012), Pizarro (2009), Derrida (2001), Seligmann (2003), para evidenciar a literatura e a memória como espaços de resistência. O estudo destaca o papel das personagens femininas Beira e Aroni, guardiãs da tradição oral e da ancestralidade, que reconstituem vozes silenciadas e ampliam a compreensão da experiência feminina na escravidão. A narrativa de Cárdenas reverte a lógica colonial ao dar visibilidade às subjetividades negras, ressignificando a história a partir de uma perspectiva decolonial e afirmando a literatura como ferramenta de reparação simbólica. Assim, a obra não apenas preserva a memória ancestral, mas também contribui para a luta contra o racismo e a construção de identidades coletivas.

Palavras-Chave: Memoricídio. Escrivivência. Pós-memória. Ancestralidade. Arquivo.

HERANÇAS DE MEDO: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA ASSOMBRADA EM *COMO NASCEM OS FANTASMAS*

Julia Alvarenga Faustino (PUC-MG)

Tatiane Batista Silva Machado (PUC-MG)

Resumo: A presente comunicação perscruta o romance **Como nascem os fantasmas** (2025), da brasileira Verena Cavalcante, a partir da construção estética do texto literário pautada no horror contemporâneo e no gótico latino-americano. A obra retrata Beatriz, protagonista que revisita os horrores reais e sobrenaturais que permeiam a puberdade feminina e os traumas individuais e familiares. Assombrada pela imagem de uma mãe idealizada e de uma avó líder religiosa, a personagem tem sua subjetividade marcada pela disrupção e pela experiência de amadurecimento, em que o

corpo feminino — historicamente invisibilizado — emerge como espaço de conflito, violência e assombramentos. O objetivo central é investigar como o romance constitui a subjetividade feminina ao articula a tradição gótica — marcada pela figura monstruosa, pelo passado que retorna e pelo *locus horribilis* — a uma reflexão sobre o medo artístico, entendido como o efeito estético produtor de medo e repulsa. Tal análise literária se consolida como uma pesquisa bibliográfica de cunho analítico-qualitativo, na qual nos embasamos nas teorias do horror e do gótico propostas por Noël Carroll (1990), Júlio França (2011; 2015), Fred Botting (2024) e Oscar Nestarez (2023). A partir dos esforços empreendidos, constatamos que o romance de Cavalcante reinscreve o gótico a partir da chave latino-americana e feminista ao fundir o horror sobrenatural aos traumas do cotidiano, revelando como o corpo feminino, atravessado pela violência, religião e memória familiar, torna-se um espaço subversivo de manifestação do medo.

Palavras-Chave: Horror contemporâneo. Gótico latino-americano. Literatura brasileira. Subjetividade feminina.

HISTÓRIA E FICÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTUDO DE MUNDOS DE EUFRÁSIA, DE CLAUDIA LAGE (2009)

Natânia Marques de Oliveira (UESPI)

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Resumo: Linda Hutcheon (1991) ressalta que a consciência pós-modernista reflete historicamente sobre os acontecimentos do passado de maneira crítica. Isso porque, em razão da subjetividade da História e da parcialidade do historiador, muitos fatos deixaram de ser relatados. A perspectiva oficial que permeou nossa história é, assim, confrontada por uma ideologia pós-moderna. Os mecanismos narrativos da História e da Literatura são semelhantes, pois ambas são construções humanas. Nesse sentido, o presente projeto tem como objetivo analisar a obra *Mundos de Eufrásia* (2009), de Claudia Lage, a partir da perspectiva dos estudos sobre história e

ficção. A relevância deste trabalho está na necessidade de oferecer um novo olhar sobre a história, considerando que a literatura pode contribuir para desvendar o imaginário de uma época. A pesquisa é de caráter bibliográfico, explanatório e qualitativo, envolvendo levantamento de referências e análise de teses. Assim, o objetivo geral é investigar como *Mundos de Eufrásia* articula real e ficcional, evidenciando de que modo a literatura pode propor interpretações históricas. Como resultado, constatou-se que a narrativa apresenta diversas passagens que configuram uma leitura histórica mediada pela ficção.

Palavras-Chave: História. Ficção. Literatura.

HORROR E AUTORIA FEMININA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E O CÂNONE LITERÁRIO

Talisson Melo Rafael (UVA)

Margarida Pontes Timbó (UVA)

Resumo: Esta comunicação objetiva discutir como a literatura insólita – escrita por mulheres no final do século XIX e início do século XX – sofreu apagamento no cânone literário brasileiro. Constitui *corpus* de pesquisa os contos “Os Porcos”, “A casa dos mortos” e “As Rosas”, de Júlia Lopes de Almeida (2020). O debate propõe revelar também como essa autora foi precursora da escrita de horror feminino no Brasil, uma vez que a autoria de mulheres possui outra ótica em relação ao protagonismo feminino e seus temores. Assim, a pesquisa bibliográfica e de viés qualitativo contempla os trabalhos de Barroca (2022), França (2022), Matangrano e Tavares (2019), Paula Jr. (2024), Santos (2017), os quais estudam a obra de Júlia e a temática do insólito. Cabem na discussão os estudos de Duarte (2022), Muzart (1995), entre outros, que discutem o cânone literário e a autoria feminina nos séculos referenciados. Esta pesquisa se justifica em virtude do modo como Júlia Lopes de Almeida foi redescoberta graças aos seus romances, contudo, a sua contística ainda se encontra em uma espécie de limbo, ou seja, com

menor atenção por parte da crítica e do público. A pertinência do tema se dá em virtude da necessidade de redescobrir e agregar essas autoras na historiografia literária do Brasil, que, infelizmente, carece de evidências sobre as múltiplas protagonistas letradas e as suas distintas contribuições para a literatura. Com este trabalho espera-se evidenciar a produção insólita de Júlia e refletir como as mulheres autoras precisam prementemente reconquistar o seu espaço de direito.

Palavras-Chave: Insólito. Júlia Lopes de Almeida. Cânone. Contos.

HUMOR, IRONIA E AUTOPOÉTICA LÉSBICA: O RISO CRÍTICO EM “DEUS ME LIVRE”, DE NATÁLIA BORGES POLESSO

Elizabete Farias de Castro (FURG)

Resumo: Um dos efeitos de linguagem espremidos na coletânea de contos publicados no reconhecido *Amora*, de Natália Borges Polezzo, é o humor construído com ironia e sarcasmo, elementos que percorrem a maioria da primeira seção da obra, “Grandes e sumarentas”, na qual encontramos Vera e seu anjo, Leila, do conto “Deus me livre”. Proponho pensarmos nesta estratégia literária a partir das seguintes reflexões: a) a escrita irônica de Natália Borges Polezzo, contrariando como nos faz lembrar Regina Barreca, na introdução do livro *Last Laughs: perspectives on women and comedy*, “a afirmação de Congreve, dramaturgo e poeta inglês, de que as mulheres carecem de senso de humor” (BARRECA, 2022, p. 3, tradução livre), parte de condições materiais, de gênero e sexualidade, tensionadas pelas ideologias combativas, como as de Reginald Blyth, também citado por Barreca: “a verdade é que as mulheres não só não tem humor em si mesmas, como são a causa da extinção dele nos outros” (BARRECA, 2022, p. 4, tradução livre). Assim, a narrativa de Polezzo desponta como uma literatura que não só mobiliza os status culturais e literários através dos temas abordados, como também pelos recursos expressivos utilizados, mais especificamente, pelo uso do humor que, seja na teoria, na crítica, no palco e nas mídias,

frequentemente está restrito, ou tentam restringir, aos homens; b) personagens enredos inserem a experiência e vivência que, embora não se limite a temáticas estritamente relacionadas à sexualidade lésbica, partem e são atravessadas de (por) vidas ficcionais de mulheres lésbicas, satisfazendo a necessidade expressada por Hélène Cixous, no seu ensaio “O riso da Medusa” (1975): “Eu escrevo mulher. Faz-se necessário que a mulher escreva a mulher” (2017, p. 131). Desse modo, o efeito cômico é atingido no conto justamente por aproximar esses corpos e vivências de espaços e experiências neopentecostais, cada vez mais influentes no Brasil, com tanta naturalidade de uma parte (Cristã e lésbica) e de outra (heteronormativa e religiosa) com a sombra e recusa. Embate sugestivo inclusive da reação violenta por parte de alguns estranhos conservadores que ameaçavam a autora diante da polêmica edição do Exame Nacional de Ensino Médio em 1018 que usou parte do conto “Vó, a senhora é lésbica?”, porque, conforme Cixous, “os verdadeiros textos de mulheres, texto com sexo de mulheres, esses não os agrada, dá-lhes medo. Causa protestos entre os leitores, chefes de coleção e patrões no trono” (2017, p. 131). Assim, se a primeira reflexão mencionada gira em torno de recursos expressivos para atingir o efeito de humor, para a qual teremos os contributos teóricos da já citada Rebeca Barreco, de Vladimir Propp em *Comichidade e riso* (1992) e Linda Hutcheon, em *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*; a segunda volta-se para o corpo que escreve e é escrito e que se impõe irônico e crítico frente ao discurso conservador, satirizando a “fé-ingênua”, a religião e as ideologias fundamentalistas, mobilizando repertórios discursivos reconhecíveis do imaginário brasileiro contemporâneo, provocando caótico, apocalíptico e herege, dentro e fora da obra, à luz de *O riso da medusa*, de Hélène Cixous. Em síntese, proponho a análise dos efeitos de humor crítico inscritos no conto “Deus me livre” (2018), de Natália Borges Polezzo, observando como esses efeitos expressivos protagonizam, antagônica e comicamente, personagens lésbicas frente a espaços conservadores e de que modo poderíamos considerar a vivência da autora, visto que esse mesmo público

que foi ficcionalizado recebeu a obra com o mesmo assombro e recusa. A proposta de análise do conto “Deus me livre” (2018), de Natália Borges Polezzo, insere-se diretamente nas reflexões do simpósio ao destacar como a ironia e o humor, mobilizados pela autora, assumem uma função autopoética e insurgente. A voz narrativa, atravessada pela experiência lésbica e pela sátira ao discurso religioso conservador, opera como um “eu” crítico que não apenas narra, mas performa resistência e rebeldia, em consonância com as perspectivas de Ciplijauskaitė (1994), Sarlo (2007) e Rich (2019). Ao dar forma literária a corpos e vivências dissidentes, Polezzo inscreve no texto um riso que é também gesto político, desestabilizando a normatividade e reivindicando, como aponta Cixous, o direito da mulher escrever-se. Nesse sentido, a narrativa se articula à escrita contemporânea do eu como prática de liberdade, tensionando fronteiras entre intimidade, memória e crítica social.

Palavras-Chave: Natália Borges Polezzo. Humor e ironia. Escrita lésbica. Autopoética. Conservadorismo religioso.

IMAGENS DISSONANTES: ASPECTOS DO NOVO ROMANCE HISTÓRICO

Dinameire Oliveira Carneiro Rios (UFT)

Resumo: O novo romance histórico, que surge enquanto conceito na segunda metade do século XX, responde a muitos questionamentos próprios da pós-modernidade e, em meio às várias definições que tentam abarcá-lo, é inegável a relação que ele estabelece com o romance histórico tradicional, ao mesmo tempo em que dialoga com a história a partir de uma posição crítica e contestadora. Assim, muitas narrativas produzidas, principalmente, a partir do fim do século XX e nos primeiros anos do século XXI, tentam subverter a ordem estabelecida dos fatos e desconstruir paradigmas que sustentaram a tradição até meados do último século. Tendo como base o romance histórico produzido no século XIX, surgiram novas narrativas romanescas de caráter histórico que buscam desestabilizar as formas como o passado foi

construído e problematizar as contradições que predominam nos dias atuais. São obras que se servem da história para, por exemplo, questionar as versões construídas por ela, que excluem e elegem centros, e a pretensão de verdade que o discurso histórico perseguiu ao longo dos séculos. Para Hutcheon (1991), é nesta lógica que se inscreve umas das contradições que demarcam o pós-moderno, pois ele utiliza-se da “presença do passado”, para questioná-lo, reavaliá-lo, por meio do romance de cunho histórico, denominado por Hutcheon (1991), de metaficção historiográfica. Além de Hutcheon (1991), outros aportes importantes para a análise do conceito de novo romance histórico pretendida neste trabalho são Aínsa (1991), Lukács (2011) e Menton (1993).

Palavras-Chave: Novo romance histórico. Narrativa. Conceito.

JOVITA: UMA MISSÃO TRÁGICA NO PARAGUAI (1994), DE ASSIS BRASIL À

LUZ DOS ESTUDOS DE GÊNERO

Beatriz Michele Silva Carvalho (UESPI)

Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI/UEMA)

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar a representação da personagem Jovita Alves Feitosa no romance *Jovita: uma missão trágica no Paraguai* (1994), do escritor piauiense Assis Brasil, sob a perspectiva dos estudos de gênero, buscando compreender como a ficção reescreve a trajetória de uma mulher historicamente silenciada e problematiza as construções sociais do feminino em um contexto bélico marcado pela exclusão feminina. Ressalta-se que Assis Brasil se inspirou em uma história verídica e utilizou-se de recursos da metaficção historiográfica, tipo de narrativa que promove uma deformação estética, traduzida na tendência de apresentar figuras históricas sob um viés caricatural. Nesse sentido, a caricatura não ridiculariza Jovita em si, mas evidência como a sociedade imperial a reduziu a uma “anômala”, incapaz de se enquadrar nos ideais de gênero masculino ou feminino. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa,

articulando análise textual e revisão bibliográfica, com o intuito de compreender os efeitos da representação da figura histórica. O estudo se fundamenta nos trabalhos de Linda Hutcheon (1991), Audre Lorde (2019), Virginia Woolf (1928), Simone de Beauvoir (1970) e Margareth Torres de Alencar Costa (2020), buscando articular reflexões sobre gênero, memória e agência feminina. Observou-se que a narrativa de Assis Brasil combina elementos de heroísmo e tragédia, produzindo uma tensão entre reverência histórica e crítica social, que permitiu problematizar a construção da identidade feminina em contextos históricos de exclusão.

Palavras-Chave: Assis Brasil. Jovita. Gênero. Metaficção historiográfica.

LEI 10.639/ 2003: O NEGRO NA EDUCAÇÃO DE TIMON, NO ESTADO DO MARANHÃO

Bruno Daniel Holanda de Carvalho (SEDUC-MA)

Raimundo Silvino do Carmo Filho (UESPI)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo apresentar a lei 10.639/2003 dentro da formação dos professores da Rede Estadual de Educação do Maranhão, em particular, nas escolas da Regional de Timon. Como parte das ações do Núcleo de Diversidade e Inclusão étnico-racial, em parceria com a Coordenação de Letras Português da Universidade Estadual do Piauí e o Núcleo de Estudos e Pesquisas e Afro da NEPA/UESPI, o Projeto de Extensão Aperfeiçoamento de Professores – Curso de Formação Continuada Em Literaturas, Histórias e Cultura Afro-Brasileiras, temos trabalhado com a Lei no sentido de ampliar espaços de produção e socialização do conhecimento na área, numa perspectiva interdisciplinar e multidisciplinar, busca atender às expectativas na defesa dos direitos das populações negras no Maranhão e contribuir para a construção e ampliação das ações sociopolíticas e culturais de negras e negros no Brasil. Para isso, recorreremos às Leis no 9.394/1996 e 10.639/2003, bem como, aos autores:

Lélia Gonzalez (2022), Kabengele Munanga (2013), Elio Ferreira, (2006), Neusa Santos Sousa (2022), Nego Bispo (2023), entre outros.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira. Literatura negra. Lei 10.639/2003.

**LEITURAS E LITERATURAS NO CAOS: (DES)ENCONTRO DE ROBERTO
BOLAÑO E MARIO VARGAS LLOSA**

Fábio da Silva Sousa (UFMS)

Resumo: Em 13 de abril de 2025, morreu o escritor peruano Mario Vargas Llosa, que suscitou uma série de debates sobre o seu legado literário e a (im)possibilidade de realizar uma separação entre autoria e obras. Vargas Llosa se notabilizou na estética literária do realismo fantástico e, ao longo das décadas, tornou-se um intelectual orgânico do conservadorismo neoliberal. Em 1996, o escritor chileno Roberto Bolaño publicou “A Literatura Nazista na América”, cuja criatividade está na construção de uma antologia ficcional de poetas, escritores entre outros, que eram simpatizantes do nazismo e outras ideologias totalitárias. Apresentada essa introdução, a presente comunicação tem como objetivo debater os limites da literatura como uma expressão artística de resistência ao *status quo*. Utilizarei como aporte teórico-crítico as análises de história e ficção de Júlio Pimentel Filho e as concepções clássicas e urgentes de Antônio Candido. Ao colocar, lado a lado, a trajetória de Mario Vargas Llosa e a crítica irônica de Roberto Bolaño, será discutido, longe de termos uma resposta definitiva, o sentido do fazer literário, a questão entre autoria e intencionalidade, e em como o contemporâneo, ainda na esfera da pós-modernidade, apresenta um campo profícuo para escritas contraditórias e desafiadoras.

Palavras-Chave: Literatura latino-americana. Peru. Chile. Romantismo. Biografias.

**LEMBRANÇAS DO TRAUMA: AS FIGURAS DA ÓRFÃ E DA MÃE EM DOIS
CONTOS DE SÔNIA PEÇANHA**

Ana Paula dos Santos Martins (Fatec- Taquaritinga)

Resumo: O objetivo desta comunicação é analisar a representação das figuras femininas da órfã e da mãe em dois dos contos que se interrelacionam e integram *Relógio D'água* (2018), da escritora Sônia Peçanha, a saber: “Baleia azul do rio” e “Voo cego”. Nesses contos, as personagens Mariana e Maria têm, em comum, as memórias da orfandade, vivida de modos diferentes em um passado não muito distante. As vidas dessas duas mulheres se cruzam no hospital onde Mariana é médica, a qual será a responsável pelo parto de Maria, sua jovem paciente - dois retratos de mulheres construídos habilmente pela narradora com as memórias que essas personagens têm da experiência com a presença ou ausência da figura materna. Metodologicamente, a pesquisadora apoia-se na filiação dos textos que integram o *corpus*, bem como sua fidelidade ao contexto em que foram escritos e publicados, centrando, porém, sua preocupação com as diversas configurações formais dos textos em tela. Essas análises foram embasadas em obras de autores como Eurídice Figueiredo (2020), Nilma Lacerda (2021), Showalter (1994), Milon (2012) e Zolin (2012). Partindo da prosa do texto e das categorias narrativas, serão tratadas questões que envolvem as regras disciplinadoras de uma sociedade patriarcal em declínio e como elas afetam os corpos e comportamentos das personagens em questão, que resistem silenciosa e individualmente nas sociedades contemporâneas em que estão inseridas.

Palavras-Chave: Orfandade. Figura Materna. Memória. Exclusão.

**LEXIAS LITÚRGICAS IORUBÁS NA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE
UM DEFEITO DE COR, DE ANA MARIA GONÇALVES**

Francisco Kauan Leite Dantas (UNEB)

Resumo: Este trabalho propõe uma análise da metaficção historiográfica presente na obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006), em articulação com o estudo de lexias litúrgicas de origem iorubá que integram o léxico do português afrobrasileiro (Castro, 2009). Parte-se da literatura como espaço de (re)existência, memória e resistência cultural, que possibilita a construção de uma outra narrativa sobre o período escravocrata e pós-abolição no Brasil, como propõe a metaficção historiográfica (Hutcheon, 1991). A partir de Silva (2023) e Silva, Araújo e Santiago (2024), que analisam a obra sob as dinâmicas de contato entre línguas e povos, o objetivo central é refletir sobre como a autora insere, no discurso literário, lexias oriundas da espiritualidade africana. A abordagem teórica ancora-se também em Castro (2003) e Ribeiro (2009), no campo da linguística histórica e da sociolinguística, respectivamente. A metodologia compreende, nesse primeiro momento, uma análise qualitativa de trechos da obra em que aparecem nomes próprios, topônimos e outros termos de matriz iorubá ligados à religiosidade, aos ritos e à cosmovisão africanas. Ainda em andamento, os resultados apontam que a metaficção historiográfica de Gonçalves (2006) é utilizada como estratégia de reconstrução de uma memória coletiva apagada, por meio de uma linguagem que valoriza repertórios linguísticos e culturais historicamente marginalizados. Assim, busca-se contribuir com o debate sobre o papel da literatura na valorização de repertórios linguísticos marginalizados e na compreensão das dinâmicas de contato linguístico ocorridas no Brasil a partir de narrativas que questionam a hegemonia da historiografia oficial.

Palavras-Chave: Ana Maria Gonçalves. Metaficção Historiográfica. Lexias africanas.

LUÍZA AMÉLIA DE QUEIROZ NA LITERATURA PIAUIENSE

Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

Resumo: Luíza Amélia de Queiroz foi a primeira mulher a publicar na Província piauiense em um período em que às mulheres cabia apenas cuidar do lar, do marido e dos filhos. A produção literária da autora, contribui para a história das mulheres na literatura brasileira e, particularmente, para a historiografia literária piauiense, firmando o lugar de sua fala, ao discutir questões sociais e culturais representativas de uma época em que estudar era privilégio de poucos, e tal façanha competia apenas aos homens de famílias abastadas. objetiva-se com esta pesquisa analisar poemas de Flores incultas (1875), para esse fim, a pesquisa de cunho bibliográfica entre autores da historiografia literária do Piauí muito contribuirá para este trabalho. Também se discutirá em alguns poemas de Flores incultas (1875) a temática amorosa, a dor, a solidão, o sofrimento idílico da mulher frente a uma sociedade marcada pelo domínio opressor. A obra também retrata as múltiplas faces da sociedade da época. As ideias de Eliot (1991), Hooks (2022), Le Goff (1990), Moraes (2019), Bachelard (2008), dentre outros. A poesia de Luíza Amélia é o instrumento entre o mundo circundante e a realidade, através dela a poetisa deixa transparecer sua vivência, seu ponto de observação do mundo, isto é, seus versos refletem suas emoções em vocábulos que marcam sua passagem e assinalam sua permanência no universo literário brasileiro/piauiense.

Palavras-Chave: Memória. Mulher. Historiografia Piauiense.

MADONA DOS PÁRAMOS E A COSMOVISÃO NO ROMANCE LATINO-AMERICANO

Luiz Gustavo Cunha de Souza (UEA)

Resumo: O escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke revela profundo conhecimento dos mitos em seu romance *Madona dos Páramos*. A obra pode ser entendida como um dos romances “transculturadores”, que se caracterizam por incorporar à forma romanesca elementos da experiência latino-americana, sobretudo na língua, na estruturação literária e na cosmovisão. Neste trabalho, o foco recai sobre o terceiro aspecto, buscando-

se compreender de que modo Dicke reelabora a estrutura mítica ao situá-la em um contexto latino-americano. O objetivo específico é observar como essa reelaboração se manifesta na narrativa, por meio da análise de um episódio emblemático: a aparição da Esfinge no sertão mato-grossense. A fundamentação teórica parte da concepção de transculturação em Rama (2001), em diálogo com Candido (1987, 1999) e Bosi (1994, 2002), que tratam do regionalismo na literatura brasileira. Para a compreensão do mito, recorreremos a Eliade (1989, 1998) e Brandão (1986). Quanto à fortuna crítica da obra de Dicke, utilizam-se Miguel (2001) e Machado (2024), cujos estudos auxiliam a compreender a singularidade da ficção do autor. Espera-se, ao final, demonstrar que *Madona dos Páramos* articula o mito não como simples transposição de uma tradição universal, mas como recurso que, ao ser relocalizado no sertão latino-americano, produz um efeito de transculturação. Palavras-Chave: Ricardo Guilherme Dicke. Literatura latino-americana. Transculturação. Cosmovisão.

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NOS ROMANCES *QUARUP* DE ANTÔNIO
CALLADO E *INSENSATEZ* DE HORACIO CASTELLANOS MOYA

Lílian Isabel Gomes dos Santos Miranda (UFBA)

Diego Cardoso Perez (UFLA)

Resumo: O presente estudo se propõe a comparar os romances *Quarup* (1967), do brasileiro Antonio Callado, e *Insensatez* (2004), do salvadorenho Horacio Castellanos Moya, com o objetivo de analisar a crise das grandes narrativas históricas e o colapso dos projetos nacionais na América Latina, situando as obras no contexto das narrativas do trauma e dos arquivos do esquecimento. A análise revela ambos os textos manifestam a figura do intelectual diante da violência e da impossibilidade de totalização, promovendo a construção de arquivos contra-hegemônicos que resgatam as memórias dos esquecidos da história, ainda que em momentos históricos e regionais distintos da América Latina. Com efeito, as obras compartilham

uma paralisia simbólica frente à História e ao arquivo, impedindo a transformação desse material em uma narrativa histórica efetiva, em um cenário de crise da transmissibilidade da experiência. Os romances, assim, parecem exibir o que Idelber Avelar chamou de *Alegorias da derrota* (2003) para enfatizar a irredutibilidade das derrotas dos projetos nacionais frente às ditaduras latino-americanas como fundamento da escrita por escritores do período e o imperativo do duelo como uma exigência para a narrativa que se opõe ao esquecimento neurótico. Nesse sentido, a metodologia empregada é a comparativa, que analisa as estratégias textuais para evidenciar as ruínas dos projetos de memória e identidade latino-americanos. O aporte teórico-crítico, além de Avelar, fundamenta-se na metaficção historiográfica, que desafia a autoridade da narrativa histórica e revela a memória como uma construção discursiva e interpretativa, e nos estudos de trauma (Seligmann-Silva, 2008) e arquivo (Derrida, 2001).

Palavras-Chave: Memória. Narrativas Latino-americanas. Arquivo. História. Literatura Contemporânea.

**MEMÓRIA, HISTÓRIA E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA EXPERIÊNCIA DE
LEITURA COM INDIVISÍVEL (2020), DE MARÍLIA MARZ, E O PERIGO DE
UMA HISTÓRIA ÚNICA (2019), DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Dafne Di Sevo Rosa (Colégio Dante Alighieri/UPM)

Jéssika Aparecida Santachiara Nascimento Santos (Colégio Dante
Alighieri/USP)

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma sequência didática desenvolvida com turmas de oitavo ano, na disciplina de Produção Textual, a partir da leitura do livro *Indivisível* (2020), de Marília Marz, obra que reconstrói a verdadeira história do bairro da Liberdade, em São Paulo, ao articular o passado marcado pelo período escravocrata e o presente, no qual se evidencia a presença da cultura asiática. A proposta buscou promover, junto aos alunos, uma reflexão crítica sobre a importância da memória

histórica para a construção da identidade coletiva e da justiça social. A experiência foi complementada pela leitura do ensaio *O Perigo de uma História Única* (2019), de Chimamanda Ngozi Adichie, que possibilitou aos estudantes compreender a relevância da multiplicidade de narrativas e a necessidade de recuperar histórias silenciadas, reforçando o papel da literatura como instrumento de formação ética e cidadã. Como aporte teórico, utilizamos Paul Ricoeur, para pensar a relação entre memória, história e esquecimento; Antônio Cândido, para refletir sobre a função humanizadora da literatura; Terry Eagleton, para situar o papel social da crítica literária; e Alfredo Bosi, para compreender os processos históricos e culturais que atravessam as obras trabalhadas. Dessa forma, a análise evidencia como a literatura em contexto escolar pode funcionar como meio de elaboração da memória coletiva e formação crítica, potencializando a capacidade dos alunos de reconhecer as múltiplas vozes que compõem nossa história.

Palavras-Chave: Memória. Legado. Identidade

METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA: O OLHAR E GRAFIA DE KEHINDE

Camila de Matos Silva (UFES)

Resumo: Este trabalho é parte da minha pesquisa do mestrado em que analiso o romance *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, destacando a personagem Kehinde/Luísa Mahin como um eixo de reconstrução da memória histórica afro-brasileira. O objetivo central do estudo é discutir como a narrativa, ao articular memória, ficção e história, ressignifica o passado da escravidão e denuncia os silenciamentos impostos pela historiografia oficial, sobretudo no que concerne às mulheres negras. Busca-se compreender como a obra se apropria de lacunas documentais para criar uma escrita de resistência, marcada pela ancestralidade, pela diáspora africana e pela luta contra a opressão. A metodologia empregada é de caráter analítico-interpretativo, baseada em leitura crítica do romance e diálogo com aportes teóricos dos estudos literários, culturais e pós-coloniais. O texto

evidencia o funcionamento da metaficção historiográfica na obra, recurso que mescla documento, memória e invenção, questionando a pretensão de objetividade da história tradicional. Para isso, a análise mobiliza passagens-chave do romance em que Kehinde se coloca como testemunha e narradora, além de recuperar personagens históricos, revoltas (como a dos Malês) e experiências de resistência, sempre em confronto com os limites da historiografia oficial. O aporte teórico-crítico fundamenta-se em autoras e autores como Linda Hutcheon (1991), com a noção de *historiographic metafiction*, que ilumina a relação entre história e ficção na narrativa pós-moderna; Jacques Le Goff, ao destacar a centralidade da memória como construção identitária; Homi Bhabha (2002), com o conceito de entre-lugar e negociação cultural; Stuart Hall (2006), que discute a crise e fragmentação das identidades; além de Eduardo Assis Duarte (2010) e Constância Lima Duarte (2010), que ressaltam a força da escrita afro-brasileira de autoria feminina. Essas perspectivas permitem compreender a obra de Gonçalves como prática de reinscrição da memória negra e como enfrentamento aos apagamentos da história colonial e escravista. Os resultados apontam que *Um defeito de cor* (2006) não apenas revisita a experiência da escravidão, mas também legitima a voz de sujeitos subalternizados, construindo uma narrativa polifônica que recusa uma verdade única sobre o passado. A obra tensiona fronteiras entre literatura e história, ao mesmo tempo em que afirma a mulher negra como sujeito histórico, político e cultural. A análise conclui que a narrativa de Kehinde/Luísa Mahin representa um gesto de resistência e de resgate ancestral, evidenciando como a ficção pode atuar como espaço de memória e denúncia. Assim, a metaficção historiográfica emerge como um instrumento potente para revisitar e recontar a história a partir das margens, ampliando o campo da crítica literária e da própria historiografia.

Palavras-Chave: Memória. Literatura afro-brasileira. Metaficção historiográfica.

**“MEU SECRETO DESEJO DE AINDA SER VALERIA”: ESCRITA ÍNTIMA E
SUBVERSÃO FEMININA EM CADERNO PROIBIDO**

Rebeca Campos Silva (UEMA)

Resumo: O romance *Caderno Proibido* (1952), de Alba de Céspedes, narra a experiência de Valeria, mulher casada e mãe, situada no contexto do pós-guerra italiano, que encontra no diário íntimo um espaço de expressão de desejos, opiniões, pensamentos e até contradições interditados pela ordem patriarcal. Nesse contexto, a escrita se torna um gesto de autoconhecimento e libertação, ainda que silenciosa e interior. Por meio da escrita, Valeria se sente mais livre, mais rebelde, mais conhecedora de si. O objetivo deste trabalho é analisar a escrita íntima de Valeria como gesto de resistência e subversão. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, articulando a análise literária da obra com referenciais teóricos. São mobilizadas as reflexões de Simone de Beauvoir (1949; 2008) e Betty Friedan (1963), que discutem a condição feminina no patriarcado; de Hélène Cixous (1975), que propõe a *écriture féminine* como ato de subversão; de Maurice Blanchot (2005), acerca do diário como espaço de refúgio; e de Lúcia Castelo Branco (2002), que relaciona escrita da memória e subjetividade feminina. Os resultados indicam que o diário funciona como lugar de resistência íntima: ao escrever, Valeria confronta frustrações e repressões impostas socialmente, ao mesmo tempo em que constrói um eu fragmentado em processo de (re)descoberta. Conclui-se que a escrita íntima em *Caderno Proibido* se configura como gesto de sobrevivência subjetiva e de subversão ao silenciamento feminino, reafirmando a potência da escrita como espaço de expressão do feminino.

Palavras-Chave: Escrita feminina. Diário íntimo. Resistência. Subversão.

**MONSTRAS-CRIADORAS: LEITURA E COMPARTILHAMENTO DE “MADRES”
DE ISABOR QUINTIERE**

Jade Victória Bandeira Germano (UECE)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo abordar uma leitura compartilhada do conto “Madres”, da autora Isabor Quintiere, presente na obra *A cor humana* (2023). Como atividade da Iniciação Artística “Gêneros: autoria feminina e ficção especulativa” (FECIL/UECE), buscou-se promover debates, em uma Escola do Ensino Fundamental de Aracati-CE, sobre a autoria feminina, insólito e o horror, através da leitura literária. Com base na pesquisa-intervenção, os debates foram organizados em duas etapas: com a realização de uma roda de conversa inicial com a elaboração do painel, por parte dos estudantes, intitulado “Minha Coisa-Monstra”, numa busca por proporcionar aos estudantes um espaço de expressão e de compartilhamento de impressões e visões sobre a obra. Para tal, tomamos como base teóricas como Glória Anzaldúa (1981), especialmente a respeito da questão da autoria feminina, Bárbara Creed (2010), sobre horror, monstruosidade e feminino, e Sarah Diva (2019), no que diz respeito ao papel da leitura literária. A análise dos resultados evidencia a literatura de autoria feminina como recurso pedagógico relevante e inclusivo, capaz de impulsionar a criticidade, a criatividade e a autonomia dos alunos no processo de formação leitora e escritora.

Palavras-Chave: Autoria Feminina. Isabor Quintiere. Literatura brasileira. Insólito.

**NÃO SEJA TÃO MULHERZINHA: OBJETIFICAÇÃO, VIOLÊNCIA E
SILENCIAMENTO FEMININO EM “LEILÃO”, DE MARÍA FERNANDA
AMPUERO**

Thalyson da Silva Carvalho (UESPI)

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UESPI/ UEMA)

Resumo: O presente trabalho tem como finalidade discutir e analisar a objetificação de corpos amparada na violência, que resulta no silenciamento feminino no conto “Leilão”, que integra o livro “Rinha de Galos” de María

Fernanda Ampuero. O estudo tem como aporte teórico o pensamento de Judith Butler (1990) e Bourdieu (1998). Dessa forma, fez-se um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa. As discussões levantadas pelos autores possibilitarão compreender como se dá a subalternização da mulher na narrativa de Ampuero. Nele, o corpo feminino é representado como um objeto contínuo de perpetuação e normalização da violência simbólica, psicológica e física, instrumento de controle utilizado pelo patriarcado para a manutenção do poder e ampliação de domínio social. O leilão a qual o título faz referência sugere uma relação metafórica com outros sistemas de controle sociais, como o casamento arranjado, o tráfico de mulheres e a prostituição forçada.

Palavras chave: Violência de gênero; Escrita feminina; Literatura Latino-americana; María Fernanda Ampuero.

**NÃO TINHA NADA A PERDER: AS MÚLTIPLAS VOZES QUE ECOAM A
ESCREVIVÊNCIA NA CANÇÃO ROSAS, DO GRUPO ATITUDE FEMININA**

Hiliane de Melo Florêncio (IFRN)

Candice Firmino de Azevedo (IFRN)

Resumo: Ao abordar o conceito de vozes sociais, Mikhail Bakhtin (1997) afirma que todos os enunciados carregam outros discursos das muitas vozes as quais estamos expostos diariamente. Sob esta perspectiva, ao analisar uma canção, podemos ver ali inseridos os muitos discursos que formam o eu lírico, o que faz com que diferentes vozes se encontrem, como é o caso da canção Rosas, do álbum de mesmo nome do grupo de rap feminino Atitude Feminina. A canção, lançada em 2006, carrega diferentes vozes de mulheres marginalizadas, vozes essas que ecoam um ciclo de violência marcado pela exclusão sistematizada, como descrito por Sueli Carneiro (2023). Essa violência é exposta em canções como a Rosas, gerando uma narrativa de resistência que desafia a hegemonia, ao apresentar-se como a expressão de uma escrevivência (Evaristo, 2005). Assim sendo, este trabalho tem como

objetivo analisar a canção Rosas, do grupo Atitude Feminina, a partir das vozes sociais de Bakhtin (1997), a desqualificação da vida de Carneiro (2023) e a escrevivência de Evaristo (2005). A partir de uma metodologia qualitativa de cunho bibliográfico, buscamos provar que a escrevivência se estabelece como um modo discursivo de concretizar no texto a linguagem como uma expressão de resistência urgente.

Palavra-Chave: Rap. Resistência feminina. Escrevivência. Vozes sociais.

**“NUM SEI, SÓ SEI QUE FOI ASSIM!” - ENTRE O AUTO E O CINEMA: UMA
ANÁLISE DO AUTO DA COMPADECIDA, DE ARIANO SUASSUNA**

Lizandra Cortez Martins (UESPI)

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar a perspectiva da Literatura Comparada entre o auto e o cinema. Para tanto, tomaremos como ponto de discussão a obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, escrita em 1955 e encenada pela primeira vez em 1956. A obra apresenta humor e crítica social em relação ao povo nordestino, utilizando uma linguagem regional e elementos da cultura popular nordestina, sem deixar de lado o fator da religiosidade. Nesse sentido, destaca-se a figura de Nossa Senhora como Compadecida, bem como a crítica social e política da época. Quando uma obra literária é adaptada para a forma fílmica, há o uso da linguagem multimodal, dando origem a uma nova narrativa, podendo alterar a mensagem devido à mudança na formação estética. Assim, os estudos sobre intertextualidade mostram-se extremamente importantes e relevantes, estando sempre presentes em nosso cotidiano. Esse conceito vai além da literatura, ultrapassando seus limites e se manifestando-se em diversas expressões artísticas, transformando-se de acordo com a sociedade e época em que foi criada. A metodologia será de cunho bibliográfico por meio de uma análise comparativa do corpus literário. Para o embasamento teórico utilizamos autores como: Bakhtin, Zani, Barros e Fiorin, Tânia Franco Carvalhal, entre outros.

Palavras-Chave: Auto da Compadecida. Produção Fílmica. Literatura Comparada.

**O CORPO, EM TODAS AS SUAS LACERAÇÕES E VÍSCERAS, COMO
REPRESENTAÇÃO DO DESEJO E DA IDENTIDADE LÉSBICA EM *LE CORPS***

LESBIEN, DE MONIQUE WITTIG

Kalina Maria Rocha Léda (UFPI)

Tiago Barbosa Souza (UFPI)

Resumo: A pesquisa propõe uma análise da obra *Le Corps Lesbien* (1973), de Monique Wittig, investigando como a fragmentação textual e corporal na obra expressa o erotismo lésbico, a resistência aos regimes discursivos heteronormativos e a criação do que seria uma “literatura lésbica”. Busca-se demonstrar que as rupturas linguísticas em Wittig, especificamente a “quebra” de pronomes ao longo da obra, representam uma desconstrução política do sujeito universal masculino heterossexual, criando, no plano linguístico formal, um sujeito lésbico que escapa às categorias normativas de gênero. Simultaneamente, as cenas de violência corporal são interpretadas como manifestações de um erotismo revolucionário que busca a formação do “e/u lésbica”. O trabalho, que está em desenvolvimento, articula a teoria materialista da própria Wittig (2022) com os conceitos de erotismo como transgressão e descontinuidade dos seres, de Georges Bataille (2025), e com a análise do discurso como produtor de subjetividades, de Michel Foucault (2014). O *corpus* é analisado em suas dimensões linguística e literária, considerando tanto a fragmentação dos pronomes (j/e, m/e) quanto as cenas de violência corporal (desmembramento, penetração, dissolução). A metodologia adotada é qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico. Os resultados prévios deste estudo apontam para contribuições nos debates sobre literatura lésbica no Brasil, principalmente aqueles voltados para a escritora feminista Monique Wittig e para os estudos do corpo na literatura.

Palavras-Chave: Monique Wittig. Literatura lésbica. Corpo Lésbico. Violência.

O AUTOR EM ABISMO EM NÉVOA, DE MIGUEL DE UNAMUNO

João Pedro Turquetti Vieira de Moraes (UEMS)

Resumo: Dentre os muitos fenômenos que tornam o processo de criação literária intrigante e interessante, a *mise en abyme* realiza-se como uma construção especular que reduplica textos e personagens. Nesse sentido, faz parte dessa técnica o autor em abismo, que se manifesta no enredo de uma narrativa, configurando narrações sutis e discretas ou até mesmo em intervenções escancaradas, fazendo com o que o leitor, com um olhar atento e nada imediatista, perceba sua presença onipotente em toda a estrutura narrativa. A presente comunicação tem o objetivo de analisar a manifestação autoral no romance *Névoa*, de Miguel de Unamuno, utilizando-se de trechos extraídos dessa obra que demonstrem esse aspecto apontado e pautado nos estudos críticos de Botoso (2024), Dällenbach (1991), Goulet (2006), Hutcheon (1980) e Todorov (2006). Em síntese, observase que o autor em questão manifesta seu caráter *em abismo*, dentre outras oportunidades sensíveis, principalmente através do personagem Victor Goti, que escreve uma história que se espelha em todo o enredo de *Névoa* e também por intermédio da própria figura de Unamuno, que surge na obra como personagem. Ele revela sua faceta narcisista, utilizando-se do espaço de criação da obra, para lançar luz sobre o enigma de si mesmo para si mesmo, de compreender seu mundo e seu lugar nele, conforme pondera Goulet (2006).

Palavras-Chave: *Mise en abyme*. Miguel de Unamuno. *Névoa*. Romance metaficcional. Literatura espanhola.

**O CORDEL MARIA FIRMINA DOS REIS, NA OBRA DE JARID ARRAES E AS
CONCEPÇÕES DE ESCRIVIVÊNCIA**

Lisa Sthefanny Rodrigues da Silva (UFPI)

Resumo: O Cordel é um dos mais antigos e significativos modos de produção de arte literária no Brasil, trazendo a maneira singular do povo nordestino de enxergar o mundo e a si mesmo. Além disso, este trabalho ainda está em andamento e busca resultados, mas propõe uma discussão sobre as múltiplas representações da figura feminina negra na literatura, especialmente as formas estereotipadas que às associam a imagem de escravas, submetidas a violência física, verbal e psicológica, seres animais sem história própria, cuja imagem é sempre atrelada à de servidão. Assim, figuras femininas como Maria Firmina dos Reis, apresentada na obra *Heroínas Negras Brasileiras: em 15 cordéis* (2017), de Jarid Arraes, revelam-se mulheres historicamente subalternizadas, mas que, em sua escrita, tornam-se sujeito da própria história. Jarid Arraes consegue vislumbrar Maria Firmina a partir do que Conceição Evaristo (2020, p.30) trata como a concepção inicial do termo *Escrevivência*, sendo o ato de escrita de mulheres negras que pretende desfazer a imagem do passado, assim Jarid Arraes põe em foco quem Maria Firmina realmente foi e o que de fato desejou ser, não somente uma mulher negra que enfrentou as imposições do racismo, mas que teve intelectualidade, voz e identidade para se sobressair. Nesse viés, para o desenvolver das discussões e resultados a serem apresentados, foram utilizados os aportes teóricos, pois o trabalho teve sua construção embasada em pesquisas bibliográficas de escritoras como Conceição Evaristo (2005), Duarte (2023) e Lopes (2021), que discutem memória e identidade na literatura afro-brasileira.

Palavras-Chave: Escrevivência. Cordel. Maria Firmina dos Reis. Vivências.

O CORPO POSSUÍDO: A VIOLÊNCIA DE GÊNERO COMO METÁFORA DO DEMONÍACO

Ana Luiza Ernesto Campelo da Costa (UFPI)

Ariane Gomes Moraes (UFPI)

Resumo: O presente trabalho analisa o conto “Cão dos Infernos”, de Laís Romero, sob a perspectiva da violência de gênero representada por meio da metáfora do demoníaco. O objetivo é investigar de que modo a narrativa inscreve o corpo feminino como espaço de posse e opressão, articulando a experiência traumática da protagonista a partir de imagens insólitas. A metodologia utilizada consiste em uma análise qualitativa de cunho interpretativo, fundamentada nos pressupostos da crítica literária feminista e nos estudos sobre o fantástico e o horror. Para isso, foram mobilizados teóricos como Marcia Tiburi (2018) e sua teoria feminista; Silvia Federici (2004), no que tange à construção simbólica do corpo feminino e à crítica das estruturas patriarcais; Júlio França (2011), para o entendimento das estratégias narrativas do insólito e do fantástico; Noel Carroll (1999), cuja teoria do horror fornece subsídios para compreender os mecanismos estéticos e emocionais que articulam o medo e o monstruoso como metáforas da violência; e dados de relatórios nacionais sobre violência contra a mulher. A análise busca evidenciar como o conto tensiona os limites entre realidade e fantasia para denunciar a opressão de gênero, articulando elementos do horror e da alegoria demoníaca para expressar o trauma e o silenciamento da mulher. Os resultados da análise indicam que a figura demoníaca atravessa diferentes fases da vida da narradora, funcionando como alegoria das violências simbólicas e físicas às quais a mulher é submetida.

Palavras-Chave: Corpo violentado. Trauma. Violência de gênero. Demoníaco. Silenciamento.

**O DESAPARECIMENTO COMO FERRAMENTA DE ASSOMBRO: UMA
ANÁLISE DA MONSTRUOSIDADE NOS CONTOS “BIOGRAFIA” (2022) E
“ASSOBIO” (2022), DE MARÍA FERNANDA AMPUERO**

Isadora de Sá Viana (UFPI)

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

Resumo: O presente trabalho propõe analisar os contos “Assobio” e “Biografia”, parte da coletânea *Sacrificios Humanos* (2022), de María Fernanda Ampuero, partindo das figuras monstruosas que assombram as narrativas. A fim de explorar as representações de medo, parte-se do horror e das monstruosidades para discutir determinadas angústias socioculturais que permeiam o imaginário latinoamericano e refletem-se na literatura, por exemplo, o tema do desaparecimento. Ancorando-se, sobretudo, na perspectiva de literatura fantástica como modo, proposto por Ceserani (2006) e Jackson (1986), a análise dos contos parte da natureza ambivalente dos monstros com o objetivo de identificar os procedimentos narrativos de construção do horror e a maneira que esse construto opera como uma forma de representação artísticas de um passado marcado pela violência e opressão. Para isso, faz-se uma pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, tomando por referência estudos, como os de Ginzburg (2017), ao partir da voz narrativa para examinar a naturalização da violência nos contos; Cohen (2007), para compreender a monstruosidade como personificação de aspectos socioculturais; Bertin (2016) e França (2011), ao trabalhar a figura humana como um ser monstruoso e agente do medo, entre outros pesquisadores. Desse modo, percebe-se nas narrativas o desaparecimento como um constante provocador de medo nas protagonistas, sendo trabalhado tanto em sua dimensão sobrenatural quanto ordinária, revelando, portanto, uma reinterpretação de uma realidade marcada historicamente pela violação da dignidade humana no contexto latino-americano.

Palavras-Chave: América Latina. María Fernanda Ampuero. desaparecimento. Medo. horror.

**O DIÁRIO COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA EM OS FIOS DA MEMÓRIA DE
ADRIANA LISBOA**

Débora Lopes dos Santos (UESPI)

Resumo: Este estudo pretende analisar o diário como espaço de memória a partir do romance *Os fios da memória*. A obra que se propõe ser analisada é o primeiro romance da escritora brasileira Adriana Lisboa, uma narrativa contemporânea de constituição da memória familiar, um romance ambientado na cidade do Rio de Janeiro do século XIX período colonial até o século XX abordando fatos históricos e políticos da construção do país Brasil. A produção histórica e literária das mulheres por um bom tempo acontecia de maneira silenciosa já que a escrita e o saber eram meios usados para manter a ordem social. Assim, para fazer parte da cena histórica a mulher usou estratégias de sobrevivência dentro do lar, com isso, a memória do privado coube à mulher e o diário era um meio muito utilizado. Este artigo é de natureza qualitativa, a fonte de dados é bibliográfica. Para construção apoiamo-nos nas proposições tecidas por Assmann (2011), Halbwachs (1990), Duarte (2020) Soares (2019) e Cuti (2010).

Palavras-Chave: Diário. Memória. Família. *Os fios da memória*.

O ECO QUE EMERGE E ALARMA A SOCIEDADE: A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTO INSÓLITO 'LORENA', DE MARÍA FERNANDA AMPUERO

Calebe Rodrigues Caleffi (UEL)

Claudia Cristina Ferreira (UEL)

Resumo: O insólito latino-americano tem sido um território de muitas discussões e apresentações de realidades, exclusivamente no que se refere às vozes femininas e modos de representar corpos, desigualdades, dores e (re)sistências. Nesse sentido, no conto *Lorena*, da equatoriana María Fernanda Ampuero, é possível verificar o insólito sendo um mecanismo no qual opera além de crítica contundente, uma denúncia que não se consolida no vitimismo ou na romantização dos traumas ocorridos após os acontecimentos. Com isso, o lar que antes era refúgio, torna-se em um ambiente claustrofóbico, com inúmeras violências (físicas e psicológicas) que comprometem a sua sanidade e os limites que o seu corpo jamais imaginaria

suportar. Diante disso, é possível compreender que o terror não é propagado somente por ações ou atitudes do amado, mas por linguagens configuradas e/ou planejadas para silenciar, controlar e torná-la como objeto de discriminação e de desuso. Vale destacar que o insólito não vai emergir do sobrenatural, mas do próprio cotidiano de Lorena. Roas (2011) assinala que isso vai emergir da própria realidade e se concentrar em uma experiência desafiadora da própria lógica moral e emocional do leitor. Isto é, a naturalização presente no conto é o mais chocante e amedrontador, a autora aborda o tema corpo sendo um campo de batalha no qual Lorena terá de resistir às ofensivas para superar os traumas e gerar forças para seguir adiante. O corpo é a própria voz e o lugar na narrativa e eles por mais que possam sangrar, calar-se, desfalecer ou perder a esperança, ainda sim é o lugar de resistência, empoderamento, reação e enfrentamento. Assim, a aceitação/naturalização é o campo em que o insólito questiona o que se faz necessário evitar ou reagir para que situações como a de Lorena não passem despercebidas e novas vítimas venham ser reféns.

Palavras-Chave: Fantástico contemporâneo. violência de gênero. representação feminina.

O EROTISMO NA POESIA LÉSBICA CONTEMPORÂNEA

Marinna Pires Alves (FURG)

O presente trabalho consta da análise de três poemas, intitulados: 35, 32 e *Me faz*, como representativos do erotismo na escrita de autoria lésbica. Os poemas integram, cada um, uma antologia poética de uma escritora da contemporaneidade: *O livro roxo* (2024), de Charlene Lourenço, *Sereia sem ideias* (2021), de Lisiane Andriolli Danieli e *Diário lésbico* (2025), de Zu Medeiros; respectivamente. O trabalho tem como aporte teórico *O erotismo* (1987), de Georges Bataille, com vasta representação do erotismo; e *Intimidades* (2005), em que a intelectual Luísa Coelho, a partir da junção e análise de diferentes contos, ressalta como o erótico determina-se

linguisticamente através da utilização de palavras cotidianas afastadas de seu uso cotidiano. Diante disso, a pesquisa evidencia como o lesboerotismo se constrói a partir de um lugar em comum nas diferentes poéticas das escritoras. Ainda que publicadas em diferentes momentos, espaços e contextos, há uma forte presença da água como elemento unificador, afastando-a de seu uso corriqueiro e aproximando-se do erótico com sua potencialidade metafórica.

Palavras-Chave: Lesboerotismo. Poesia. Lésbicas.

**O FANTÁSTICO E A REPRESENTAÇÃO DO DIABO EM O VILAREJO (2015),
DE RAPHAEL MONTES**

Dalyson Bruno Pinto da Silva (UESPI)

Resumo: O presente artigo analisa os procedimentos estilísticos e temáticos da modalidade fantástica, o efeito do medo e a representação do diabo em *O vilarejo* (2015), de Raphael Montes. A obra narra uma série de eventos macabros, violentos e misteriosos ocorridos em um vilarejo situado na região da Ciméria. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva e analítica que visa produzir conhecimento para a ficção fantástica brasileira contemporânea, verificando a relevância e as contribuições da referida produção literária. Diante disso, utilizou-se as considerações dos autores: Lovecraft (1925), Todorov (1970), Rodrigues (1988), Ceserani (2006) e Magalhães e Brandão (2012). A partir da análise executada, constatou-se que a obra apresenta momentos de hesitação passíveis de explicação racional, em alguns casos. Porém, ela não se adequa ao fantástico-estranho. Além disso, verificou-se os seguintes procedimentos estilísticos: exposição metaficcional dos mecanismos narrativos; capacidade projetiva e criativa da linguagem; envolvimento do leitor; e o detalhe. Os temas explorados são: a noite e o mundo obscuro; aparição do estranho; a loucura; o nada; e o pacto diabólico. A figura do diabo é desenvolvida a partir de três concepções: religiosa, romântica e pós-romântica. Há uma subversão da representação do diabo

como origem do mal para manipular os vícios pré-existentes no homem. Logo, a figura diabólica contribui indiretamente para a criação do efeito do medo, que é potencializada pela atmosfera sombria do inverno no vilarejo.

Palavras-Chave: Fantástico. Medo. Diabo. Pacto. Raphael Montes.

O FANTÁSTICO RELÓGIO DA RUTE: AFETOS, MEMÓRIA E SUBJETIVIDADES NA LITERATURA INFANTIL SUL-MATO-GROSSENSE

Márcia Helena Messa Longo Dutra (UFMS)

Resumo: Este trabalho analisa a obra infantil *O Fantástico Relógio da Rute* (Eva Wilma, 2011), que traz a cena uma criança ruiva moradora de um bairro periférico de Campo Grande/MS com todas as problemáticas que envolvem o local. A narrativa mistura fantasia e realidade, promovendo a valorização da infância, da imaginação e dos vínculos familiares, utilizando o relógio como objeto subjetivo. A obra contribui para a representatividade feminina regional e funciona como espaço simbólico de resistência, ao trazer personagens que experienciam a vida de forma sensível, crítica e colaborativa. A análise se insere em abordagens interseccionais, considerando gênero, espaço cultural e diversidade de experiências, e dialoga com estudos sobre literatura infanto-juvenil como instrumento de aproximação à realidade e formação de subjetividades (Tavares, 2010; Nascimento, 2015; Pereira, 2018). Além disso, conecta-se com perspectivas de escrita de mulheres negras e periféricas, que utilizam a literatura como ferramenta de afirmação identitária e resistência cultural (Evaristo, 2014; Djamila Ribeiro, 2017; Miriam Alves, 2018). O estudo propõe compreender a literatura infantil como espaço de memória, afeto e reinvenção das subjetividades, reafirmando o papel da escrita feminina na preservação e revitalização da cultura local.

Palavras-Chave: Literatura infantil. Autoria feminina. Resistência simbólica. Literatura sul-mato-grossense. Escrita feminina periférica.

O HUMOR QUE DERRETE O CHUMBO: RIR RIMA COM RESISTIR

Maria Clara de Paula Reis (UFG)

Resumo: O presente trabalho tem por principal objetivo analisar a produção poética durante os anos da ditadura militar brasileira, de 1964 a 1985, a partir do humor, em busca de apresentar como rir rima com resistir, ou seja, como o riso pode funcionar como estratégia crítica e mecanismo de resistência simbólica frente à repressão. Para isso, foram selecionados para a discussão alguns poemas de Nicolas Behr, Alex Polari e Glauco Mattoso, presentes na antologia *Memorial poético dos anos de chumbo* (Ferraz; Martinelli Filho; Salgueiro, 2024), que produzem diferentes sentidos de humor, com pitadas de sátira e ironia. Com as análises dos poemas, retomase, brevemente, o contexto histórico da produção poética. Ao longo do percurso, adota-se o embasamento teórico referente à poesia de testemunho (Ferraz, 2021, 2022), ao riso (Eagleton, 2020) e ao humor na poesia de testemunho (Salgueiro, 2013), a fim de observar como esses três poetas selecionados, através dos poemas em questão, conseguem extravasar dores e resistir contra a ditadura, derretendo os anos de chumbo.

Palavras-Chave: Ditadura militar brasileira. Poesia de testemunho. Humor. Resistência. *Memorial poético dos anos de chumbo*.

**O INTERIOR DA CABEÇA: REVISITAR O ABUSO SEXUAL EM TRISTE TIGRE,
DE NEIGE SINNO**

Tiago Barbosa Souza (UFPI)

Resumo: Segundo a narradora de *Triste Tigre* (2024), “entrar na cabeça” do seu carrasco abusador, pelo intermédio da voz narrativa de um narrador autodiegético, é o que torna a leitura de *Lolita* (2012) tão fascinante e desconcertante (Sinno, 2024, p. 23). Abusada sexualmente pelo padrasto entre a infância e a adolescência, Sinno inverte o foco narrativo para produzir o mesmo efeito: conduzir o leitor, pela mente da criança abusada, a

um olhar sobre o abusador, que oscila entre a abjeção e a compaixão. Ao explorar, de forma sistemática, as noções de consentimento, livre arbítrio e poder, a narradora trabalha com imagens do corpo para refletir sobre a escrita literária, os meandros da mente doentia do pedófilo e as complexas e poderosas relações de dominação e sujeição. Esta pesquisa objetiva estudar o corpo como elemento de estruturação narrativa em *Triste tigre*, em especial pela metáfora (Eco,) da cabeça, utilizando o método comparativo para dialogar com outras obras teóricas e literárias de interesse para o tema. Para tanto, emprega-se como aporte teórico os estudos de Foucault (2010; 2021), Butler (2017; 2019), Arendt (2013), Guinzburg (2017), entre outros. Os resultados prévios da pesquisa apontam para o uso de imagens do corpo, como a metáfora do interior da cabeça, para explorar literariamente as relações de poder e as violências físicas e simbólicas do abuso sexual. Palavras-Chave: Corpo. Violência. Abuso sexual. Dominação. Sujeição.

**O LIVRO DE JULIA ENONE EM A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA DE
OSMAN LINS**

André Luiz Aguirre Martinez (UEMS)

Resumo: Em *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976), Osman Lins cria uma história que se desdobra em duas, pois dentro da narrativa há uma escritora que também escreve uma obra ficcional, configurando uma construção em abismo (*mise en abyme*). Nosso objetivo é enfocar o livro da personagem Julia Enone, amante falecida de um professor de biologia, que é o protagonista da história principal dentro do referido romance. O livro de Julia trata da personagem Maria de França, pobre e parda, que, após uma primeira crise de loucura, foi internada em um hospício. Dessa maneira, vamos tratar dessa segunda narrativa e os seus possíveis significados. Como embasamento teórico, pautar-nos-emos pelos estudos de Dällenbach (1979, 1991), Goulet (2006), Alonso (2011, 2015), Antunes (1982), Camargo (2008), Cardoso (2016) e Todorov (2006). Em síntese, o procedimento da *mise en*

abyme refere-se à repetição de um elemento no interior de outro e ambos se espelham, se assemelham. Portanto, a técnica de espelhamento no romance de Julia Enone permite refletir sobre a realidade ficcional e se configura como uma narrativa que se volta sobre si mesma, num processo de reduplicação que caracteriza o emprego da técnica mencionada acima.

Palavras-Chave: *Mise en abyme*. Osman Lins. *A rainha dos cárceres da Grécia*. Romance metaficcional. Literatura brasileira.

O MEDO ESTÉTICO E O MONSTRO HUMANO: UMA PERSPECTIVA GÓTICA DO CONTO VENHA VER O PÔR DO SOL, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Laeslly Macedo Pereira (UFPI)

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar como o conto *Venha ver o pôr do sol* (1970), de Lygia Fagundes Telles, constrói atmosferas de medo a partir do espaço gótico e da relação conflituosa entre os personagens, ao evidenciar o monstro humano como expressão do horror literário e da perversidade cotidiana. A narrativa acompanha o reencontro de Raquel e seu ex-namorado Ricardo, que a convence a visitar um cemitério abandonado sob o pretexto de assistir ao pôr do sol. Porém, a caminhada pelo espaço em ruínas revela-se uma armadilha. O aporte teórico-crítico baseia-se em Catherine Spooner (2006), Júlio França (2017), Ana Paula Araujo dos Santos (2022) e Luciana Colucci (2018) para o gótico e sua vertente feminina; em João Pedro Bellas (2022), Júlio França (2011) e H. P. Lovecraft (2017) para compreender o medo como efeito estético; e em Luciano Cabral (2022), José Gil (2006), Marina Sena (2022) e Jeffrey Cohen (2000) para problematizar a monstruosidade como construção simbólica e cultural. A pesquisa, de cunho qualitativo e natureza bibliográfica, fundamenta-se na análise crítica de passagens do conto, articulados com referenciais teóricos. Conclui-se que o conto atualiza o gótico no contexto brasileiro, utilizando o cemitério e o mausoléu como espaços de horror, em que o medo aumenta pela tensão e

atmosfera opressiva. A figura de Ricardo, lida como monstro humano, revela a violência de gênero e o patriarcado falocêntrico como verdadeiros horrores da narrativa, demonstrando que o gótico contemporâneo não depende do sobrenatural, mas da crueldade cotidiana que estrutura relações de poder.

Palavras-Chave: Lygia Fagundes Telles. Gótico. Monstro.

**O METAFICCIONAL E O PÓS-COLONIAL EM QUARTO DE DESPEJO (2014)
DE CAROLINA MARIA DE JESUS: A INTERSECCIONALIDADE NA
NARRATIVA**

Natáli Conceição Lima Rocha (UEMA/ UESPI)

Olivânia Maria Lima Rocha (UFPI)

Resumo: As narrativas de cunho metaficcional e que abordam a temática do pós-colonialismo, engendram as relações que perpassam o real e o ficcional. Assim, este trabalho visa explorar a narrativa de *O quarto de despejo* (2014) de Carolina Maria de Jesus, a partir da teoria da metaficção e do pós-colonialismo, visando identificar como a narradora-personagem reivindica o seu lugar de fala, enquanto mulher negra, mãe solo e analisando como a mesma se insere na sociedade brasileira da década de 50, observando os fatos históricos e sociais apresentados na obra. A pesquisa é bibliográfica e utilizou como arcabouço teórico, os estudos de Bernardo (2010) que teoriza sobre como a metaficção se estabelece a partir ficcionalização de perspectivas realistas; Hooks (2019) para evidenciar como a maternidade negra é atravessada por estruturas raciais, sexuais e de classe; Spivak (2010) discorre sobre como o lugar de fala do indivíduo negro é apagado pelas classes dominantes; Collins (2020) que discute como a interseccionalidade impacta as relações sociais de poder e de indivíduos diversos pertencentes a uma sociedade, entre outros. A autora ao escrever suas vivências apropria-se da linguagem e da fala para narrar uma existência que transgride a imagem de negro inculto, com trabalho inferior e indigno, sem relações afetivas maternas, sem voz e visto somente pelo olhar do outro, na proposição de

um diário que aborda fatos do cotidiano social ao mesmo tempo que é interseccionado pela história, identidade, gênero, trabalho e maternidade.

Palavras-Chave: Metaficção. Pós-colonialismo. Interseccionalidade. Quarto de despejo.

O MITO DE MAÍRA NA CULTURA TUPINAMBÁ E A PROBLEMÁTICA DAS METAMORFOSES

João Guilherme Siqueira Paiva (UFRRJ)

Resumo: "Os primeiros antepassados são, frequentemente e ao mesmo tempo, os heróis culturais que acrescentam algum bem à cultura", escreve E. M. Meletínski a respeito dos mitos ancestrais. Podemos identificar a figura mítica de Maíra com essa função civilizadora no interior da cultura Tupinambá. A oralidade, como se sabe, é algo que se perde no presente da enunciação, mas em "Meu destino é ser onça", o escritor carioca Alberto Mussa opera uma "restauração" do mito Tupinambá da origem do mundo, em uma recriação contemporânea, na qual confere protagonismo à figura de Maíra. A proposta de Alberto Mussa, ainda que amparada por bases etnográficas, permanece distante da pretensão de um puro retorno à origem, atitude ética que conflui com as ideias de Silviano Santiago em "O entrelugar do discurso latino-americano", segundo o qual o esquecimento da origem torna a cultura latino-americana inerentemente "impura": "A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e *pureza*", escreve Silviano Santiago. Esta proposta de comunicação tem como objetivo analisar a figura mítica de Maíra, partindo da representação estabelecida por Alberto Mussa, afim de associá-la à ideia de metamorfose, já que Maíra é um dos grandes caraíbas geradores de metamorfoses. A proposta pretende desenvolver o tema mitológico da metamorfose a partir do pensamento de Georges Bataille, deslocando a problemática da metamorfose do campo da origem e da pureza para o campo aberto da invenção e da história.

Palavras-Chave: Cosmovisão Tupinambá. Silviano Santiago. Alberto Mussa. Metamorfose. Georges Bataille.

**O MONÓLOGO COMO ESPAÇO DIALÓGICO: AUTOR EN ABYME E
HETERODISCURSO EM A LISTA DA MERCEARIA, DE JUDITE CANHA
FERNANDES**

Cristiane Corsini Lourenção (PUC-SP)

Resumo: A comunicação tem como objetivo analisar a autorreferencialidade e o efeito *autor en abyme* na novela *A lista da mercearia* (2021), de Judite Canha Fernandes, a partir da construção da personagem Alice. A narrativa, que em princípio se apresenta como monólogo, revela progressivamente sua natureza dialógica, marcada pela tensão entre a voz da protagonista e uma segunda voz em itálico, interpretável como desdobramento da consciência ou presença da autora. A metodologia consiste em leitura crítico-analítica do texto, privilegiando os recursos formais da entonação, da interrupção e da bivocalidade, que instauram a passagem do monológico ao dialógico. O aporte teórico-crítico apoia-se em Mikhail Bakhtin, especialmente nas noções de dialogismo e heterodiscurso, além da distinção entre autor-pessoa e autor-criador. Complementam-se as reflexões com Brait (2018), Machado (2010), Arnault (2011) e (Goulet, 2006), que permitem pensar a autoconsciência textual e a autorreferencialidade na literatura contemporânea. Os resultados apontam que *A lista da mercearia* tematiza os dilemas de uma personagem em devir, além de incorporar em sua própria tessitura um plurilinguismo constitutivo, em que múltiplos registros e vozes se confrontam. A narradora, ao dialogar com a segunda voz e com outras instâncias discursivas, evidencia a condição do monólogo como espaço dialógico, no qual a consciência se constrói em alteridade. O texto, ao falar de si mesmo e de seus limites, converte a autorreferência em dispositivo estético-crítico.

Palavras-Chave: Autorreferencialidade. *Autor en abyme*. Heterodiscurso.

**O REAL E O INSÓLITO: MEDO, MANIPULAÇÃO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO
EM VENHA VER O PÔR DO SOL, DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

Luciana Resplandes da Silva Moraes (UESPI)

Soraya de Melo Barbosa Sousa (UESPI)

Resumo: A violência de gênero é uma realidade no Brasil. As estruturas de dominação do homem sobre a mulher se sustentam por meio da produção e reprodução de uma sociedade patriarcal, essencialmente machista. No conto “*Venha ver o pôr do sol*”, Lygia Fagundes Telles apresenta um cenário sombrio, no qual se desenrolam diálogos marcados pela contradição entre o discurso afetuoso e a malícia velada do personagem Ricardo. A história gira em torno de um convite feito por Ricardo para um último encontro com Raquel. Ela permanece até o desfecho da narrativa, envolvida pelas manifestações de afeto e pela promessa de uma experiência única ao ver o pôr do sol. Comparando com o que acontece na realidade, Saffioti (2015, p. 24) alerta que, em alguns casos de violência, a ternura do agressor é uma técnica que faz com que a vítima não perceba a transição entre a ternura e a lascívia ou libidinagem. Contudo, para além disso, é interessante analisar a narrativa também através do insólito na literatura, uma vez que os novos estudos literários afirmam que o insólito não corresponde apenas a elementos fantásticos tradicionais, mas também àquilo que impressiona o leitor de forma terrível, rompe com o que é socialmente aceitável e revela uma face oculta das personagens (CARNEIRO; SOUSA, 2024). Dessa forma, realizou-se um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, com o objetivo de analisar como o real e o insólito contribuem para revelar elementos de medo, manipulação e violência de gênero na narrativa de Lygia Fagundes Telles.

Palavras-Chave: Lygia Fagundes Telles. Manipulação. Insólito. Violência de gênero. Medo.

**O ROMANCE DENTRO DO ROMANCE: ESTRATÉGIAS METAFICCIONAIS EM
A BONECA DE KOKOSCHKA**

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UESPI)

Maria Luísa de Castro Soares (UTAD -CEL)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar as estratégias metaficcionais presentes no romance *A Boneca de Kokoschka*, de Afonso Cruz, destacando como a narrativa contemporânea portuguesa articula memória, história e invenção literária. A pesquisa fundamenta-se em uma metodologia de análise crítica e comparativa, centrada na leitura do romance em diálogo com referenciais teóricos de Linda Hutcheon (1991), especialmente no conceito de *historiographic metafiction*, de Leyla Perrone-Moisés (1990), no que se refere à intertextualidade, e de Karl Erik Schollhammer (2009), a propósito da noção de leitor-coautor. O estudo evidencia que Afonso Cruz mobiliza camadas narrativas que tensionam as fronteiras entre realidade e ficção, valendo-se de eventos históricos — como o bombardeio de Dresden durante a Segunda Guerra Mundial — para problematizar os limites entre discurso histórico e literário. Além disso, a personagem Mathias Popa exemplifica um exercício de autoficção que não se restringe ao biográfico, mas amplia o espaço da narrativa ao convocar o leitor para a construção de sentidos. Como aporte para os debates sobre a literatura contemporânea, a investigação demonstra que *A Boneca de Kokoschka* reafirma a relevância estética e crítica do romance, funcionando como espaço de resistência à homogeneização cultural e instaurando uma rede de diálogos intertextuais que amplia a reflexão sobre memória, identidade e representação.

Palavras-Chave: Metaficção. Autoficção. Intertextualidade. Literatura portuguesa contemporânea. Metaficção historiográfica.

**O SAGRADO E O PROFANO NO EROTISMO DE MANDÍBULA (2018), DE
MONICA OJEDA**

Matheus Lenarth Cardozo (UFSM)

Laura Giséli Ceolin Mess (UFSM)

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise do romance *Mandíbula* (2018), da autora equatoriana Monica Ojeda – um dos principais nomes da literatura latino-americana do século XXI – com o objetivo de elucidar como são utilizados os elementos do erotismo, do sagrado e do profano religioso, do interdito e da transgressão, ao longo da narrativa. A análise pretende focar na relação exercida pelas personagens do grupo de amigas do colégio *Delta High-School-for-Girls* com as normas que lhes são impostas contra qualquer manifestação da sexualidade e os modos que encontram de, apesar das proibições, criarem um espaço em que possam explorar suas descobertas da adolescência, através de temas como o terror nas mídias e os lugares comuns da moralidade do cristianismo. Para o estudo, foram considerados principalmente os trabalhos do filósofo francês Georges Bataille, que tem boa parte de seus estudos dedicados aos temas citados, mas também outros estudiosos que são valiosos para a interpretação que visamos demonstrar, como Eliade Mircea e Domenique Lestel.

Palavras-Chave: Monica Ojeda. Literatura latino-americana. Erotismo.

**OS EFEITOS DE HORROR E OS ELEMENTOS FANTÁSTICOS NO CONTO “AS
FORMIGAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES: UMA ANÁLISE COMPARATIVA
COM “THE FALL OF THE HOUSE OF USHER”, DE EDGAR ALLAN POE**

Eleonora Maria Bezerra de Araújo (UFRN)

Resumo: Este trabalho busca analisar a presença do fantástico e do horror na contística de Edgar Allan Poe e Lygia Fagundes Telles. Para tanto, tomam-se como suporte teórico os postulados apresentados por Todorov (2008), segundo a qual é possível afirmar que em obras guiadas pelo fantástico há na

narrativa apenas a sugestão de que algo sobrenatural tenha acontecido, diferentemente de obras guiadas pelo maravilhoso, nas quais aparecem seres e figuras do sobrenatural de forma bastante clara. Além disso, Carroll (1999) acerca da literatura de horror, para embasar as discussões sobre os efeitos de horror criados nas duas obras. Desse modo, a partir de uma análise comparativa dos contos “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles, e “*The fall of the house of Usher*”, de Edgar Allan Poe, objetiva-se identificar traços relativos ao fantástico e a construção do horror que aproximam os dois textos. Partindo dessa premissa, verifica-se que em ambos os contos há elementos utilizados de maneira semelhante, como a escolha por atribuir aspectos humanos à fachada das casas e a fuga dos protagonistas de ambas as histórias em razão de acontecimentos inusitados naqueles espaços. Sendo assim, é possível mapear relações de intertextualidade entre os textos de Lygia Fagundes Telles e Edgar Allan Poe e, ainda, constatar que os dois autores recuperam elementos da tradição literária e se apropriam do fantástico e do horror na elaboração de suas obras.

Palavras-Chave: Literatura Fantástica. Literatura de horror. Lygia Fagundes Telles. Edgar Allan Poe.

O SER LITERÁRIO NOS ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA EM “O VOO DA GUARÁ VERMELHA” DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Samara Sales da Silva (UERN)

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a figura do ser literário ao ocupar espaços de resistência que se fazem presentes na obra “O voo da Guará Vermelha” (2005) da escritora brasileira Maria Valéria Rezende sob a ótica das literaturas de resistência. Nota-se que além da questão de análise dos espaços geográficos condicionantes e das perspectivas psicossociais que corroboram as ações do sujeito na literatura, o ser fictício encontrado nos contos e romances de Maria Valéria não é um indivíduo passivo, refém das misérias da terra, pois há uma resistência inerente que o faz interferir em

sua própria realidade, como é o caso de Rosálio e Irene, protagonistas do romance aqui supracitado. Dessa forma, as literaturas de resistência transpassam barreiras estéticas e sociais, pois a figura do sertanejo está além da ótica do estereótipo, já que ele burla as normatizações impostas pela sociedade, posto que, só o fato de já existir, o transforma em um objeto de resistência. O embasamento teórico dá-se por nomes como Bosi (1992), (1995); Candido (2010) e Ribeiro (1997), os quais transformaram o significado da análise do fazer literário e avançaram aos termos de resistência nos espaços literários de nosso país. O percurso metodológico e resultados ocorrem por meio de exposição da teoria em contrapontos à obra selecionada, apresentando discussões e ações dos seres literários ao ocuparem esses espaços que dão ênfase ao verbo resistir.

Palavras-Chave: Literatura. Sociedade. Resistência.

**OS RIOS TURVOS, DE LUZILÁ GONÇALVES: ENTRE O DESEJO E A
VIOLÊNCIA, VERDADES ROMANESCAS E VOZES SILENCIADAS**

Edson Vieira da Silva (UESPI)

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Resumo: *Os Rios Turvos* (1993), de Luzilá Gonçalves, é uma biografia romanceada do escritor Bento Teixeira, entre fatos históricos e literários esta narrativa conta e reconta a sua trama. O objetivo deste artigo é examinar a configuração narrativa “turva” do romance, especialmente na representação de seus protagonistas divergentes: Filipa Raposa e Bento Teixeira. A narrativa possui uma configuração “turva” por se localizar de forma tênue entre o histórico e o literário. A pesquisa fundamenta-se em: Girard (1990, 2004, 2009) e Hutcheon (1991), além de breve fortuna crítica da obra, por Maria Suely de Oliveira Lopes (2018) e Daniel Silva (2016). Bento e Filipa, escritor do século XVI e sua esposa, recebem mais do que uma biografia romanceada em fins do século XX, a obra evidencia e dá voz à Filipa Raposa, visto que demonstra a violência inerente ao *desejo mimético*. Conclui-se que o olhar

paródico de Luzilá Gonçalves ressignifica figuras históricas, iluminando facetas pouco conhecidas de Bento Teixeira, como também acaba conferindo um vigor *romanesco* à memória de Filipa Raposa, que não teria sua história contada se não fosse por Luzilá Gonçalves, a qual reconfigura um passado já quase esquecido.

Palavras-Chave: Os Rios Turvos. Luzilá Gonçalves. René Girard. Romance Pós Moderno

**O ROMANCE DE FORMAÇÃO CONTEMPORÂNEO: MEMÓRIA E
MELANCOLIA EM A NOITE DA ESPERA, DE MILTON HATOUM**

Araceli Maria Alves Silva (CESVALE)

Resumo: A narrativa literária brasileira contemporânea é o cenário motivador do presente estudo, bibliográfico e exploratório, que analisa a obra *A noite da espera*, primeiro volume da trilogia *O lugar mais sombrio*, a partir da abordagem das representações da memória e da melancolia, bem como da tensão entre a vida pessoal e política, através do narrador-personagem, Martim. A hipótese é de que o romance do escritor manauense Milton Hatoum constitui - se como uma reformulação contemporânea do gênero *Bildungsroman*, “romance de formação”. *A noite da espera*, publicado em 2017, tem como pano de fundo o cenário da construção da nova capital federal entrelaçada à história da ditadura militar. A partir da arte, visita-se o contexto do nosso tempo presente, em que o impasse político, a desilusão e a incerteza sobre o futuro dos nossos jovens remetem-nos ao passado de dúvidas, apreensão, violência e trauma de jovens estudantes que sonhavam com um país menos desigual e injusto, e mais humanizado. Para verificar a hipótese de uma reformulação contemporânea do “romance de formação”, a partir questionamentos sobre como as vivências de Martim na juventude, em plena ditadura militar, impactaram seu amadurecimento e influenciaram a construção de sua personalidade melancólica. Após a pesquisa, fundamentada em estudos de Wilma Patrícia Maas (2020), Marcus Vinicius

Mazzari (2020), Ivan Izquierdo (2019), Jean Starobinski (2016), Sigmund Freud (2008), Jaime Ginzburg (2017), Erich Auerbach (2019), Antonio Candido (2014), Anatol Rosenfeld (2019), Karl Erik Schøllhammer (2019) entre outros, concluiu-se a validade dessa hipótese.

Palavras-Chave: *Bildungsroman*. Memória. Melancolia.

O SEIO DE MIRANDA

Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

Resumo: Realizada entre os anos de 1736 e 1738 pelo inglês William Hogarth, “Scene from Shakespeare’s The tempest”, também conhecida como “Ferdinand courting Miranda”, é considerada a mais antiga pintura de uma passagem daquele que é tido como o último drama do bardo. O quadro apresenta não um único evento, mas uma espécie de condensação de várias ações realizadas na segunda cena do primeiro ato de A tempestade: Prospero explica a natureza da tempestade à filha Miranda, depois narra a ela os percalços que os levaram a se encontrar na tal ilha deserta; coloca a jovem para dormir, de forma que possa conversar com Ariel sobre a tempestade que acaba de acontecer e dar-lhe outras ordens; acorda Miranda para que possam encontrar com Caliban; para finalmente colocar Ferdinand em contado com a jovem donzela, como artimanha para que os dois venham a se apaixonar um pelo outro. Se por um lado a cena retrata eventos e elementos tipicamente relacionados a A tempestade, por outro apresenta um surpreendente diálogo com uma religiosidade cristã, que torna o quadro muito original. O objetivo deste artigo é observar esse diálogo entre a narrativa dramática de A tempestade com uma mensagem religiosa, observando em especial o seio da donzela, sutilmente à mostra na pintura de Hogarth. Em forma de conclusão, ressalto que, embora de forma explícita fazer alusão a ações e elementos de uma cena do drama shakespeariano, Hogarth usa A tempestade, como pretexto para difundir uma mensagem iminentemente cristã.

Palavras-Chave: William Hogarth. Scene from Shakespeare's The tempest.
William Shakespeare. A tempestade. Tradução intersemiótica.

**O SUJEITO FEMININO ENQUANTO SER POLÍTICO E SOCIAL NO POEMA
“UMA MULHER PERGUNTA”, DE JARID ARRAES**

Cleane da Silva de Lima (UFPB)

Amanda Ramalho de Freitas Brito (UFPB)

Resumo: Este artigo analisa o sujeito feminino como ser social e político no poema *“Uma mulher pergunta”*, de Jarid Arraes. Para tanto, o método utilizado foi o qualitativo e tem como referencial teórico Hooks (2013), Beauvoir (1967), Arendt (1993), Davis (2016) e Saffioti (1987) com estudos sobre a mulher na sociedade e seu papel enquanto ser atuante e contribuinte no mundo. Por conseguinte, o poema referido busca questionar a maneira como homens e mulheres são apresentados e representados na sociedade, bem como a indagação a respeito da sensibilidade e da compreensão feminina sobre si e sobre o outro. Ademais, a sociedade traz uma distinção entre o sexo feminino e masculino que ainda é firmada no corpo como explorado no poema referido. Portanto, a literatura escrita por mulheres reivindica não somente seu posicionamento enquanto sujeito no mundo como também revela a forma como é exposta na sociedade.

Palavras-Chaves: Autoria feminina e sociedade. Mulher. Sujeito social e político. *“Uma mulher pergunta”*.

**O TESTIMONIO NA AMÉRICA LATINA COMO DENÚNCIA DA VIOLÊNCIA
DA ESCRAVIDÃO E DE REGIMES DITATORIAIS**

Paulo Bungart Neto (UFGD)

Resumo: A comunicação tem como objetivo apresentar alguns aspectos sobre a literatura de testemunho (ou *testimonio*) na América Latina, tanto do ponto de vista teórico quanto a partir da seleção de um número significativo de

narrativas que compõem o *corpus* de análise explorado em meu projeto institucional de pesquisa, desenvolvido na Universidade Federal da Grande Dourados, em Dourados-MS, nos âmbitos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, e intitulado “Memorialística latino-americana: intersecções entre história, narrativas ficcionais e literatura testemunhal”. Nesse projeto, com foco nas relações entre literatura, história, memória e política, entende-se a literatura de testemunho na América Latina em sua modalidade de denúncia e/ou romance-reportagem, conforme apontado por Márcio Seligmann-Silva em *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes* (2003), bem como enfatiza-se a diferença e complementaridade entre aqueles que testemunham – o *superstes* (sobrevivente direto de um evento-limite) e o *testis* (o “terceiro”, que testemunha indiretamente). Na primeira categoria, considerando apenas os depoimentos e memórias de autores da literatura brasileira, os exemplos são incontáveis, dentre os quais pode-se citar Fernando Gabeira (1979), Álvaro Caldas (1981), Herbert Daniel (1982), Alex Polari (1982), Carlos Eugênio Paz (1996; 1997), Flávio Tavares (1999) e muitos outros. Como *testis*, o exemplo atual mais notório é a obra *Ainda estou aqui* (2015), de Marcelo Rubens Paiva, que, aos onze anos de idade, testemunhou seu pai, Rubens Beyrodt Paiva, ser levado de casa por agentes da repressão, tendo, em seguida, sido preso, torturado, morto e, até os dias de hoje, considerado desaparecido político. Sobre a escravidão, abordarei alguns aspectos presentes em *Memórias de um cimarron: testemunho* (1986), de Miguel Barnet, obra inaugural do *testimonio* latino-americano. Além dos conceitos de literatura de testemunho desenvolvidos por Seligmann-Silva, a comunicação também pretende abordar obras a respeito das consequências históricas da repressão política na América Latina, como por exemplo *Situação-limite e memória: a reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos da Argentina* (2001), da antropóloga Ludmila da Silva Catela; e *Mortos e desaparecidos políticos: reparação ou impunidade?* (2001), coletânea organizada por Janaína Teles.

Palavras-Chave: Literatura de testemunho. América Latina. Ditaduras militares.

**PERCURSOS PARA A AUTOANIQUILAÇÃO FEMININA: ANÁLISE DO
ROMANCE MATAR! DE CHRYSANTHÈME**

Victória Loureiro Bulling (UFSM)

Resumo: Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos, de pseudônimo Madame Chrysanthème, foi uma das dezenas de escritoras deixadas para trás na história da literatura brasileira, uma das quais estão, aos poucos, sendo resgatadas à superfície da história. Publicado no ano de 1927, o romance *Matar!* trata de temas inquietantes ao longo de seu enredo. A obra retrata o tormento visceral de Margarida Hellis, abordando assuntos como sofrimento, abuso, prostituição e sexualidade através de uma escrita epistolar. Essas questões presentes durante toda a curta vida da protagonista contribuem para a sua última decisão: o suicídio. O objetivo deste trabalho é, a partir de uma análise temática da obra, refletir de que forma a consolidação do autoaniquilamento da protagonista relaciona-se com sua condição de gênero e a sua própria sexualidade, à luz dos conceitos de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1949) e de Hélène Cixous em *O Riso da Medusa* (1975), para observar os percursos seguidos pela protagonista durante a narrativa, e *O Deus Selvagem* (1973) de A. Alvarez para compreender a consumação do suicídio e as razões para tal ato de desespero. Palavras-Chave: Autoria feminina. Literatura brasileira. Gênero. Suicídio.

**POLÍTICAS DE ESQUECIMENTO E TESTEMUNHO NOS VERSOS DE
AREÔTORARE DE LOBIVAR MATOS**

Washington Batista Leite (UFGD)

Paulo Bungart Neto (UFGD)

Resumo: Esta comunicação investiga alguns poemas de Lobivar Matos em *Areôtorare: poemas boróros* (1935) à luz da noção de poética de testemunho, tomando como principal referência teórica as reflexões de Márcio Seligmann-Silva em *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico* (2022), partindo do pressuposto de que a poesia de Matos opera uma virada testemunhal, conceito chave em Seligmann-Silva que articula a ética do testemunho com a crítica às narrativas hegemônicas. Para tanto, analisamos como seus versos constituem um arquivo memorial das vivências em Corumbá na década de 1930. O trabalho demonstra que o intelectual assume a posição de *testis* (expectador) para registrar as condições de dor, miséria e os resquícios da lógica escravocrata que marcavam o cotidiano da população local. Concentramo-nos em examinar como essa escrita, para além de documentar experiências, ressignifica-as criticamente, articulando-se como uma forma de escrevivência testemunhal que questiona estruturas de poder e opressão. Conclui-se que a obra de Matos, lida por este viés, configura-se como um potente dispositivo de resistência e decolonização da memória, exemplificando a capacidade da linguagem literária de forjar narrativas contra-hegemônicas, tal como teorizado por Seligmann-Silva. Dessa forma, o trabalho evidencia a contribuição do poeta para as histórias locais sensíveis aos apagamentos e às políticas de esquecimento.

Palavras-Chave: Lobivar Matos. Poesia de testemunho. *Areôtorare*.

POR ENTRE AS FRESTAS DA HISTÓRIA: A RESSIGNIFICAÇÃO DE NARRATIVAS FEMININAS NOS TRABALHOS DE MARYSE CONDÉ E NANCY

HUSTON

Beatriz Tereno Correa Genial (USP)

Resumo: Esta comunicação propõe uma análise acerca de releituras de bruxas a partir das metaficções historiográficas *Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem* (1986), de Maryse Condé, e *Instruments des Ténèbres* (1996), de Nancy Huston. Inserido em um projeto que visa estabelecer diálogos entre a crítica

literária feminista e reinterpretações de personagens associadas à bruxaria, o estudo tem por objetivo explorar como essas obras revisitam essas figuras a partir de ficcionalizações críticas. Os romances de Condé e Huston reconstroem as trajetórias de Tituba e Barbe, mulheres mencionadas em registros históricos e acusadas por bruxaria, de modo que elas elaboram narrativas que tensionam as versões oficiais do passado em uma perspectiva subversiva no âmbito literário. Dessa forma, a fim de fundamentar a discussão desses trabalhos revisionistas, as confluências do discurso histórico e literário serão abordadas através das concepções teóricas de Roland Barthes e Hayden White. Por fim, os conceitos de Linda Hutcheon e Saidiya Hartman acerca da metaficção historiográfica e fabulação crítica serão colocados em questão para a exploração do gênero. Assim, a partir da análise, pretende-se discutir como essas ficcionalizações da história mobilizam criticamente a figura da bruxa em versões mais humanizadas e como se tornam relevantes para debates contemporâneos sobre gênero, memória e literatura

Palavras-Chave: Metaficção Historiográfica. Bruxas. Maryse Condé. Nancy Huston.

**QUANDO MEUS PEDAÇOS SE JUNTARAM AOS SEUS: RELAÇÕES
HOMOAFETIVAS LÉSBICAS EM “JUNTAR PEDAÇOS” DE MIRIAM ALVES**

Anna Amélia Oliveira Silva Pessoa (PUC-MG)

Resumo: O presente trabalho explora a representação de relações homoafetivas lésbicas na literatura afro-brasileira, com foco na construção da identidade da mulher negra na sociedade. O estudo enfatiza o papel da mulher negra na literatura brasileira, evidenciando como a obra *Juntar Pedacos* (2021), de Miriam Alves, aborda as relações em contextos que frequentemente são negligenciados. Para tanto, percorremos um percurso que aborda a construção imagética da mulher negra na sociedade e na literatura, por meio de um percurso histórico que investiga as violências

sistêmicas sofridas pelas mulheres negras dentro do cânone literário. Miriam Alves demonstra em sua obra como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para desafiar estereótipos e preconceitos, oferecendo um espaço importante para a expressão das vivências das mulheres negras lésbicas. A pesquisa contribui para uma compreensão assertiva das complexas dinâmicas de gênero e sexualidade no Brasil, destacando a importância de vozes marginalizadas na literatura afro-brasileira. Nesse sentido, toma-se como base teórica as ideias de González (2021); Lorde (2020); Crenshaw (2004); Akotirene (2019), dentre outros, para formular o corpus teórico do trabalho. Foi constatada a relevância de obras de autoras da literatura afro-brasileira que abordam temas como a homoafetividade, trazendo um novo panorama da escrita, diversificando a realidade de vivências afetivas encontradas dentro do âmbito literário.

Palavras-Chave: Literatura afro-brasileira. Lesbianidade. Miriam Alves. *Juntar Pedacos*.

QUANDO O DESEJO VIRA DOMINAÇÃO: LEITURAS DE INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

Katyelli dos Santos de Sousa (UEMA)

Resumo: Este trabalho propõe uma análise da narrativa de Aramides Florença, conto presente na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* de Conceição Evaristo, a partir de uma intersecção entre a violência doméstica e a objetificação do corpo feminino negro tido na obra enquanto lugar de disputa. A personagem Aramides é apresentada num contexto de vulnerabilidade social, física e emocional, isto porque vivencia a recém maternidade e o abandono do pai de seu filho. Evaristo por meio dessa conjuntura consegue tecer uma narrativa que entrelaça relações de gênero, raça e classe no qual o corpo feminino negro é alvo de diversas formas de violência, principalmente, a física, a sexual e a simbólica. Desse modo, é possível observar que o corpo da personagem protagonista não apenas sofre

violência, mas é visto como território de disputa pelo desejo masculino. Assim, através de uma metodologia bibliográfica e utilizando como auxílio teórico os postulados de Hooks (2019), Saffioti (2015), Carneiro (2003), Davis (2016) e o próprio conceito de escrevivência de Conceição Evaristo entre outros, este trabalho em sua análise reflete como a literatura da autora mostra a invisibilidade e o silenciamento histórico das mulheres negras e constrói uma narrativa capaz de denunciar as violências cometidas contra elas.

Palavras-Chave: Mulher negra. Violência. Corpo feminino.

RASURAS DA ESCRITA, NOTAS DE EMANCIPAÇÃO: A CRÍTICA SOCIAL EM CAROLINA MARIA DE JESUS A PARTIR DE SEUS DIÁRIOS

Lueldo Teixeira Bezerra (Uninassau)

Resumo: Maria de Jesus, compreendendo-o como gesto estético, político e crítico. Ao registrar o cotidiano da favela em cadernos reaproveitados e folhas avulsas, a autora transforma rasuras e notas fragmentárias em prática de emancipação simbólica, afirmando sua voz diante de um contexto histórico de silenciamento. A metodologia adotada consiste em uma leitura crítico-interpretativa de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e de outros registros, com destaque para passagens em que Carolina comenta sua relação com o escrever, as limitações materiais impostas pela pobreza e o desejo de reconhecimento literário. O aporte teórico articula contribuições de Hutcheon (1991), ao pensar a autorreflexividade e a metaficção; de Jacques Derrida (2020), ao compreender a rasura como inscrição significativa; de Foucault (2006), na noção de escrita de si como prática de subjetivação; e de autoras como bell hooks (1995;2019) e Evaristo (2005), que fundamentam a escrita da mulher negra como experiência de resistência e emancipação. Benjamin (2012) também é convocado para refletir sobre fragmentos e restos como modos de narrar a experiência histórica. Os resultados indicam que a escrita de Carolina não se limita ao testemunho social, mas constitui um

exercício autorreflexivo que articula vida e literatura, convertendo as marcas da precariedade em estética da resistência e crítica social, onde a palavra se configura como espaço de luta, emancipação cultural e transformação.

Palavras-Chave: Carolina Maria de Jesus. Quarto de despejo: diário de uma favelada. Escrita. Rasuras. Emancipação.

**REALISMO, FICÇÃO E HISTORIOGRAFIA EM DUAS VEZES JUNHO, DE
MARTÍN KOHAN**

Aron Luy Costa Pontes (UEPA)

Resumo: Este artigo trata do realismo como conceito aplicado à narrativa ficcional, onde mostra a construção de um realismo pós-traumático e pós-ditatorial através de recursos narrativos frequentemente explorados pelo romance contemporâneo latino-americano e que testemunham em favor de uma memória do trauma ditatorial negligenciada pela escrita historiográfica. Para dar suporte utiliza-se o romance *Duas vezes junho* (2005), do escritor argentino Martín Kohan como objeto de análise e para aporte teórico à análise do romance de Kohan são utilizadas as definições de realismo extraídas dos trabalhos de Roland Barthes e Jacques Rancière. Ao longo do texto também são citadas as reflexões de Walter Benjamin sobre a épica e a historiografia, bem como as contribuições de James Wood e Umberto Eco para a compreensão do realismo como construção ficcional. A análise nos leva a confirmar a hipótese de que o romance de Martín Kohan extrapola os limites conceituais e metodológicos definidos por Roland Barthes, Flaubert, e por Jacques Rancière que questiona as teses barthesianas acerca do mesmo romancista. Mais de um século depois de Flaubert, o romance contemporâneo ainda responde ao desafio de dizer traumas históricos. 1

Palavras-Chave: Realismo. Romance. Martín Kohan. *Duas vezes junho*. Historiografia.

**RECONTANDO A HISTÓRIA: METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA E
DISCURSO COLONIAL EM TERRA PAPAGALLI**

Anita Ryane Magalhães Lopes (UFT)
Dinameire Oliveira Carneiro Rios (UFT)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar de que maneira a literatura pode contribuir para recontar criticamente a história da colonização do Brasil e desestabilizar discursos hegemônicos sobre os povos indígenas, tomando como corpus o romance *Terra Papagalli* (2011), de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. A pesquisa parte da hipótese de que a obra, ao adotar uma perspectiva pós-moderna e paródica do passado colonial, utiliza humor, ironia e estratégias metaficcionais para revelar a parcialidade e a artificialidade dos discursos colonizadores. Metodologicamente, desenvolve-se uma leitura analítico-interpretativa fundamentada nos estudos da metaficção historiográfica de Hutcheon (1991), nas reflexões de Walter Benjamin (1994) sobre a ruptura da linearidade histórica, bem como nas contribuições de Homi K. Bhabha (1998) e Raimundo Nonato de Castro (2010) acerca da representação do “outro” no discurso colonial. A narrativa, situada no século XVI e conduzida por Cosme Fernandes, degredado português que escreve cartas a um conde europeu, expõe um narrador pouco confiável, impregnado de preconceitos e visões estereotipadas. Essa caricatura dos indígenas, ao mesmo tempo que reproduz estigmas, também os desvela, evidenciando a violência simbólica que sustenta a visão eurocêntrica. Como resultado, a análise demonstra que *Terra Papagalli* oferece uma revisão crítica da memória histórica nacional, ao tensionar apagamentos e silêncios da história oficial e evidenciar a literatura como espaço de resistência simbólica e reconfiguração dos sentidos do passado.

Palavras-Chave: Literatura. Colonização. Metaficção.

**REESCRITURA DO TRAUMA E RESISTÊNCIA FEMININA EM TAMBÉM
GUARDAMOS PEDRAS AQUI, DE LUIZA ROMÃO**

Claudia Simone Cavalcanti (IFRN/ UERN)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar como a obra *Também guardamos pedras aqui* (2021), de Luiza Romão, ressignifica personagens femininas da mitologia grega para denunciar práticas de violência de gênero e silenciamento estrutural. A proposta parte da compreensão de que a poesia contemporânea de autoria feminina constitui um espaço de resistência e de reelaboração de memórias coletivas marcadas pelo trauma. A metodologia empregada consiste em uma leitura crítico-interpretativa da obra, que relaciona os procedimentos estéticos de Romão às discussões propostas pelos estudos literários e culturais contemporâneos. Como aporte teórico-crítico, mobilizam-se Foucault (relações de poder e corpo), Bourdieu (violência simbólica), Seligmann-Silva (literatura e testemunho do trauma) e Tiburi (linguagem e crítica feminista), de modo a articular corpo, memória e subjetividade. A análise aponta que Romão revisita figuras como Medusa, Cassandra e Antígona, deslocando-as do mito para o presente, transformando-as em vozes que testemunham dores históricas, mas também projetam resistência. Conclui-se que a obra não apenas evidencia a persistência das violências patriarcais, como também inscreve novas formas de subjetivação feminina, fazendo da poesia um espaço de denúncia, reexistência e reconfiguração simbólica do trauma.

Palavras-Chave: Autoria feminina. Violência de gênero. Trauma. Silenciamento. Resistência.

**REIVINDICANDO O DIREITO AO PASSADO: MEMÓRIA E CENSURA DO
ROMANCE AMADA (1987), DE TONI MORRISON**

Josenildo Ferreira Teófilo da Silva (Seduc-CE)

Resumo: Ao discutir sobre as marcas da escravidão na contemporaneidade, a

escritora canadense Dionne Brand (2022) busca definir diáspora como um lugar que se imprime no meio do peito, isto é, como uma marca de identificação, de reconhecimento de pessoas negras similar à cruz impressa a ferro no corpo da mãe da personagem Sethe, em *Amada* (1987), de Toni Morrison. A diáspora seria, portanto, uma encruzilhada que se abre para vários caminhos, para várias narrativas que nunca foram contadas, que nunca foram dadas a devida importância, pois, como afirma Saidiya Hartman (2021), o passado é um território em contante disputa entre “vencedores” e “derrotados”. Ao atravessarem a “porta do não retorno” em direção à jornada transatlântica da escravidão, cativos passavam antes por um “ritual de esquecimento”, tendo em vista que esquecer suas origens e antepassados era importante para que esse indivíduo “morresse” em vida e, assim, “renascesse” para uma nova existência de servidão. Hoje vivenciamos a tentativa de repetição desse mesmo ritual de esquecimento, com atos empreendidos por governos conservadores e autoritários como o do atual presidente Donald Trump, que busca apagar a memória, reescrever a história e soterrar os rastros não só da violência, mas também de força e resistência da população negra. Partindo de uma leitura e discussão do já referido romance *Amada*, de Morrison, buscamos pensar os processos de censura e silenciamento de narrativas sobre a escravidão empregados pelo governo Trump, questionando a quem interessaria essa obliteração do passado. Além das referências citadas, nos valem também de discussões levantadas por Christina Sharpe (2023) e Ariella Azoulay (2024), bem como de dados fornecidos pela *PEN America*.

Palavras-Chave: Literatura norte-americana. Censura. Esquecimento. Governo Trump. Narrativas diaspóricas.

**RELOCAÇÕES DO CÂNONE NA CORPORIFICAÇÃO DO DUPLO ENTRE O
MÉDICO E O MONSTRO (1992[1886]) E A SUBSTÂNCIA (2024)**

Karla Vitória Alves Bezerra (UFPI)

Tiago Barbosa Souza (UFPI)

Resumo: Este trabalho analisa comparativamente o romance *O Médico e o Monstro* (1992[1886]), de Robert Louis Stevenson, e o filme *A Substância* (2024), de Coralie Fargeat, observando como ambas as narrativas reconfiguram o corpo como espaço simbólico determinante para a narrativa. A investigação parte do entendimento do filme como a atualização crítica de uma obra canônica. Nessa relocação, a figura do duplo é retomada e reinscrita em um contexto contemporâneo marcado por disputas identitárias, normatividade estética e gênero. A análise apoia-se em aportes da psicanálise (Freud, 2011; 2018; Rank, 2013), dos estudos de gênero (Beauvoir, 2019; 2024; Wolf, 1992), da antropologia do corpo (Le Breton, 2007; 2011; 2017) e das teorias do grotesco e do monstruoso (Kristeva, 1983; Cohen, 2000; Nazário, 1998). Ademais, demonstra-se que, tanto na narrativa literária quanto na fílmica, a impossibilidade de integrar o eu reprimido e a imagem socialmente idealizada resulta na aniquilação simbólica do sujeito e na recusa do corpo como lugar de existência. Evidencia-se, assim, que *A Substância* (2024) não apenas relê o enredo clássico de Stevenson, mas o atualiza ideologicamente ao tensionar padrões normativos ligados à beleza e ao consumo e ao alterar o gênero da protagonista e sua cópia, determinando a reconstrução de todas as implicações do advento do duplo na trama. Nesse sentido, os resultados do estudo destacam, entre outros aspectos, como relocações literárias permitem reinscrever narrativas canônicas em novos contextos, revelando sua potência crítica diante de questões sociais e culturais contemporâneas.

Palavras-Chave: Relocações literárias. Corpo. Monstruoso. Duplo.

REMEMORAÇÕES DE UMA INFÂNCIA – A NARRATIVA TESTEMUNHAL EM
PORQUE HOJE É SÁBADO, DE MARIA JOSÉ SILVEIRA
Helyana Kelle Resende Miranda (IFPI/ UESPI)

Resumo: o presente trabalho tem como objetivo analisar como a memória e o trauma de testemunhos de catástrofes históricas são abordados no conto *Porque hoje é sábado* da escritora brasileira Maria José Silveira, presente no seu livro *Felizes poucos – onze contos e um curinga* (2016), buscando perceber as ressignificações da infância da personagem-narradora, visto que ela e sua família sofreram as dores de um regime ditatorial o qual deixou marcas em sua vida, assim como a relevância desse tipo de literatura como instrumento de combate ao negacionismo desse período de horror na história do Brasil. A metodologia utilizada para tal estudo foi uma pesquisa do tipo bibliográfica, fundamentada na natureza descritiva com análise qualitativa, partindo de uma perspectiva teórica ancorada nos estudos sobre narrativa, história, memória individual/coletiva e as possibilidades de representação de traumas históricos na literatura, considerando seu contexto ficcional discutida por autores como Beatriz Sarlo (2007), Márcio Seligmann-Silva (2003, 2008), Jeanne Marie Gagnebin (2006), Halbwachs (2006), e Figueiredo (2010). Com este estudo, foi possível observar que a protagonista, não nominada na narrativa, utilizou-se da rememoração para reelaborar seu presente, além de expor os acontecimentos brutais da ditadura pelo viés de um sobrevivente, proporcionando reflexões por parte do leitor do que realmente foi esse período catastrófico.

Palavras-Chave: narrativa testemunhal. Ditadura. Maria José Silveira. Porque hoje é sábado.

**REMINISCÊNCIAS DO GÓTICO E A ABJEÇÃO QUE CORRE NAS VEIAS:
SEXUALIDADE, PODER E HORROR FEMININO EM ‘SANGUE COAGULADO’
DE MÓNICA OJEDA**

Ana Carolina Macedo Camargos (UFU)

Resumo: Este trabalho investiga a obra gótica andina *Sangue Coagulado* de Mónica Ojeda, explorando as intersecções entre poder e sexualidade em articulação com manifestações da Literatura Gótica. As reminiscências do

gótico são analisadas à luz de Botting, enquanto a perspectiva foucaultiana é mobilizada para compreender a sexualidade como domínio de controle e disciplina, no qual discursos e práticas sociais estruturam a compreensão do corpo e da identidade. Além disso, a análise incorpora o conceito de abjeção de Kristeva, considerando o sangue feminino como elemento que provoca repulsa e fascínio, desafiando fronteiras entre corpo, identidade e normas sociais. A hipótese principal do trabalho parte do pressuposto de que a narrativa de Ojeda, permeada por elementos góticos como grotesco e transgressão, revela como horror e violência se entrelaçam com dinâmicas de poder, refletindo como experiências femininas são moldadas por discursos sociais e históricos e destacando a complexidade da sexualidade e da luta pela afirmação da identidade feminina em um mundo hostil. A sexualidade no conto é entrelaçada com temas de dor, morte e biologia do corpo feminino, incluindo menstruação, estupro e aborto, e a relação do narrador com seu próprio corpo. Conclui-se que o sangue é apresentado não apenas como sinal de fertilidade e vida, mas também como símbolo de dor, morte e abjeção, refletindo a dualidade da experiência feminina. Trata-se de pesquisa bibliográfica, cujas referências de Botting (1996), Foucault (1999) e Kristeva (1982) dão suporte à leitura crítico analítica do conto.

Palavras-Chave: Gótico. Abjeção. Sangue. Sexualidade. Horror.

REPRESENTAÇÕES DA MATERNIDADE MONSTRUOSA NA LITERATURA BRASILEIRA DE HORROR DE AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEA

Tharcylla Beatriz Fontenele Oliveira (UESPI)

Resumo: A imposição da maternidade à mulher permanece hoje como um problema alicerçado pela conjuntura patriarcal que regula, normatiza e essencializa a função reprodutiva como delimitadora de sua natureza. Tal idealização é reforçada pelas narrativas oficiais que invisibilizam o lado mais negativo dessa experiência, o qual, entretanto, não é incomum. Partindo dessa ausência, a literatura de autoria feminina tem buscado representar a

forma real que a maternidade assume, recorrendo pontualmente a uma escrita inquietante mediante o insólito. Nesse sentido, este trabalho apresenta uma leitura da maternidade em suas vias monstruosas, a partir da perspectiva crítica do horror ficcional na produção de duas escritoras brasileiras contemporâneas: Marcela Dantés e Natércia Pontes, em seus respectivos contos “Gilda” e “Chorona”. Para tanto, objetiva-se analisar como a representação materna extrapola os modelos convencionais estipulados à mulher no papel de mãe que lhe é pré-determinado, considerando a inscrição do horror como um meio que, através do choque, promove a reflexão sobre as ansiedades e os medos que percorrem a maternidade. Sendo uma pesquisa bibliográfica de cunho analítico-interpretativo, parte-se dos pressupostos teóricos apontados por Carroll (1999) e Aldana Reyes (2016) na definição do gênero horror; Cohen (2000) e Creed (2024) sobre a figura do monstro na representação da alteridade e do feminino; alinhando-se, ainda, aos estudos de gênero com Badinter (1985), acerca do mito do amor materno e O’Reilly (2016) sobre o conceito de maternidade patriarcal. Assim, é possível concluir que as narrativas em questão representam a maternidade, paradoxalmente, como fonte de vida e de morte.

Palavras-Chave: Maternidade. Horror. Autoria feminina. Literatura. Representação.

REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS: ENTRE O INSÓLITO E O TERROR NOS TEXTOS DE ENRIQUEZ E SCHWEBLIN

Dalva Desirée Climent (UERJ/ UFRJ)

Resumo: As crianças, ao longo das décadas, surgem como importantes elementos para desencadear os eventos sobrenaturais no cinema e na literatura de terror e horror. Se na contemporaneidade as sociedades parecem querer protegê-las (ARROYO, 1994), historicamente o ser criança assumiu diferentes configurações (ARIÈS, 1978). Um exemplo histórico ocorreu no período da Revolução Industrial, quando as crianças eram

obrigadas a longas jornadas de trabalho, recebendo salários inferiores aos dos adultos (DEL PRIORE, 1997). Se hoje as narrativas destinadas ao público infantil costumam privilegiar finais felizes, no passado predominavam desfechos violentos e perturbadores, como nos contos clássicos de Jacob e Wilhelm Grimm, Hans Christian Andersen e Charles Perrault (CAMPOS, 2016). Interessa-nos, portanto, analisar como as crianças vêm sendo representadas na literatura contemporânea em língua espanhola, sobretudo em textos ancorados no terror, horror e insólito. Para tanto, propomos a leitura crítica de contos presentes em duas publicações argentinas recentes: *Un lugar soleado para gente sombría* (ENRIQUEZ, 2024) e *El buen mal* (SCHWEBLIN, 2025). O aporte teórico mobiliza as reflexões sobre o insólito (LÓPEZ-PELLISA; LUIS GARZÓN, 2019), o conceito de “estranho” (FREUD, 1974), bem como estudos que exploram o fantástico e suas fronteiras com o sobrenatural (BARRENECHEA, 1972; TODOROV, 1975; ALAZRAKI, 1990; VAX, 1965; CORTÁZAR, 1982 [2016]). Espera-se, com este estudo, mapear e analisar de que forma as crianças, muitas vezes sub-representadas nos textos literários, tornam-se elementos centrais na construção de relatos que evidenciam questões complexas da realidade social contemporânea.

Palavras-Chave: Crianças. Literatura Contemporânea. Insólito. Terror. Narradoras argentinas.

SER TÃO PATATIVA DO ASSARÉ: A VOZ QUE CANTA O SERTÃO

Yasmim Marinho Reis (UESPI)

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UESPI)

Resumo: Este trabalho analisa a poética de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, como espaço privilegiado de representação do sertão nordestino e de seus sujeitos. Inserido na tradição da literatura de cordel e da poesia popular, Patativa reelabora fragmentos da memória coletiva do povo sertanejo, articulando experiências de seca, fome, religiosidade, êxodo e resistência. A pesquisa tem como corpus as obras *Cante lá que eu canto cá*

(1978), *Ispinho e fulô* (1988) e *Aqui tem coisa* (1994), nas quais se observa a construção de um imaginário em que o sertão se configura, simultaneamente, como lugar de carência e de potência simbólica. A análise baseia-se em revisão bibliográfica sobre cultura popular, nordestinidade e cordel, dialogando com a crítica literária e cultural contemporânea. Os resultados parciais apontam que a poesia patativana opera uma (re)invenção do passado ao transformar vivências individuais e coletivas em narrativas líricas que tensionam estereótipos e afirmam identidades subalternizadas. Nesse sentido, a obra do poeta pode ser lida como um gesto de metaficção historiográfica, na medida em que inscreve no campo literário a voz do sertanejo como sujeito histórico e cultural, revisitando, pela poesia, a história fragmentária do Nordeste. Conclui-se que a poesia de Patativa do Assaré transcende o registro regionalista, constituindo-se como memória e resistência diante das contradições sociais brasileiras.

Palavras-Chave: Patativa do Assaré. Sertão. Nordestinidade. Literatura de cordel. Memória cultural.

**SÃO LUÍS, “EU ESCOLHI CANTAR-TE”: A CIDADE QUE EMERGE DAS
LEMBRANÇAS NA OBRA MEMORIAL POESIA DE VILMA MUNIZ VERAS**

Nátali Conceição Lima Rocha (UEMA/ UESPI)

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/ UESPI)

Resumo: Halbwachs (2003) ao discorrer sobre como a memória individual e coletiva, afirma que esta é ancorada nos espaços em que os indivíduos vivem e também no grupo social em que se relacionam. Dessa maneira, o presente trabalho visa analisar como eu-lírico utiliza-se da poesia para rememorar o espaço citadino ludovicence, a partir das percepções adquiridas outrora. A cidade de São Luís foi considerada Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade em 1997, devido às construções inspiradas na arquitetura portuguesa e que foram erguidas entre os séculos XVI e XVII. Fazem parte deste constructo histórico, ruas, igrejas, sobrados e fontes que vêm

resistindo ao transcorrer do tempo, ao abandono imposto pelas autoridades e a intervenção dos homens. Ancorando-se no espaço da cidade, o eu-lírico traz nos versos da obra, reflexões sobre como estes espaços permeiam a memória individual e coletiva e destacam a sua importância para a manutenção da cultura local. Para esta pesquisa bibliográfica e qualitativa foram essenciais os estudos de Bergson (1999), Pereyer (2000), Halbwachs (2003), Olender (2017), entre outros. Paz (1982) ao discorrer sobre a poesia assevera que estas são resultado das vivências do eu-lírico. Assim, o sujeito poético da obra utiliza-se da ludicidade propiciada pela linguagem lírica para explicitar seus sentimentos, emoções e a saudade que o permeia, fazendo assim uma ode à São Luís.

Palavras-Chave: São Luís. Memória. Cidade. Poesia.

SOLO PARA VIALEJO: A RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE UM SERTÃO A PARTIR DA MEMÓRIA MUSICAL

Stella Maria Palitot Dias de Lacerda (UFPB)

Resumo: Solo para vialejo (2019) é uma incursão memorialística de Cida Pedrosa à sua infância em Bodocó/PE. A voz poética fala especialmente do som negro no sertão, exercendo autorreflexão, fabulação e especulação acerca de memórias sobre os músicos negros da cidade, que tocavam ritmos como jazz e blues, em interlocução com registros e impressões de uma História oficial sobre a região. Este trabalho buscou compreender a construção de uma poética contemporânea acerca de um sertão do passado. Os objetivos foram: 1. investigar o papel da música na construção da logopeia memorialística do poema; 2. verificar como a escrita de memórias sobre músicos negros sertanejos realiza uma reconstrução historiográfica contracolonial. A metodologia utilizada foi a da pesquisa bibliográfica qualitativa, exercendo crítica literária sociológica à luz de referenciais teóricos como Bosi (1977); Gonzalez (1984); Pollak (1989), Albuquerque Júnior (2011; 2012); Colonna (2014) e Bispo dos Santos (2023). Em Solo para

vialejo, as elaborações poéticas sobre atividades e vivências musicais contam memórias subterrâneas sobre o território e sujeitos sertanejos atingidos por um regionalismo de inferioridade e outros sistemas de opressão. Entende-se que constitui-se resistência à colonialidade no poema a partir do desvelamento de memórias que contrapõem-se à dizibilidade e à visibilidade habitualmente conferidas a esses sujeitos, reconstruindo histórias. Nessa epopeia, com características líricas e narrativas, entre autoficcionalidade e historicidade, a memória é fundamento da atividade poética, e também pode reverberar enquanto consequência, nos efeitos estéticos gerados a partir dela. Palavras-Chave: Cida Pedrosa. Poesia. Sertão. Memória. Contracolonialidade.

SUBJETIVIDADES MASCULINAS NEGRAS NAS MEMÓRIAS DA OBRA O AVESSO DA PELE

Paola Mariana Sória (FEEVALE)

Resumo: “O Averso da Pele” (2020) é uma obra marcada pelo incômodo. Escrito por Jeferson Tenório, o livro aborda temáticas como racismo, violência policial e – de forma tão intensa quanto – o luto, os afetos e as vivências de pessoas negras. Assim, por acreditarmos que alguns incômodos são politicamente necessários, abordamos essa obra e seus personagens Pedro e Henrique a fim de pensar as subjetividades negras sob a ótica da masculinidade, a partir da linguagem e suas significações. Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem teórico-interpretativa em busca de uma análise aberta ao movimento do pensamento (Adorno, 2003) e que considere nossa experiência estética e literária (Barthes, 1987; Lopes, 2012). Articulado a essa perspectiva, propõe-se refletir sobre as personagens não como expressões de identidades fixas, mas como efeitos de práticas discursivas atravessadas por relações de poder (Foucault, 1999b; Scott, 2017) e marcadas por categorias como gênero, raça e classe (Collins, 2020). Nesse contexto, mobiliza-se a noção de performatividade de gênero (Butler, 2018; 2019) para compreender como essas subjetividades se constituem, se reiteram ou se

desviam das normas vigentes. Tendo isso em vista, observa-se um movimento pendular, em que as personagens ora se aproximam da masculinidade hegemônica (Connell, 2005; Connell e Messerschmidt, 2013; Grossi e Novaes, 2021), ora dela se afastam. Tal oscilação revela brechas nas normas de gênero para outras formas de autorrepresentação e abre a possibilidade de diversificar os agenciamentos (Lauretis, 1994) das subjetividades negras.

Palavras-Chave: Literatura. Subjetividade. Masculinidades Negras. Performatividade.

TEMPOS DE REPRESSÃO: HISTÓRIA E FICÇÃO EM VOLTO DE VOLTO

SEMANA QUE VEM (2015), DE MARIA PILLA

Maria Eduarda de Carvalho Nascimento (UESPI)

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Resumo: As relações entre literatura e história está hoje no cerne do debate e apresentam-se no centro de questões que caracterizam a contemporaneidade: a crise dos paradigmas de análise da realidade, o fim da crença nas verdades absolutas legitimadoras da ordem social, a compreensão da história como discurso, a perspectiva da interdisciplinaridade como caminho para o diálogo da literatura com as ciências humanas e com as diversas expressões artísticas. A Literatura e a História são maneiras de explicar o presente, reinventar o passado, pensar o futuro, e empregam estratégias retóricas para abordar em forma de narrativa os fatos sobre os quais se propõem a contar. Nesse sentido, o estudo da literatura dentro de uma perspectiva da metaficção historiográfica adquire significados bastante característicos. Assim, objetivamos analisar a obra "Volto semana que vem" (2015) de Maria Pilla, observando as relações entre Ficção e História, mostrando como esses elementos constituem a outra possibilidade de verdade histórica, a que é perspectivada pela literatura (Jesus, p.02, 2021). Essa obra se adéqua a esse campo de produção, uma vez que trata, a partir de um ponto de vista do

contra discurso das versões oficiais do processo histórico brasileiro, especialmente, as questões ditatoriais, além de aproveitar para dar ênfase às personagens históricas que são reconfiguradas na através da escrita da autora.

Palavras-Chave: Literatura. História. Metaficção Historiográfica.

**TENÓRIO JR. AINDA VIVE: MÚSICA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NA
LITERATURA BRASILEIRA**

Rafael Siqueira Vargas (UFGD)

Paulo Bungart Neto (UFGD)

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a permanência simbólica de Tenório Júnior na cultura brasileira, a partir da intersecção entre música popular, literatura e memória política. Desaparecido durante a ditadura militar argentina, o pianista tornou-se um ícone da repressão transnacional e da fragilidade dos corpos artísticos frente à violência de Estado. Ao ser evocado no romance *Qualquer Maneira de Amar: Um romance a sombra da ditadura*, de Marcus Veras, Tenório Júnior é reinscrito na ficção como figura de resistência, memória e afeto. A análise parte da hipótese de que a arte — em suas múltiplas linguagens — atua como arquivo sensível, capaz de reativar lembranças silenciadas e tensionar os limites entre história e invenção. A metodologia adotada é qualitativa, com enfoque na análise textual e crítica cultural. O estudo se apoia nos aportes teóricos de Maurice Halbwachs, Márcio Seligmann-Silva e Aleida Assmann, e propõe que a presença de Tenório Júnior no romance de Veras reafirma o papel da arte como espaço de denúncia, elaboração e sobrevivência.

Palavras-Chave: Tenório Júnior. Ditadura militar. Música brasileira. Memória cultural.

**TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA NA SOMÁLIA : VIRTUDES COTIDIANAS EM
CONTEXTO DE CONFLITOS EM A MOONLESS, STARLESS SKY DE ALEXIS
OKEOWO**

Ana Luísa Mescouto Figueiredo Barros (UFPA)

Resumo: Esta pesquisa investiga os testemunhos, a resistência e como as virtudes cotidianas (o cuidar, a dignidade e as atividades de espírito) se expressam no capítulo intitulado “Somália” da obra “*A moonless, starless sky*”, de Alexis Okeowo. A análise foca nessas características a partir dos acontecimentos decorrentes na guerra civil da Somália, questões envolvendo o fundamentalismo islâmico, a fé como ferramenta de opressão e a proibição feminina ao esporte no país. Este estudo apropria-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa de cunho exploratório (GIL, 2002) aliada à literatura comparada (CARVALHAL, 2017), cujo referencial teórico está ancorado na fortuna crítica dos autores Alfredo Bosi (1996) referente à literatura de resistência, Wilberth Salgueiro (2012) a respeito da literatura de testemunho e Todorov (2017) acerca das virtudes cotidianas. Nossos resultados estão em fase preliminar, pois essa pesquisa está em desenvolvimento dentro do projeto de pesquisa CRENAC (Configurações de Resistência em Narrativas Anglófonas Contemporâneas), orientado pela professora Dra. Ana Lilia Carvalho Rocha.

Palavras-Chave: Resistência. Testemunho. Virtudes Cotidianas. Somália.

**“THE WEREWOLF” E “THE COMPANY OF WOLVES”: O USO DA MISE EN
ABYME EM CONTOS DE ANGELA CARTER**

Matheus Carlesso da Silva (UEMS)

Resumo: O termo *mise en abyme*, cunhado por C. E. Magny, e discutido também pelo escritor francês André Gide, refere-se a uma técnica literária caracterizada pela repetição, pelo espelhamento, pela duplicação e pela construção caleidoscópica ou fractal. Essa técnica se manifesta em diversas

formas de arte, desde pinturas até anúncios publicitários e também na literatura. Dessa forma, nossa pesquisa busca relacionar a referida técnica com os contos “*The Werewolf*” e “*The Company of Wolves*”, presentes no livro *The Bloody Chamber and Other Stories* (2015), da autora inglesa Angela Carter que, após ler e traduzir para o inglês as histórias clássicas do autor francês do século XVII Charles Perrault, Carter obteve um material riquíssimo com o qual soube trabalhar e subverter a sua estética narrativa, rompendo estruturas tradicionais, especialmente no que se refere à representação feminina e à dominação masculina. À luz de teóricos como Lucien Dällenbach (1989), Véronique Labeille (2011) e Mariângela Alonso (2015), que se dedicam ao estudo da *mise en abyme*, além de pesquisadores especialistas na obra de Carter, como Cleide Antonia Rapucci (2024) e Marie Mulvey-Roberts (2022), nosso estudo visa realizar uma revisão bibliográfica dos autores previamente citados, com o objetivo de investigar, identificar e categorizar as manifestações da *mise en abyme* presentes nos contos selecionados. Ademais, o presente estudo pretende contribuir para um maior reconhecimento dos escritos de Angela Carter no Brasil, reforçando a relevância da autora, bem como um aprofundamento dos estudos teóricos sobre a *mise en abyme* no contexto da literatura contemporânea.

Palavras chave: Angela Carter. *Mise en abyme*. Literatura Inglesa. *The Bloody Chamber*. Contos.

**TRAUMA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA OBRA MULHERES EMPILHADAS
(2019), DE PATRÍCIA MELO**
Giulia Isabele Silva Cruz (UESPI)

Resumo: Na América Latina, marcada por uma história de violência estrutural, desigualdades sociais e legados coloniais que atravessam a vida das mulheres, a literatura tem se afirmado como espaço de resistência e denúncia. Nesse contexto, este trabalho objetiva analisar o romance *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, como narrativa que denuncia a violência

de gênero e o silenciamento de corpos femininos na sociedade brasileira contemporânea. A obra revela múltiplas manifestações de violência: física, moral, psicológica e estrutural, evidenciando como a lógica patriarcal e autoritária sustenta mecanismos de opressão que naturalizam o trauma e culpabilizam as vítimas. A metodologia empregada consiste em uma leitura crítico-literária da obra em diálogo com aportes teóricos como Simone de Beauvoir, Saffioti, Zilá Bernd, Lúcia Zolin e Sigmund Freud, além de outras perspectivas críticas que atravessam os traumas da violência de gênero. O objetivo é refletir sobre como Melo constrói, por meio da ficção, uma narrativa de denúncia que evidencia o impacto social e psíquico da violência sobre as mulheres, ao mesmo tempo em que tenciona discursos hegemônicos e possibilita a elaboração simbólica do trauma. Os resultados frutos dessa análise indicam que o romance reafirma a literatura de autoria feminina como espaço de resistência cultural e política, dando visibilidade a experiências históricas de opressão e violência propondo novas formas de representação da memória e da dor feminina.

Palavras-Chave: Violência de gênero. Trauma. Silenciamento. Resistência. Literatura contemporânea.

**UMA CRÍTICA AO FEMINICÍDIO POR MEIO DA FIGURA DO DUPLO NO
CONTO “SÃO PAULO É COMO UM MUNDO TODO”, DE SOCORRO ACIOLI**

Brenda França (UCS)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “São Paulo é como um mundo todo”, de Socorro Acioli, a partir da representação da violência de gênero e da impunidade do agressor, discutidas por meio da figura do duplo feminino. A pesquisa, de caráter bibliográfico, fundamenta-se nos estudos de Bordieu (2012), Cláudia Cristina Ferreira (2024), França e Nestarez (2024), Otto Rank (1939) e Heleith Safiotti (1987), que abordam temas como o insólito e a presença fantasmagórica do passado, a noção de duplo e a opressão de gênero. A análise evidencia como o conto constrói uma

crítica ao feminicídio, ao apresentar um duplo que ultrapassa a concepção tradicional, misturando o aspecto fantasmagórico com a marca da violência estrutural contra a mulher. Esse duplo, que não encontra repouso e busca vingança, materializa-se como reflexo de uma sociedade que oprime ao invés de proteger, e silencia ao invés de acolher, mesmo diante da morte ou de crimes hediondos. Dessa forma, a narrativa expõe como, em diversos contextos, a vítima é acusada e revitimizada, enquanto o agressor permanece impune. A atmosfera do insólito, cuidadosamente construída ao longo da narrativa, revela-se plenamente no desfecho, momento em que a crítica social se intensifica. Assim, conclui-se que a obra de Acioli contribui para pensar a literatura como espaço de denúncia e resistência frente à violência de gênero. Palavras-Chave: Violência de gênero. Feminicídio. Duplo feminino. Insólito. Socorro Acioli.

UMA INVESTIGAÇÃO METAFICCIONAL A PARTIR DE META – DEPTO. DE CRIMES METALINGUÍSTICOS

Maria Victória Ruela de Seixas (PUC-SP)

Resumo: A metaficcional, como uma linguagem, pode ser utilizada de diferentes formas no cenário literário. Como ela não é o “o quê”, mas o “como”, o formato, ela pode se apresentar no texto, como é o caso no clássico *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), mas também na diagramação, nas ilustrações e até menos no projeto gráfico como um todo. Os experimentos e propostas de inovação artística do livro como um objeto que pode assumir diversos formatos e apresentar a sua narrativa de diversas maneiras vêm se tornando cada vez mais estudados no Brasil. Muitos desses livros são livros-objeto, livros-imagem ou até mesmo histórias em quadrinhos. Essa comunicação se debruçará sobre uma investigação do uso da linguagem metaficcional nas histórias em quadrinhos, mais especificamente na obra *Meta – Depto. De Crimes Metalinguísticos*, publicada em 2020 pela Zarabatana Books, idealizada por Marcelo Saravá e André

Freitas, vencedora, em 2021, do prêmio Jabuti como Melhor História em Quadrinhos. O objetivo dessa comunicação é apresentar como a linguagem metaficcional textual e visual se compartilha em uma narrativa de história em quadrinhos brasileira através de uma análise bibliográfica para formar um embasamento crítico-teórico. Para tal, serão utilizados majoritariamente os estudos do autor Gustavo Bernardo e das pesquisadoras Patricia Waugh e Luara Almeida.

Palavras-Chave: Metaficção. Histórias em quadrinhos. Linguagem visual.

UMA MULHER NO ARCADISMO: RESGATE DA POESIA DE ILDEFONSA

LAURA CÉSAR

Maria Alice Ferreira da Silva (UFAL)

Karla Renata Mendes (UFAL)

Resumo: Nascida em Salvador, Ildefonsa Laura César é considerada a primeira mulher intelectual da Bahia e autora de "Ensaio poético" (1844), obra responsável por inaugurar a literatura de autoria feminina no estado. O presente trabalho, de caráter qualitativo e documental, propõe-se a examinar trechos de duas de suas líras, "Quanto invejo da pastora" e "Si de um rio nas margens situada", com o objetivo de resgatar a figura da escritora em questão e a sua obra de estreia, situando-a no contexto do Arcadismo por meio de apontamentos estilísticos e historiográficos. A fundamentação teórica se sustenta em Blake (1970), Coelho (2002), Muzart (1999) e Vicente Jr. (2024) no campo historiográfico e biográfico, em Bosi (2015) e Moisés (1983) para a caracterização do movimento árcade, e em Del Priore (2022), Rich (2017), Sabino (1996), Schmidt (2012) e Zolin (2009), que discutem a crítica feminista e os silenciamentos impostos pelo cânone literário. Pretende-se, pois, reinscrever Ildefonsa Laura César na literatura brasileira e ampliar o debate sobre a presença de mulheres na construção do espaço intelectual nacional.

Palavras-Chave: Ildefonsa Laura César. “Ensaio poéticos”. Arcadismo. Crítica Feminista.

VAQUEIRO E CAVALEIRO, MITO E REALIDADE DO SERTÃO

Ana Maria Bezerra do Nascimento (UESPI)

Resumo: O vaqueiro é parte mito e parte realidade. É um personagem do romance brasileiro e, em *Os Sertões* de Euclides da Cunha (2006) é descrito como um personagem de imaginosas linhas “verdadeiras ou ilusórias”, com atributos definidos e imutáveis, que mesmo nas maiores crises apressava-se para a luta adaptando-se às condições do meio, à imagem de “bárbaro, impetuoso, abrupto”. De outro modo, Le Goff (2009), apresenta o cavaleiro medieval, que é antes de tudo um guerreiro, um homem que possui pelo menos um cavalo e combate a cavalo. Então perguntamos, como vaqueiro e cavaleiro se tornou um personagem do romance brasileiro? E no Piauí, como esse personagem é apresentado no romance piauiense? O estudo na revisão da literatura de *Euclides da Cunha* e *Le Goff*, nos conceitos de domínio do imaginário e representação. Enfim, os estudiosos descrevem o vaqueiro e o cavaleiro, mito e realidade de um tipo de sociedade – sertaneja e medieval – de uma época; utiliza certas formas, estilos, temas; escolhe uma narrativa com precisão e abundância de detalhes sobre tradições, hábitos e costumes. Palavras-Chave: Vaqueiro. Cavaleiro. Romance. Sertão. Imaginário.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CONTOS DE HORROR CONTEMPORÂNEOS BRASILEIRO E ARGENTINO

Carolina Montebelo Barcelos (UERJ/ PUC-Rio)

Resumo: A crítica literária latino-americana vem ressaltando a irrupção da escrita de autoria feminina neste século XXI e, com ela, um grupo de escritoras que vêm renovando o terror e gótico. Em suas narrativas, um dos temas recorrentes é a violência em diversas formas, mormente contra a

mulher. À vista disso, o objetivo desta comunicação é analisar, em perspectiva comparada, “Chicos que faltan”, do livro *Los peligros de fumar en la cama* (2009), da portenha Mariana Enriquez, e “Qualquer outra parte do corpo”, do livro *Vespeiro* (2023), da gaúcha Irka Barrios. Nos dois contos o horror toma forma de violência contra a mulher perpetrada por personagens masculinos, mas ao passo que no primeiro tais personagens variem de familiares a desconhecidos, incluindo aí o Estado, no segundo trata-se de um único personagem cujo crime de estupro tem como consequência, em certo sentido, a condescendência da família da vítima. Além de considerações acerca da escrita contemporânea de horror feitas por Noël Carroll e Catherine Spooner, a análise será assentada a partir das reflexões de Julia Kristeva sobre abjeção e de Marcela Lagarde y de los Ríos e Rita Laura Segato sobre violência contra a mulher e sua relação intrínseca com o patriarcado. Ainda, o conceito derridiano de espectralidade será relacionado ao conto de Enríquez. À guisa de conclusão, será considerado como os corpos femininos nos contos remetem à noção levada a cabo por Elódia Xavier de *corpo degradado*.

Palavras-Chave: Literatura contemporânea. Argentina. Brasil. Horror. Violência contra a mulher.

VOZ E RESISTÊNCIA EM MEMÓRIAS DE MARTA (1889) DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Katyelli dos Santos de Sousa (UEMA)

Resumo: Este trabalho busca analisar a figura feminina Ilhôa do livro *Memórias de Marta* de Júlia Lopes de Almeida. Para isso é fucral entender as condições de vida adversas enfrentadas no cortiço e evidenciar os desafios e resiliências das mulheres pobres do século XIX. O cortiço ambiente que se instaurou nos espaços periféricos das grandes cidades a partir do século XIX com o processo de industrialização foi tema de destaque de muitas obras. Em *Memórias de Marta*, Júlia Lopes nos apresenta um cortiço sob o olhar

burguês da protagonista Marta que interpõe essa visão sobre todos os moradores desse local, mostrando estereótipos e ao mesmo tempo quebrando-os ao longo da narrativa. Frente a isso, é possível observar a construção da visão estereotipada da mulher pobre apresentada pela personagem feminina Ilhôa. Portanto, através de uma metodologia de cunho bibliográfica e abordagem qualitativa, utilizamos para auxílio teórico os pressupostos de Saffioti (1976) acerca da mulher na sociedade de classes, Roncador (2007) sobre a representação de lavadeiras e criadas nas obras de Júlia Lopes de Almeida, entre outros. A análise pretende demonstrar como Ilhôa encarna práticas de sobrevivência, trabalho e solidariedade feminina no cortiço, possuindo agências sutis que desafiam a leitura unilateral da protagonista e da própria ordem social.

